



universität
wien

DIPLOMARBEIT

Titel der Diplomarbeit

„As influências das línguas indígenas no Português do
Brasil“

Verfasserin

Aline Liliane Courtois Vosatka

angestrebter akademischer Grad

Magistra der Philosophie (Mag.phil.)

Wien, 2012

Studienkennzahl lt. Studienblatt:

A 236 357

Studienrichtung lt. Studienblatt:

Diplomstudium Romanistik UniStG Portugiesisch

Betreuer:

o. Univ.-Prof. Dr. Georg Kremnitz

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que me apoiaram com idéias, sugestões, incentivos e correções, a todos que me ajudaram a tornar possível a realização deste trabalho de Mestrado. Em primeiro lugar gostaria de agradecer à minha maravilhosa irmã Raquel Luciane de Souza Courtois pela sua paciência, seu amor e pelo tempo que dedicou lendo todo o trabalho, à minha querida mãe pelo amor e dedicação que sempre teve conosco, muito obrigada a toda minha amada família. Agradeço também a meu esposo Michael Vosatka pelas suas críticas construtivas, incentivo e valiosas sugestões. Muito obrigada a toda família Vosatka que me deu tanto apoio moral e força para finalizar este Mestrado. Um obrigado especial à Ursula Vosatka e a Edgar Medina pela ajuda na busca de literatura ao longo deste trabalho e pelas correções. Evidentemente gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Georg Kremnitz por ter sido meu orientador e pela sua paciência e disposição em me ajudar. Agradeço e dedico este trabalho principalmente aos povos indígenas do Brasil pela enorme herança que deixaram no léxico e na cultura brasileira, herança que pode ser sentida até os dias atuais.

RESUMO

O presente trabalho visa mostrar a riqueza e abundância da presença indígena no português do Brasil usando para isso como plano de fundo o contexto histórico-social. O objetivo é acompanhar os empréstimos linguísticos das línguas indígenas ao longo dos séculos até os dias atuais, saber quando foram mais intensos, em quais áreas mais se destacaram e qual impacto deixou na cultura brasileira. Foram encontrados diversos antropônimos, topônimos, nomes de instituições, utensílios, fragmentos na fraseologia, lendas, canções de origem indígena. Como resultado observa-se que a maior e mais incontestável contribuição das línguas indígenas ao português brasileiro encontra-se no léxico, principalmente nas palavras relacionadas com a natureza, a saber: a flora, a fauna, a toponímia, entre outros. Estes primeiros empréstimos estão relacionados à época da colonização do Brasil e ao prestígio que a língua dos nativos adquiriu com o passar do tempo. Como resultado observou-se também que os empréstimos de origem indígena ao português brasileiro no século XX e XXI e que aparecem sobretudo em nomes de instituições, campanhas publicitárias, em diversos campos da ciência como a Paleontologia, estão ligados a uma “brasilidade” e buscam diferenciar o Brasil diante de outros países, aportando-lhe um caráter autêntico e único.

Palavras-chave: Português brasileiro, empréstimos linguísticos, línguas ameríndias, línguas indígenas.

ABSTRACT

Die vorliegende Arbeit versucht, den Reichtum und die Fülle der indigenen Anwesenheit im Portugiesisch Brasiliens vor dem Hintergrund des historisch-soziologischen Kontextes aufzuzeigen. Das Ziel ist, die Lehnwörter der indigenen Sprachen durch die Jahrhunderte bis in die heutige Zeit zu begleiten, zu wissen, wann diese am stärksten verwendet wurden, in welchen Bereichen sie am stärksten hervorgetreten sind und welchen Eindruck sie in der Kultur Brasiliens hinterlassen haben. Zahlreiche Anthroponyme, Toponyme, Bezeichnungen von Institutionen, Gegenständen, Überbleibsel in der Phraseologie, Erzählungen und Lieder mit indigenem Ursprung werden beschrieben. Als Ergebnis wird dargelegt, dass sich der größte und unleugbarste Beitrag der indigenen Sprachen auf das brasilianische Portugiesisch im Wortschatz findet, hauptsächlich in Wörtern mit Bezug zur Natur, das bedeutet, Begriffe aus Flora und Fauna oder der Toponymie und ähnlichem. Diese ersten Lehnwörter sind mit der Epoche der Kolonisation Brasiliens verbunden und mit dem Ansehen, das die Sprache der Ureinwohner im Lauf der Zeit erwarb. Als Ergebnis zeigt sich auch, dass die Lehnwörter indigenen Ursprungs im brasilianischen Portugiesisch, die im 20. und 21. Jahrhundert vor allem in Bezeichnungen von Institutionen, Werbekampagnen und in diversen Gebieten der Wissenschaft erscheinen, mit einer brasilianischen Identitätsfindung verbunden sind und versuchen, Brasilien kulturell gegenüber anderen Ländern abzugrenzen und dem Land einen authentischen und einzigartigen Charakter zu verleihen.

Schlagwörter: Brasilianisches Portugiesisch, Lehnwörter, Amerind-Sprachen, Indigene Sprachen

ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| AGRADECIMENTOS | III |
| RESUMO..... | V |
| ABSTRACT | VII |
| ÍNDICE | IX |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| 1 A CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS AMERÍNDIAS | 5 |
| 1.1 As famílias linguísticas ameríndias do continente americano..... | 5 |
| 1.2 As línguas indígenas do Brasil e suas respectivas famílias..... | 13 |
| 2 PRINCIPAIS EMPRÉSTIMOS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DESDE O DESCOBRIMENTO DO BRASIL ATÉ O SÉCULO XVIII | 20 |
| 2.1 Pindorama: descobrimento e os primeiros contatos | 20 |
| 2.2 Primeiros anos após o descobrimento: do Tupi Antigo à Língua Geral e a política de miscigenação..... | 23 |
| 2.3 Empréstimos indígenas do século XVI ao XVIII: nomes da fauna e flora brasileiras com expressões populares e pejorativos | 30 |
| 2.3.1 Mamíferos | 32 |
| 2.3.2 Aves | 33 |
| 2.3.3 Répteis | 36 |
| 2.3.4 Anfíbios | 36 |
| 2.3.5 Peixes | 37 |
| 2.3.6 Insetos..... | 38 |
| 2.3.7 Outros invertebrados..... | 39 |

| | | |
|-----|--|----|
| 2.4 | Expressões coloquiais em Português oriundas no período colonial | 41 |
| 2.5 | Capitanias hereditárias (1532-1548): alianças entre europeus e nativos..... | 43 |
| 2.6 | Expedições exploratórias: entradas e bandeiras e a expansão do território | 46 |
| 2.7 | Empréstimos de topônimos indígenas do século XVI ao XVIII..... | 48 |
| 2.8 | Escravidão indígena e africana: os contatos linguísticos entre as línguas indígenas, africanas e o Português | 54 |
| 2.9 | Missões jesuítas: a língua como instrumento de evangelização | 57 |
| 3 | TEXTOS ESCRITOS: VALORIZAÇÃO DA CULTURA E LÍNGUA INDÍGENA ... | 63 |
| 3.1 | A documentação do Tupi: Padre José de Anchieta e a primeira gramática em língua tupi (1595) | 63 |
| 3.2 | A documentação do Guarani: António Ruiz de Montoya e a primeira gramática em língua guarani (1640)..... | 66 |
| 3.3 | Adaptações fonéticas e adulterações na língua dos Tupinambás..... | 68 |
| 3.4 | Significados etimológicos de alguns topônimos e nomes da flora e fauna brasileiros com termos de origem indígena..... | 72 |
| 3.5 | Século XIX e o Indianismo: exaltação de vocábulos indianistas na poesia e prosa | 74 |
| 3.6 | Semana de Arte Moderna (1922): Tupi or not Tupi that is the question | 82 |
| 3.7 | Primeira Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil | 86 |
| 4 | SÉCULO XX E XXI: EMPRÉSTIMOS ATUAIS DE TERMOS INDÍGENAS AO PORTUGUÊS DO BRASIL: A ETERNA BUSCA PELA BRASILIDADE? | 88 |
| 4.1 | O papel histórico nos empréstimos modernos e outras razões importantes para sua ocorrência..... | 88 |
| 4.2 | Antropônimos de origem Tupi e Guarani e outras línguas indígenas..... | 89 |
| 4.3 | Topônimos de origem Tupi e Guarani e outras línguas indígenas..... | 94 |

| | | |
|------|---|-----|
| 4.4 | Nomes de instituições, artistas brasileiros, personagens humorísticos e entretenimento no Brasil..... | 97 |
| 4.5 | A Paleontologia e os nomes e mitos indígenas | 104 |
| 4.6 | Palavras indígenas usadas como pejorativos no Português do Brasil..... | 109 |
| 4.7 | Lendas brasileiras: o mundo infantil e as palavras indígenas..... | 112 |
| 4.8 | Cantigas de roda e ninar: a Galinha Pintadinha e outras | 120 |
| 4.9 | O gaúcho e seu léxico indigenista | 125 |
| 4.10 | Situação atual dos povos indígenas | 129 |
| | CONCLUSÃO..... | 133 |
| | BIBLIOGRAFIA | 136 |
| | DEUTSCHE ZUSAMMENFASSUNG | 149 |
| | CURRICULUM VITAE | 157 |

INTRODUÇÃO

Para entender melhor os empréstimos das línguas indígenas ao português do Brasil e suas respectivas línguas é importante conhecer o desenvolvimento e a história dos primeiros habitantes do continente americano. No que refere-se ao desenvolvimento do ser humano provavelmente há cerca de 200 mil anos surgiu o “homem moderno” pertencente à espécie *Homo sapiens*. O *Homo sapiens* habitou primeiro grande parte da África e mais tarde espalhou-se pelo mundo inteiro. No que concerne ao povoamento das Américas não há um consenso geral quanto à data exata e à quantidade das possíveis correntes migratórias ao continente. O antropólogo Christy Turner defende a teoria dos três fluxos migratórios, conforme este modelo deu-se o povoamento das Américas a partir de três correntes migratórias subsequentes, eram caçadores e coletores vindos do nordeste da Sibéria pelo estreito de Bering. Destas três migrações apenas os povos da primeira corrente migratória não fixaram moradia nas áreas próximas à sua entrada, no Canadá e no norte dos Estados Unidos, e sim, migraram em direção à América do Sul.

Quando os europeus chegaram ao continente provavelmente encontraram entre 2 a 4 milhões de pessoas, contudo é difícil determinar um número exato, já que não é possível aos estudiosos comprovar estes dados. Atualmente o país possui cerca de 230 povos indígenas, somando aproximadamente 0,2% da população do país. Acredita-se que eram 1.000, as línguas indígenas da época do descobrimento, hoje em dia estas línguas estão reduzidas a aproximadamente 180 línguas. Um número muito menor se comparado com a estimativa do século XV. As línguas assim como a população foram dizimadas devido a doenças trazidas pelos europeus, as quais os indígenas não eram imunes, também devido à escravidão indígena, guerras e outros fatores.

As línguas indígenas do Brasil e a sua influência no português do Brasil é o tema central deste trabalho, as línguas indígenas que sobreviveram à colonização dividem-se em quatro grandes grupos: o tupi, o jê, o caribe e o arauaque.

No que concerne a sua classificação, quase todas as línguas indígenas brasileiras estão divididas em dois grandes troncos, o Tupi e o Macro-Jê. Há, no entanto, famílias linguísticas que não podem ser classificadas em nenhum destes troncos,

porque não possuem semelhanças suficientes para serem agrupadas. A família linguística Tupi-Guarani pertence ao tronco Tupi, esta família merece destaque neste trabalho porque do Tupi e Guarani Antigo, duas línguas pertencentes a esta família foi que se emprestou a maioria dos vocábulos indígenas ao português do Brasil.

Os empréstimos das línguas indígenas tanto no campo lexical quanto no fonético e morfológico tiveram uma influência significativa no português do Brasil, este trabalho busca acompanhar essa influência através do desenvolvimento histórico e social da nação brasileira, focalizando dois pontos principais: os empréstimos nos anos que seguiram o descobrimento e colonização do Brasil e os empréstimos do século XX e XXI.

Os primeiros contatos entre europeus e os habitantes nativos do território que hoje se conhece como o Brasil deu-se através de gestos, como explica o escrivão português Pero Vaz de Caminha em sua carta sobre o “achamento” do Brasil datada de 1500 e escrita ao rei D. Manuel. Percebe-se neste documento de Caminha que os portugueses não entenderam ao princípio a língua dos nativos do litoral com quem tiveram os primeiros contatos e nem estes á dos portugueses. A língua falada pelos índios com que os portugueses tiveram os primeiros contatos era o Tupi ou Tupinambá, esta língua adquiriu grande importância com o passar dos anos, por ter sido adotada como língua de evangelização e também por ter se tornado língua vernácula durante os séculos XVI e XVII. Este desenvolvimento pelo qual passou a língua, será analisado neste trabalho. Os primeiros empréstimos começaram a acontecer a partir destes primeiros contatos sendo o principal motivo nesta época a “necessidade”, os europeus chegando a um lugar totalmente desconhecido, cuja fauna e flora muito se diferenciavam dos de seus países de origem decidiram integrar ao seu vocabulário muitos vocábulos novos. Estima-se que apenas do Tupi, língua indígena que mais emprestou vocábulos ao português do Brasil foram 10 mil vocábulos.

A língua dos Tupinambás modificou-se e adquiriu grande importância entre os séculos XVI e XVIII, esta língua foi disciplinada e modificada pelos jesuítas e passou a ser chamada de Língua Geral, na Língua Geral predominava a estrutura e a maioria dos vocábulos do Tupi Antigo, mas também apareciam nela vocábulos africanos e portugueses. Nesta época os empréstimos à Língua Portuguesa ocorriam principalmente por uma questão de prestígio.

Do século XIX ao XXI ainda há empréstimos de termos das línguas indígenas ao português do Brasil, no entanto, eles acontecem por outras razões históricas. No fim do século XIX os empréstimos estavam ligados a Independência do Brasil e representavam uma tentativa de independizar-se também dos ideais portugueses para valorizar e formar uma cultura própria.

Os vocábulos indígenas atualmente (re)emprestados ao português do Brasil são geralmente palavras que já foram emprestadas ao Português em outras épocas, mas que por serem termos indígenas aportam hoje em dia uma característica única para estes vocábulos, distinguindo o Brasil diante de outros países e línguas, talvez a busca de uma “brasilidade” ou “identidade nacional” e o desejo de distinguir-se através da sua variedade cultural e linguística seja a principal causa dos empréstimos indígenas atuais.

1 A CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS AMERÍNDIAS

1.1 As famílias linguísticas ameríndias do continente americano

Para entender melhor os empréstimos das línguas indígenas ao português do Brasil é importante conhecer o desenvolvimento e a história dos primeiros habitantes do continente americano e suas respectivas línguas. No que refere-se ao desenvolvimento do ser humano provavelmente há cerca de 200 mil anos surgiu o “homem moderno” pertencente à espécie *Homo sapiens*, isto é, o homem atual. O *Homo sapiens* habitou grande parte da África, onde se acredita ser o berço da humanidade, espalhando-se pelo mundo inteiro. Estima-se que por volta de 70-75 mil anos migrou para fora deste continente, habitando a Austrália há aproximadamente 60 mil anos, a Eurásia há cerca de 40 mil anos e mais tarde a América há pelo menos 15 mil anos. Supõe-se terem sido ao todo três migrações, a primeira tentativa de migração em direção a Ásia Menor deu-se há mais de 100 mil anos, no entanto, não foi bem sucedida, a segunda e a terceira em direção a Ásia Oriental e a Eurásia datam respectivamente de aproximadamente 70-75 mil e 55 mil anos (Fitzhugh/Crowell, 1988 apud Haarmann, 2006, p.97-103). No continente americano só foram encontrados fósseis da espécie *Homo sapiens*, o que leva os arqueólogos e paleontólogos a concluir que outras espécies de Homo, como o homem de Neanderthal na Europa, não habitaram em nenhum momento as Américas.

Em relação ao povoamento das Américas não há um consenso geral no que se refere à data exata e à quantidade dos possíveis fluxos migratórios ao continente, sabe-se, no entanto, que seu povoamento ocorreu muito depois de na Ásia, na África e na Europa. Muito se tem publicado nos últimos anos concernente a datas e fluxos migratórios às Américas,¹ contudo, a hipótese das três migrações apresentada pelo antropólogo Christy Turner em 1983 ainda destaca-se das demais. Turner fez análises dentárias de diferentes povos pré-históricos como os do sul,

¹ Há uma teoria chamada de *Dois Componentes Biológicos Principais*, defendida pelo biontópologo brasileiro Walter Neves e o geógrafo Luis Beethoven Piló da Universidade de São Paulo (USP), eles publicaram em 2008 um livro intitulado *O Povo de Luzia- Em Busca dos Primeiros Americanos*, de acordo com esta teoria houve dois fluxos migratórios, há 14 e 11 mil anos, sendo que os traços da primeira população assemelham-se a dos africanos e aborígenes da Austrália e na segunda os traços se assemelham ao dos povos asiáticos típicos, os antepassados dos índios atuais. cf. Silveira, Evanildo da, *Antes de Colombo: Chegada do homem ao território americano é alvo de pesquisas e polêmica*. Arqueologia. Disponível em: <http://www.icb.ufmg.br/lbem/reportagens/AntesdeColombo2009rpb.pdf> Acesso em: 30 março 2011.

leste e nordeste da Ásia, da Austrália, da Melanésia e das Américas. Sua teoria foi reafirmada em 1986 pelo lingüista e genético Joseph H. Greenberg, conforme este modelo deu-se o povoamento das Américas a partir de três correntes migratórias subsequentes de caçadores e coletores vindos do nordeste da Sibéria pelo Estreito de Bering, isto quer dizer que todas as populações nativas americanas teriam descendência asiática.

Durante as últimas glaciações, por volta de 18 mil anos, o nível das águas do mar era 90 metros inferior em relação ao atual, o que contribuiu para a formação de uma ponte natural chamada de Beríngia ou Ponte Terrestre de Bering que ligava o Alasca (USA) à Sibéria (Rússia) por onde passaram os povos paleoameríndios e diversas espécies de animais terrestres, como por exemplo, os mamutes siberianos extintos há 10 mil anos (Feest/Kann, 1992, p.14). Até aproximadamente 11 mil anos era possível atravessar o Estreito de Bering, depois desta data o gelo derreteu-se e o nível das águas do mar aumentou o que provocou a submersão da Beríngia. Os primeiros habitantes das Américas eram, a princípio, caçadores nômades que seguiram estes mamutes até o Alasca e lá permaneceram (Haarmann, 2006, p.97-104). Mais tarde esses povos desenvolveram uma agricultura primitiva e pobre, baseada principalmente no cultivo do milho, o que lhes permitiu tornarem-se sedentários.

Joseph H. Greenberg em seu livro *A quantitative approach to the morphological typology of language* afirma que as línguas dos povos pertencentes a estas três correntes divergiam significativamente, a ponto de se poder identificar o perfil de três grupos de línguas das Américas. Tanto Turner como Greenberg afirmam que o primeiro fluxo migratório teria dado origem aos índios da América Central e do Sul, dos maias aos ianomâmis e a grande maioria dos povos ameríndios norte-americanos.²

Os povos da segunda e terceira migração não se expandiram para o sul. A segunda corrente migratória teria originado os indígenas que falam línguas Na-Dene (Alasca), os ancestrais de apaches e navajos na costa do Pacífico dos Estados Unidos e do Canadá, enquanto que o terceiro fluxo migratório seria a dos ancestrais distantes

2 Müller, André; Velupillai, Viveka; Wichmann, Søren et al. *ASJP World Language Tree of Lexical Similarity: Version 2* (2009). Disponível em: <http://email.eva.mpg.de/~wichmann/WorldLanguageTree-002.pdf> Acesso em: 07 junho 2011.

dos esquimós e dos povos aleutas do Ártico. A cultura das populações do terceiro fluxo migratório apresenta traços dos povos denominados proto-esquimós, estes foram os últimos a migrarem da Sibéria para as Américas. As variantes regionais da língua dos esquimós da Sibéria e América e a dos Aleutas formam uma família linguística chamada Esquimó-Aleúte.

É possível definir um parentesco linguístico entre as línguas da segunda e terceira corrente migratória, porém há dificuldade de estabelecer uma afinidade histórica destas com a da primeira corrente. Segundo o geneticista de populações Cavalli-Sforza as línguas dos paleoameríndios, ou seja, dos povos da primeira corrente migratória possuem a mesma origem, já que os ancestrais dos primeiros paleoamericanos provavelmente devem ter vindo de uma região relativamente limitada e os seus descendentes misturaram-se com parentes distantes ou não de tal maneira que tornou-se difícil de reconhecer suas línguas (Cavalli-Sforza et al., 1994, p.325).

Há a hipótese de que a primeira migração tenha ocorrido há 11 mil anos, no entanto, alguns arqueólogos acreditam que o povoamento da América já tenha acontecido há 13 mil anos, de acordo com estas hipóteses os povos da Cultura Clóvis teriam sido os primeiros habitantes do Novo Mundo. Alguns vestígios arqueológicos descobertos atualmente no Texas pelo investigador americano Michael R. Waters e seus colegas datam de 15.500 anos.³ Há ainda especulações que o povoamento tenha ocorrido já muito antes, há aproximadamente 30 mil anos, contudo, para comprovar estas especulações falta a datação em carbono (Haarmann, 2006, p.98; Caldeira, 1997, p.8). A segunda corrente migratória deu-se há cerca de 12-10 mil anos e a terceira ocorreu há aproximadamente 10 mil anos.

Recentemente publicou-se um artigo na revista *Nature* intitulado *Reconstructing Native American population history*⁴ em que é comprovada através de estudos genéticos a teoria das três migrações, neste estudo foi confirmado também que o primeiro fluxo migratório, no qual um grande número de pessoas migrou ao norte do continente americano, ocorreu há mais de 15 mil anos, seguido de outros dois. Chegou-se a estes dados através da análise de 493 genomas dos habitantes nativos

3 Waters, Michael R.; Forman, Stevens L.; Jennings, Thomas A et al. *The Buttermilk Creek Complex and the Origins of Clovis at the Debra L. Friedkin Site*. Texas. Science, Vol. 331 no. 6024 pp.1599-1603, DOI: 10.1126/science.1201855.

4 Reich, Patterson, Campbell et al. *Reconstructing Native American population history*. Nature 11258, DOI: 10.1038.

americanos deste cenário, feita por uma equipe de pesquisa formada por 64 cientistas do mundo inteiro.

Esta pesquisa genética revela também que a hipótese de migração ao sul da primeira onda migratória e a permanência no norte do continente da segunda e terceira onda migratória está correta. Os pesquisadores verificaram também que 50% do material genético dos povos da segunda e terceira migração são da primeira onda migratória, o mesmo resultado foi obtido em testes genéticos, nos quais 365.000 polimorfismos de nucleotídeo (SNPs) separados foram analisados. Isto significa que os povos que vieram depois se misturaram com os do primeiro fluxo migratório. Dois casos que levam a constatar que houve migração de retorno, no primeiro caso verificou-se que um grupo na América Central possui parentesco com povos do norte e do sul e no segundo caso comprovou-se que alguns povos na Sibéria possuem DNA norte-americano, isto quer dizer que alguns povos retornaram ao seu lugar de origem.

Como se pode observar os povos paleoamericanos da primeira corrente migratória não fixaram moradia nas áreas próximas à sua entrada, no Canadá e no norte dos Estados Unidos, e sim, migraram até a Terra do Fogo, arquipélago na extremidade sul da América do Sul, atualmente estas terras são territórios da Argentina e Chile. Essa migração dos povos e animais selvagens com destino ao sul ocorreu quase 2 mil anos após derreter-se a barreira de gelo ao leste do Alasca e que separava este do atual Canadá, esse derretimento ocorreu há cerca de 12 mil anos. A pesquisa publicada na revista *Nature* revelou também que a maioria destes povos migrou pela costa em direção ao sul.

Sendo assim as populações paleoameríndias expandiram-se por todo o continente americano, nele construíram grandes impérios e desenvolveram importantes civilizações, tais como a dos maias. Povos que habitavam a América Central e utilizavam uma espécie de escrita com hieroglífos, eram também excelentes observadores dos astros (cf. Varela, 2005, p.137; Feest/Kann, 1992, 33). Os incas povoavam o oeste da América do Sul, eram ótimos tecelões e joalheiros. Os astecas, povo do hoje México, construíram um império magnífico que impressionou os conquistadores espanhóis. As civilizações e impérios dos primeiros habitantes do continente foram parcial ou totalmente destruídos com a chegada dos europeus no século XV. No entanto, os povos que habitavam o Brasil, se comparados com esses

povos, eram considerados primitivos.

Portanto, de acordo com a teoria das três correntes migratórias de Turner e Greenberg os habitantes nativos do Brasil descenderiam dos povos da primeira migração. Moacyr Soares Pereira em seu livro *Índios Tupi-Guarani na pré-história* conta como foi à adaptação destes povos:

“Os menos cultos, provavelmente os mais antigos, já esquecidos de suas tradições e absorvidos pelo novo gênero de vida, ambientaram-se para assegurar a existência. Não se dedicaram logo à agricultura, vivendo da caça, pesca e coleta de frutos e raízes. Os vínculos culturais com os ancestrais deixaram de prevalecer. Continuavam a maioria índia, cujo exemplo era a família G, a mais velha do país, além dos aimorés, segundo alguns cientistas. Estes aborígenes incultos eram chamados tapuias pelos tupis. Os guaianases eram considerados bárbaros pelos Guaranis.” (Pereira, 2000, p.13).

No que se refere à classificação das línguas em geral, em termos históricos é importante ressaltar que o interesse pelo estudo das línguas só surgiu de fato no século XVIII, na época do Iluminismo europeu, este estudo foi incentivado pela imperatriz russa Catarina II. No século XIX as línguas passaram a ser nitidamente classificadas. A preocupação antes era do tipo normativo, sendo assim, até então, só se estabelecia regras de como falar e escrever bem.⁵ Junto aos estudos das línguas apareceu também o intento de classificá-las e isto seguindo três critérios principais: geográfico, etnológico e de ordem tipológica.⁶ No decorrer do tempo também se desenvolveu um outro critério para classificar as línguas, o critério genético. Foi assim que surgiram a gramática histórica e o comparativismo linguístico, métodos utilizados para estabelecer se as línguas possuem semelhanças genéticas entre si.

A classificação das línguas ameríndias foi mais complexa e até hoje em dia não pôde ser completamente concluída, já que muito pouco se conhece sobre algumas destas línguas, além disso, muitas vezes as informações de que se dispõe são incompletas, as próprias transcrições fonéticas ao princípio eram precárias, por vezes duvidosas e faltavam também para as línguas estágios anteriores para servir de ponto de referência (ibid., p.145).

5 No Iluminismo europeu o objetivo principal era de ampliar a inteligência humana, seu domínio e compreensão da natureza, desta maneira não houve apenas o interesse pelas línguas europeias, mas também por outras línguas espalhadas ao redor do mundo (cf. Mattoso Câmara, 1977, p.139).

6 Hoje em dia sabe-se que os dois primeiros critérios são ineficientes na classificação das línguas, porque não há relação entre a língua e a geografia, pois qualquer língua pode sobreviver em qualquer lugar só precisa que seja levada pelos povos que a falam. A raça também não é fator determinante na classificação das línguas, para Sapir a língua e a cultura produzem um desajustamento, por ser a língua uma forma autônoma, que, uma vez criada, se desenvolve dentro de leis próprias, sem precisar imprescindivelmente da cultura. Em quanto a tipologia era quando iniciou-se os estudos das línguas um método muito precário, Mattoso, afirma que há vestígios desse critério nas primeiras classificações das línguas indígenas da América. O critério tipológico foi também empregado pelo conhecido linguista August Schleicher (cf. Mattoso Câmara, 1977, p.140).

O linguista brasileiro Dall'Igna Rodrigues descreve o desafio que os linguistas encontram no que concerne ao conhecimento e classificação das línguas indígenas e dialetos:

“Quando as línguas são mal conhecidas, como é freqüentemente o caso das línguas indígenas brasileiras, essa situação de indefinibilidade ocorre muitas vezes: há uma língua Tupí-Guaraní? Ou uma língua Tupí e uma língua Guaraní? Ou diversas línguas Tupí e diversas línguas Guaraní? Mesmo quando se adquire conhecimento razoável das línguas, ainda restam problemas técnicos, como a definição de língua em contraposição à definição de dialeto, a distinção entre formas antigas e modernas do que pode ser uma mesma língua.” (Rodrigues, 1994, p.18).

Assim como outras línguas, também as línguas das populações ameríndias que os europeus encontraram no século XV e XVI, são o resultado de um longo processo de desenvolvimento que vinha ocorrendo desde a migração destes povos para as Américas. Muitas destas línguas distanciaram-se significativamente das suas origens a ponto de não se poder fazer uma reconstrução linguística das mesmas. Isto acontece porque as línguas estão sujeitas a alterações constantes, os falantes de uma língua a ajustam de acordo com as suas necessidades de compreensão, a língua exige comunicação explícita e deve ser o mais fácil possível. Aryon Dall'Igna Rodrigues descreve como se realiza este processo em seu livro *Línguas Brasileiras*, segundo ele quando as comunidades se dividem em novas comunidades e quando há pouco ou nenhum contato entre os indivíduos dessas comunidades, diminui a necessidade de ajuste da língua o que leva a um distanciamento cada vez maior das suas origens ou o desaparecimento total da necessidade de ajuste comunicativo, há então diferenças significativas em suas falas e se tornarão desta forma línguas cada vez mais diferentes no decorrer do tempo.

Este mesmo processo histórico ocorreu com muitas línguas ameríndias, algumas conservaram alguns elementos que permitem identificar uma origem comum e outras perderam muitos dos seus elementos originais, à medida que o tempo passa fica cada vez mais difícil identificar elementos em comum, porque eles se tornam cada vez mais escassos. Apesar da dificuldade em classificar as línguas ameríndias, os estudiosos indigenistas nacionais e internacionais conseguiram classificar muitas destas línguas. Dall'Igna Rodrigues exemplifica o parentesco entre as línguas Tupi Antigo e Guaraní Antigo através de um estudo histórico-comparativo, devido ao alto grau de semelhança entre estas duas línguas, conclui-se que ambas pertencem à mesma família linguística, ou seja, a família Tupi-Guarani: a palavra para pedra, por exemplo, é igual em Tupi e Guaraní: *itá*, assim como também a palavra tatu: *tatú*,

outras expressões idênticas em Tupi e Guarani são: *ipó* (mão dele), *opó* (mão dele mesmo), *ipý* (pé dele), *opý* (pé dele mesmo), *oro'é* (eu e ele dissemos), *a'é* (eu disse), *apytá* (eu fiquei), *erepytá* (você ficou), *oropytá* (eu e ele ficamos), entre outros (Rodrigues, 1994, p.30).

As línguas indígenas pertencem ao tronco linguístico ameríndio, um tronco linguístico é composto por um conjunto de famílias linguísticas, estas são por sua vez compostas por línguas que possuem elementos fonéticos e morfológicos em comum com uma língua ancestral, também chamada língua mãe ou protolíngua, o latim é, por exemplo, o ancestral comum das línguas românicas ou itálicas da qual fazem parte o Português, Francês, Espanhol, Romeno, entre outros, esta língua foi bastante documentada (ibid., p.41). Há ainda ancestrais comuns em outras famílias linguísticas, como por exemplo, na família das línguas germânicas que incluem o Alemão, Inglês, Holandês, etc., na família das línguas celtas como, por exemplo, o Bretão, Irlandês, Gaulês, entre outros, na família das línguas eslavas com os idiomas Tcheco, Russo, Polonês, etc., todas as famílias citadas acima e muitas outras fizeram parte, em alguma época remota, de uma só família e hoje todas fazem parte do tronco indo-europeu. Os principais troncos linguísticos mundiais são: indo-europeu, camito semítico ou afro-asiáticas, uralo altaico, dravídico, malaio polinésico, tibeto-birmanês, austro-asiático, africano e ameríndio. O tronco ameríndio inclui atualmente mais de mil línguas (ibid., p.48), neste tronco estão classificadas as famílias linguísticas das línguas ameríndias.

A classificação em famílias segue, portanto um critério genético parte-se da hipótese que as línguas ameríndias de uma mesma família também tiveram origem de uma língua ancestral comum, uma língua pré-colombiana. A origem destas línguas pode remontar há milhares de anos, no caso da família Tupi-Guarani, a língua ancestral desapareceu sem que fosse registrada e nem documentada historicamente, desta família fazem parte as línguas Tupi e Guarani, cuja contribuição para a língua portuguesa foi muito significativa. Em se tratando da classificação das línguas em famílias Dall'Igna Rodrigues faz o seguinte comentário:

“[...] uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm uma origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior.” (ibid., p.29)

Ao todo há aproximadamente 180 diferentes famílias linguísticas e isoladas (mais de 70 línguas) no continente americano (cf. Campbell/ J. Poser, 2008, p.114), cada uma

possui suas respectivas línguas que são parte do acervo das quase sete mil línguas faladas no mundo atualmente, porém, muitas das línguas ameríndias estão extintas ou ameaçadas de extinção, entende-se por extinta ou morta aquela língua que não possui mais falantes nativos, alguns exemplos de línguas indígenas extintas no Brasil são: o Tupinambá ou Tupi Antigo pertencente a família Tupi-Guarani do Tronco Macro-Tupi, todas das famílias Kamakã e Karirí e Purí pertencentes ao Tronco Macro-Jê, essas línguas, até a metade do século eram faladas no sul da Bahia e norte do Espírito Santo. Tanto o Tupi Antigo como o Kirirí, uma das línguas da família Karirí, foram respectivamente documentados no século XVI (Tupinambá) e XVII (Kirirí), no entanto, a documentação detalhada das línguas indígenas é na realidade uma exceção, já que da maioria das línguas que desapareceram restam documentados apenas algumas palavras ou nada. O sócio-linguista Charles A. Ferguson define que línguas ameaçadas de extinção são aquelas faladas por menos de 200 mil pessoas (Fishman/Joshua et al., 1986, p.50; Haarmann, 2001, p.66-68), entre elas encontram-se muitas línguas africanas e ameríndias, especialmente as línguas indígenas da floresta Amazônica.

Harald Haarmann afirma:

“Die gefährdetsten aller Sprachen sind diejenigen mit sehr geringer Sprecherzahl und vollständig indominantem Status. Es gibt auf der Welt fast 2000 Sprachen, die von weniger als jeweils 1000 Menschen gesprochen werden. [...] In Amerika gibt es 575 Zwergsprachen, in Australien 255, die sämtlich vom Aussterben bedroht sind.” (Haarmann, 2001, p.67)

Haarmann salienta a importância de encontrar medidas para que estas línguas não desapareçam:

“Der Tod von Sprachen ist allerdings ein Faktor, der ernstzunehmen und dem mit allen Mitteln entgegenzuwirken ist.” (ibid., p.66)

O autor também afirma em seu livro que o principal problema no caso das línguas em extinção é a pressão das línguas dominantes sob seus falantes, se não há a motivação por parte do falante em transmitir a sua língua materna a seus descendentes interrompe-se seu curso natural. A maioria das línguas em extinção são faladas por pessoas idosas, os mais jovens já assimilaram a língua dominante.

Atualmente existem dois pontos extremos no que se refere ao número de falantes de uma língua, algumas línguas estão vivenciando um acelerado crescimento do número de seus falantes, por exemplo, o Chinês, Farsi, Suaíli, enquanto que outras línguas o número de falantes está cada vez mais reduzido, é o caso da língua gaélica escocesa na Escócia e da língua sórbia na Alemanha (Haarmann, 2006,

p.340).

Algumas das principais famílias linguísticas da América e os seus respectivos números de línguas são os seguintes:

América do Norte (Haarmann, 2006, p.104 apud Mithun 1999, p.326 ff.): a Algonquino (31 línguas), a Hocana (27 línguas), a Uto-Asteca (60 línguas) e a Na-Dene ou Esquimó-Aleúte (39 línguas), a Atabascana, a Salishana, a Iraquesa, a Caddoana, a Chinook, Chumash, a Kiowá- Tanoana, a Muskogui, a Pomoa, a Wakash, a Sioux.

América Central (Haarmann, 2006, p.105 apud Campbell 1992): a Maia (68 línguas), a Oto-Manguera, a Mixe-Zoque, a Totonacana.

América do Sul (Haarmann, 2006, p.104 apud Larrucea de Tovar, 1984): a Quíchua (47 línguas) a Aruaques (74 línguas), a Chibcha (22 línguas), a Karib (29 línguas), a Tupi-Guarani (70 línguas) e a Macro-Jê (32 línguas), a Alakalufane, a Jivaro, entre outras.

No que se refere ao número de línguas faladas no continente americano, uma tabela apresentada por Harald Haarmann em seu livro *Kleines Lexikon der Sprachen: Von Albanesa bis Zulu* identifica como sendo 1013 as línguas faladas no continente americano e destas, dez têm um milhão de falantes. Nem todas são línguas indígenas, 428 são faladas por mais de 1000 pessoas, mas por menos de um milhão, a maioria, ou seja, 575, são línguas, cujo número de falantes está entre 1 e 1000 (Haarmann, 2001, p.12).

1.2 As línguas indígenas do Brasil e suas respectivas famílias

Neste capítulo são apresentadas as línguas indígenas brasileiras e suas respectivas classificações, o conhecimento destas línguas é relevante para este trabalho, porque graças a ele é possível definir a origem dos empréstimos de termos indígenas e saber quais línguas indígenas mais contribuíram para estes empréstimos. De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA) o Brasil possui atualmente mais de 230 povos indígenas, somando uma população segundo o Censo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 2010, 817.963 pessoas, aproximadamente 0,2% da população do país. Estima-se que eram mil as línguas dos povos indígenas que

habitavam o país quando os primeiros portugueses chegaram em 1500, à estimativa é que a população indígena incluía entre 2 a 4 milhões de pessoas,⁷ contudo é difícil determinar um número exato, já que não é possível comprovar estes dados, Antonio Houaiss declara um número muito superior, de acordo com seus cálculos eram 8 ou 9 milhões de indígenas que habitavam o país, fora a zona andina setentrional (Silvio, 1992, p.30).

Supõe-se que no Brasil atual existam mais de 180 línguas e dialetos falados pelos povos indígenas. Um número bastante reduzido se comparado com a estimativa já citada de mil línguas no século XV.⁸ No que concerne a sua classificação estas línguas dividem-se em quatro grandes grupos: o Tupi, cujas tribos estão distribuídas em uma vasta faixa entre o Amazonas e o Rio Grande do Sul; o Jê, concentra-se principalmente na bacia Araguaia-Tocantins; o Caribe, tribos no Mato Grosso e norte do Amazonas; e o Aruaque, prevalece na região do Pantanal e oeste do Amazonas.

Destes grupos destacam-se principalmente o Tupi e o Jê, que são dois grandes troncos linguísticos. O tronco tupi ou macro-tupi é composto pelas seguintes famílias linguísticas: família Tupi-Guarani, família Arikém ou Karitiána, família Jurúna, família Mondé, família Ramaráma, além das línguas Awetí, Mawé e Puroborá. Línguas extintas como o Tupi Antigo ou Tupinambá, Guarani Antigo, Geral Paulista também fazem parte deste tronco, estas línguas tiveram um forte impacto nos empréstimos de vocábulos ao português brasileiro na época colonial.

De acordo com Dall'igna Rodrigues, classificar as famílias e línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê é mais difícil do que classificar as do tronco Tupi. No tronco Macro-Jê há sobretudo, muitas hipóteses de filiações de famílias ou línguas, uma das famílias mais importantes deste tronco é a Jê. As línguas desta família são faladas nas áreas do sul do Maranhão e do Pará seguindo em direção ao sul pelos estados de Goiás e Mato Grosso até chegar aos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Sua posição geográfica contrasta com a da família Tupi-Guarani que aparece nas áreas de floresta tropical e subtropical. Também fazem parte deste tronco as famílias Bororo, Maxakalí, Karajá, Botocudo, que possuem línguas faladas atualmente, também as famílias com línguas já extintas

⁷ Instituto Socioambiental, Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/faq> Acesso em: 24 maio 2011.

⁸ Instituto Socioambiental, Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/introducao> Acesso em: 20 maio 2011.

como Kamakã (Kamakã, Mongoyó, Kotoxó, Meniên), Karirí, como por exemplo, as línguas Kipeá (Kirirí) e Dzubukuá, Purí (Coroado, Purí, Koropó), e as línguas Ofayé, Yatê (Fulniô), Rikbaktsá e Guató (Rodrigues, 1994, p.47-49).

Há famílias linguísticas que não podem ser classificadas em nenhum destes troncos, porque não possuem semelhanças suficientes para serem agrupadas, alguns exemplos no Brasil são as seguintes: Aruaque e Arawá, Caribe, Pano, Maku, Yanoama, Mura, Tucano, Katukina, Txapakura, Nambikwara e Guaikuru. Além disso, há línguas não classificadas, estas línguas não podem ser incluídas em nenhuma família lingüística, no Brasil são as seguintes, a saber: Aikanã, Jabutí (RO), Kanoê (RO), Trumái (MT) e Irântxe/Munku, Tikúna (AM, Peru-Colômbia), Máku, Arikapú, Koiá ou Kwazá. Para além sabe-se da existência na Amazônia de povos indígenas isolados, os quais também são chamados “invisíveis”, estes povos vivem completamente distanciados do contato com outros indivíduos fora das suas tribos, não se sabe quais línguas falam e a que etnia pertencem (ibid., p.49-50).

Na formação da família linguística Tupi-Guarani acredita-se na hipótese de um grupo proto tupi-guarani ter emigrado da América Central há cinco mil anos, antes de ocupar a costa sul do rio Amazonas (Metraux, 1928, in Bareiro Saguier, op.cit., p.31). A linguista Villagra-Batoux afirma que o grupo proto tupi-guarani se dispersou progressivamente na zona que se compreende a Madeira a oeste e o Tocantins a leste, num período de três mil anos de história. As tribos indígenas desta família possuem rasgos característicos, como por exemplo, a cerâmica (cf. Villagra-Batoux, 2002, p.49).

Nos anos dos descobrimentos havia aproximadamente 50 línguas pertencentes a esta família, contudo, ainda há muitas dificuldades no que concerne à identificação e classificação das línguas, os estudos comparativos não permitem afirmar com exatidão o número e o grau de parentesco destas línguas. Em *Línguas Brasileiras* Aryon Dall’Igna Rodrigues define como sendo aproximadamente 30 as línguas da família Tupi-Guarani. Destas, há 21 línguas vivas no território brasileiro, elas são faladas por aproximadamente 33.000 pessoas (dados de 1994).

A família linguística Tupi-Guarani compreende uma grande extensão territorial e é uma das famílias linguísticas mais extensas da América do Sul, suas línguas são faladas em muitos estados do território brasileiro. O auge de extensão territorial

desta família linguística coincide com a época dos descobrimentos espanhóis e portugueses, seus limites eram ao leste o oceano Atlântico, ao norte o rio Amazonas, ao oeste o Chaco Boreal até os Andes e ao sul da bacia dos rios Paraguai e Paraná até o Rio da Prata, incluindo nesta extensão algumas pequenas ilhas periféricas. Portanto no Brasil, a língua Tupi-Guarani era falada em quase toda a extensão do litoral oriental e na bacia do rio Paraná (cf. Villagra-Batoux, 2002, p.52). Por estar espalhada em uma ampla área, deduz-se que os povos ancestrais da família Tupi-Guarani fizeram várias e, por vezes, longas migrações, foi desta forma que surgiram as diferenças entre os tupis e os guaranis. Este traço migrativo muito característico dos povos indígenas permanece até os dias atuais, um exemplo, são os povos Guarani Mbyá, que pertencem ao grupo Guarani, eles deslocam-se do sudoeste do Brasil, do nordeste da Argentina e do Paraguai oriental em direção ao leste até chegar ao litoral do Oceano Atlântico, lá seguem em direção ao nordeste, este é o mesmo percurso feito pelos seus ancestrais para povoar a costa brasileira, mas em direção contrária.

Segundo Sergio Venturini, professor da rede de ensino do Estado do Rio Grande do Sul, em seu livro *O Índio nas Missões*, os povos guaranis, entraram na selva meridional sul-americana vindos da Amazônia no início da Era Cristã, ao chegarem nesta selva expulsaram os povos indígenas que habitavam a região dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai há cerca de 10 ou 12 mil anos (Venturini, 2009, p.9). Segundo dados apresentados pelo mesmo autor, especificamente sobre os povos Guarani, quando os europeus chegaram às Américas, a população que habitava o sul era de aproximadamente um milhão.⁹ O dialeto Mbyá é o dialeto do Guarani da família Tupi-Guarani mais bem espalhado geograficamente, já que é falado no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo e também no Paraguai, Argentina e Bolívia (cf. Dooley, 1982, p.3).

É interessante destacar que todas as línguas que fazem parte da família Tupi-Guarani possuem características comuns, as distâncias geográficas não fizeram com que elas desenvolvessem grandes diferenças entre si. Sarah Villagra-Batoux afirma que enquanto outras “grandes culturas” ameríndias deixaram rastros

⁹ Há ainda uma lenda interessante na cultura Guarani utilizada para explicar as migrações dos povos, segundo a lenda o motivo para esta migração foi a disputa de duas cunhadas, às duas índias brigaram por uma espiga de milho. Seus maridos, que eram irmãos, resolveram se separar para evitar mais brigas, foi assim que uma família migrou em direção ao litoral atlântico, dando origem ao grupo Tupi e a outra seguiu para o sul e ocupou as margens dos rios da bacia do rio da Prata formando o grupo Guarani. (Ibid., p.10).

materiais (palácios, templos, objetos de arte, cidades, entre outros) da sua cultura, os Tupi-Guaranis deixaram unidade linguística como prova da sua existência (cf. Villagra-Batoux, 2002, p.49, 54). Algumas línguas desta família apresentam mais características semelhantes que outras, por exemplo, a equivalência nos seus sons, a estrutura gramatical e o vocabulário. O Tupi Antigo ou Tupinambá e o Guarani Antigo podem ser citados como dois exemplos concretos (Rodrigues, 1994, p.32; Dooley, 1982, p.3). Estas duas línguas são com certeza as mais conhecidas da família Tupi-Guarani e junto com o Quíchua da região andina tornaram-se línguas indígenas clássicas da América do Sul e tiveram importante papel no desenvolvimento dos novos Estados e línguas de países como o Brasil, Paraguai e Argentina.

Apesar do vasto conhecimento sobre a família Tupi-Guarani, classificar as línguas indígenas em geral é uma tarefa difícil, já que até o momento se conhece muito pouco sobre algumas delas, foram poucas as que realmente foram registradas e documentadas.

Muitas das línguas ameríndias brasileiras deixaram de existir ou o seu número de falantes diminuiu nitidamente antes mesmo de serem documentadas, a grande causa para sua extinção foi a devastação causada pelo contato entre europeus e índios e os efeitos da colonização. De acordo com Dall'Igna Rodrigues as regiões mais afetadas foram as de colonização mais intensa, ou seja, a região Sudeste e a maior parte das regiões Nordeste e Sul do Brasil. O Tupi Antigo é um exemplo concreto dos efeitos da colonização, esta língua desapareceu da maior parte dos lugares onde era fluente, deixando apenas uma língua com certo grau de parentesco falada atualmente na região Norte do Brasil, chamada de Nheengatú ou Tupi Moderno que é uma evolução do Tupi Antigo.

De acordo com uma afirmação de Rodrigues, uma linha imaginária das línguas que desapareceram poderia ser traçada de norte a sul do Brasil, desde São Luís do Maranhão até Porto Alegre (Rodrigues, 1994, p.19). Há apenas três línguas que sobreviveram à colonização: o Yatê, dos índios Fulniô, ao sul de Pernambuco; a língua dos índios Maxakalí, no nordeste de Minas Gerais; e a língua dos índios Xoklêng, no município de Ibirama, a oeste de Blumenau, em Santa Catarina, estas três línguas pertencem ao tronco Macro-Jê. Como aponta Aryon Rodrigues, os povos falantes do Guarani, os dialetos Nhandevá e Mbyá, também aparentam ser

uma exceção no leste de São Paulo e no litoral dos estados do Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Entre as razões para o desaparecimento dos povos e suas respectivas línguas estão as doenças contagiosas trazidas pelos europeus, muitas doenças não apresentavam risco de morte para os brancos, mas produziam mortes em massa nas aldeias indígenas. A mestiçagem também provocou a desaparecimento de etnias puras¹⁰ (cf. Caldeira, 1997, p.41; Elia, 1992, p.30). Muitos povos foram aniquilados por guerras contra os colonizadores, estas tinham diferentes razões: disputas pelas terras, caça, coleta, a tentativa de sujeitar o índio ao trabalho escravo ou ainda, devido à posse progressiva dos seus territórios de plantio por parte dos europeus. Nas palavras do pesquisador Roberto Antonio Liebgott em *Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul: Territorialidade, Interetnicidade, Sobreposições e Direitos Específicos* com respeito aos povos guarani, afirma:

“Os Guaranis ocupam tradicionalmente as terras que abrangem partes do Rio Grande do Sul (Missões, Pampa, Planalto, Litoral), Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul e regiões da Argentina, Paraguai, Bolívia e Uruguai. Neste amplo território, ao longo dos séculos, eles foram perseguidos por colonizadores, caçados, escravizados, exilados e tiveram suas terras invadidas, saqueadas e ocupadas. [...] A resistência do Povo Guarani às frentes de ocupação e colonização foi dramática. Milhares de pessoas acabaram assassinadas em guerras, epidemias, confrontos, perseguições, confinamentos religiosos e territoriais.” (Liebgott, 2010, p.5).

A Guerra Guaranítica (1754-1756) pode ser citada como exemplos do extermínio indígena por guerras foram violentos conflitos entre guaranis e as tropas espanholas e luso-brasileiras ocorridos no sul do Brasil após a assinatura do Tratado de Madri em 1750. O Tratado de Madri repartia as terras das coroas Portuguesa e Espanhola e estipulava que o povo guarani dos Sete Povos das Missões deixasse as terras e partisse para o outro lado do rio Uruguai. Apoiados pelos jesuítas, os povos guaranis dos Sete Povos decidiram combater as tropas enviadas pelo governo, em 1754 a guerra explodiu e em 1756 as tropas castelhanas e portuguesas conseguiram dominar os Sete Povos. Nestes conflitos foram mortos muitos índios, entre eles um dos principais líderes guaranis Sepé Tiaraju (Savaris, 2008, p.54-55, 73-77).

Manoelito Carlos Savaris, tradicionalista gaúcho, apresenta em seu livro *Rio Grande do Sul: história e Identidade* um relatório mandado organizar por Gomes Freire, neste relatório é descrito como ocorreu uma batalha em 1756:

¹⁰ Em 1563, por exemplo, uma epidemia de varíola dizimou os índios reunidos no aldeamento jesuítico de Salvador, os indígenas não possuíam a defesa contra doenças europeias (cf. Caldeira, 1997, p.41).

“[...] se puseram os índios em precipitada fuga e os nossos os alcançaram e foram matando até se meterem em uns barrancos que havia a um outro lado do seu campo, lugar estreito, donde fazendo-se fortes, tiravam com flechas e pedras, porém a nossa infantaria os forçou com repetidas descargas de mosquetes [...] as tropas castelhanas matavam a tiro e lança, quando encontravam. [...] por distância de mais de uma légua foram matando os índios, e se julgou pelos que se contaram e deixaram de contar, mais de 1200 mortos e 150 prisioneiros.” (Savaris, 2008, p.76).

2 PRINCIPAIS EMPRÉSTIMOS DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DESDE O DESCOBRIMENTO DO BRASIL ATÉ O SÉCULO XVIII

2.1 Pindorama: descobrimento e os primeiros contatos

Os fatos históricos que acompanham os primeiros séculos após a descoberta portuguesa das novas terras de ultramar são imprescindíveis para entender os empréstimos de vocábulos indígenas ao Português. É por esta razão que neste trabalho aborda-se diversos acontecimentos históricos, como a chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil e a carta escrita por Pero Vaz de Caminha, a qual contém uma descrição detalhada das novas terras e seus habitantes.

Após a descoberta das Américas por Cristovão Colombo em 1492, os dois grandes reinos dominantes da época, Portugal e Espanha, começaram a fixar seus territórios. Em 1494 foi assinado o Tratado de Tordesilhas, este tratado estabelecia que as terras e as ilhas localizadas a até 370 léguas a oeste de Cabo Verde pertenciam a Portugal e as terras continentais (Mota, 1996, p.20). Uma frota a mando do rei D. Manuel I de Portugal, *O Venturoso*, e comandada por Pedro Álvares Cabral partiu de Lisboa no dia 9 de março de 1500 com destino às Índias. Em 22 de abril de 1500 avistou terras até então “desconhecidas”, as quais posteriormente viriam ser o território brasileiro. Ao princípio esta terra foi chamada pelos portugueses de Ilha de Vera Cruz,¹¹ contudo, os nativos já a chamavam “Pindorama”, cujo significado é “terra das palmas”, apesar de nunca ter sido adotado pelos portugueses, este nome foi empregado de maneira lírica por antropólogos, um exemplo, é a revista do antropólogo Egon Schaden que se chamou “Pindorama” (ibid., p.72). Após algumas expedições de exploração e a confirmação de que se tratava de um continente e não de uma ilha, como a princípio se supunha, seu nome oficial passou a ser Terra de Santa Cruz, só mais tarde, em 1511, recebeu o nome de Brasil, devido à árvore pau-brasil,¹² que existia em grande quantidade neste local.

¹¹ O autor nos explica o motivo pelo qual a terra recebeu este nome “Die Portugiesen waren bei der Namengebung des Landes von dem traditionellen Geist geleitet, biblische Namen zu verwenden. Cabral, der glaubte, auf einer Insel gelandet zu sein, taufte das Land Ilha de Vera Cruz.” (Buggenhagen, 1951, p.72).

¹² Buggenhagen acrescenta ainda em *Wortigentümlichkeiten der brasilianischen Sprache* o seguinte sobre a palavra “Brasil”: “Das Wort Brasil als Bezeichnung des Landes kommt wahrscheinlich von dem schönen roten Farbholz her, mit dem in der Zeit kurz nach der Entdeckung des Gebietes durch Cabral Handel getrieben wurde.[...] Das Farbholz seinerseits erhielt wahrscheinlich der stark roten Farbe wegen seinen Namen von brasa = die glühende Kohle, die Kohlenglut.” Da árvore pau-brasil se extraía tintura vermelha para tecidos, esta mercadoria era de grande importância (Ibid., p.72).

O escrivão português Pero Vaz de Caminha que acompanhou a esquadra de Pedro Álvares Cabral, escreveu uma carta em forma de diário ao rei D. Manuel datada de 1 de maio de 1500, nela relata o “achamento” do Brasil, esta carta é um importante documento histórico. Nela descreve de maneira pormenorizada as primeiras impressões sobre a terra e os seus habitantes, a quem chamaram de índios, porque pensaram que tinham chegado às Índias. Sabe-se que o período dos descobrimentos foi marcado por descobertas tanto do ponto de vista étnico, religioso quanto dos aspectos sociais e econômicos. Quando os europeus chegaram ao território do atual Brasil, defrontaram-se com uma cultura totalmente diferente da sua. Os primeiros indígenas brasileiros com quem os europeus tiveram contato foram os da região onde hoje é a cidade de Porto Seguro, no sul da Bahia.

Pero Vaz de Caminha descreve alguns detalhes sobre os habitantes da nova terra que impressionaram os descobridores, nesta carta Caminha também fala sobre o modo de vida dos índios:

“Dali avistámos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro. [...] Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas.” (Vaz de Caminha, 1943, p 41)

Embora não portassem vestimentas, os indígenas possuíam pinturas corporais que funcionavam como código social, a depender da pintura indicavam: guerra, nascimento de filhos, ritos, luto, entre outros. Além disso, estas pinturas eram usadas como forma de comunicação entre tribos que falavam línguas diferentes (Caldeira, 1997, p.12).

O autor também utiliza muitos adjetivos físicos para melhor descrever o homem nativo americano, menciona seus rostos e narizes bem feitos, seus bonitos corpos, sua limpeza e sua hospitalidade e tolerância com os europeus e acima de tudo sua inocência.¹³

Em se tratando da linguagem dos primeiros habitantes do Brasil e dos primeiros contatos e comunicações entre eles e os europeus, percebe-se que houve dificuldades de compreensão de ambas as partes, no início a comunicação deu-se

¹³ O autor faz a seguinte descrição dos habitantes nativos: “A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto [...]” As mulheres indígenas também parecem ter impressionado bastante os europeus: “Alí andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentís, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas; e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha.” (Vaz de Caminha, 1943, p.204-205, 210).

através da linguagem de gestos.

“[...] Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E êles os pousaram. Alí não poude dêles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Deu-lhes sòmente um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um dêles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha pequena de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miudas que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver dêles mais fala, por causa do mar.” (Vaz de Caminha, 1943, p.202)

Vaz de Caminha continua fazendo a descrição da comunicação entre indígenas e europeus:

“Porém um dêles pôs o olho no colar do Capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia alí. [...] Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como que espantados.” (ibid., p.206)

O escrivão relata toda a primeira interação entre as duas partes e o intento dos portugueses de saber o que havia nestas novas terras. A linguagem na forma oral pode produzir mal-entendidos, mas a dos gestos pode levar a uma interpretação ainda mais aberta, foi desta maneira que os europeus interpretaram como sendo a intenção dos indígenas trocar ouro por rosários, porque segundo Caminha mesmo escreve, os portugueses interpretaram segundo seus desejos e como melhor lhes convinha.

“Viu um dêles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhas dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do Capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim o desejarmos! Mas se êle queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar!” (ibid., p.207)

Apesar dos primeiros contatos serem positivos, a situação entre índios e colonizadores com o passar do tempo tornou-se crítica, foi o choque de duas culturas com valores profundamente diferentes. No século XVI abriu-se a discussão na Europa, se os indígenas considerados “selvagens” eram realmente “humanos”. O Padre Bartolomé de las Casas (1474-1566) tornou-se conhecido nesta época pelas suas constantes lutas para garantir os direitos dos indígenas.

2.2 Primeiros anos após o descobrimento: do Tupi Antigo à Língua Geral e a política de miscigenação

Este subcapítulo trata da evolução do Tupi Antigo até tornar-se a Língua Geral, ou seja, inclui o desenvolvimento, pelo qual passou a primeira língua indígena que os portugueses tiveram primeiro contato até que esta se transformasse na Língua Geral, língua adotada como língua materna pela maioria da população que habitava o Brasil até o século XVIII. Aqui também são abordados outros aspectos importantes da história brasileira como as primeiras expedições portuguesas realizadas para conhecer e explorar as novas terras e a política de miscigenação, fato que contribuiu para a situação de bilinguismo e para que a Língua Geral tivesse grande prestígio.

Ao princípio Portugal não voltou sua atenção para as novas terras, se limitou a explorar apenas seu litoral, recolher madeira e aves exóticas (cf. Mota, 1996, p.32), as causas para seu descaso era o fato dos portugueses haverem descoberto o caminho às Índias Ocidentais e não possuírem homens suficientes e nem material adequado de navegação. Em razão disso, houve nos primeiros anos muita pirataria, realizada por navios franceses, na costa brasileira, além da ameaça de invasão do território por outras nações europeias.

Os primeiros povos com quem os europeus tiveram contato no Brasil foram os tupis e devido a isso são os índios brasileiros mais conhecidos. A língua deste povo passou por diferentes transformações, no princípio era falada ao longo da costa atlântica por tribos tupi e guarani, porém, entre os séculos XVI e XVII foi adotada como língua de evangelização também pelos jesuítas, além de passar a ser uma língua de comunicação entre colonizadores, exploradores e índios, os mamelucos, filhos de índias e brancos também a usavam como língua materna, desta forma, o número de falantes aumentou consideravelmente com o decorrer do tempo. Hoje, o Tupi Antigo, é uma língua morta, assim como o latim, porém, assim como ele deixou vestígios que permaneceram em outras línguas. Sobre a língua em si, é uma língua aglutinante, ou seja, uma língua caracterizada por palavras compostas de uma sequência de unidades lexicais, sem muita fusão, cada uma contribuindo para todo o seu significado, como define Dooley na introdução de *Vocabulário do Guarani* (cf. Dooley, 1982, p.3).

No que se refere à etimologia da palavra “tupi”, não há um consenso geral entre os estudiosos, no entanto, parece haver um ponto em comum entre eles, a existência de uma relação entre as palavras “tupi” e “tupá”. Para Couto Magalhães o nome é um diminutivo da palavra “tupá” que significa raio em Português, segundo ele significa “pequeno raio” ou “filho do raio”. Outro linguista, Teodoro Sampaio interpreta esta palavra como significando “pai supremo” ou “progenitor”. O autor Elia Silvio também afirma que Simão de Vasconcelos interpretou esta palavra como sendo sinônimo de “tupá” (Elia, 1992, p.30).

Logo no início da colonização já começaram a ocorrer os primeiros empréstimos de termos do Tupi Antigo ao Português, se pode afirmar que no campo vocabular as palavras indígenas tiveram importante papel na formação do léxico do português do Brasil. Lyle Campbell, filólogo americano, escreve dois motivos principais porque os empréstimos acontecem, segundo ele um dos motivos é a “necessidade” e o outro o “prestígio” (Campbell, 1998, p.59), o primeiro motivo se encaixa bem no caso do Brasil dos primeiros anos, foi exatamente por necessidade que ao princípio os portugueses acrescentaram vocábulos indígenas ao Português, estes vocábulos encontram-se principalmente na nomenclatura para a fauna e flora.

As línguas indígenas de grande importância e extensão eram chamadas pelos portugueses e espanhóis de “línguas gerais”, o Quíchua (também chamado de quêchua, quéchua) era no século XVI a “Língua Geral do Peru”, o Guarani no século XVII a “Língua Geral da Província do Paraguai”. No que se refere à estrutura das línguas gerais, predominavam vocábulos indígenas, no entanto, havia também a presença de palavras portuguesas e africanas. No Brasil do século XVII a língua corrente da população mestiça adquiriu estatus de Língua Geral, embora já viesse sendo falada em grande parte do território nacional séculos antes.

Nesta época de interação das línguas e domínio dos vocábulos indígenas, os empréstimos de termos indígenas se encaixam no segundo motivo mencionado por Lyle Campbell, o “prestígio”, a Língua Geral apresentava um estatus de língua vernácula no século XVII e início do século XVIII, emprestar termos indígenas aportava um grau de importância e já não era mais uma questão de necessidade. Devido ao prestígio que a Língua Geral tinha algumas famílias tradicionais portuguesas mudaram os seus nomes europeus de família para sobrenomes indígenas, entre estes sobrenomes encontram-se alguns que tiveram origem de

nomes de tribos indígenas como: *Carijó, Caiapó, Guarani, Goitacazes, Tamoio, Tupinambá, Tabajara*, etc. Há sobrenomes oriundos de nomes de árvores ou seus frutos como: *Jatobá, Murici, Pitanga* (há uma atriz brasileira famosa, cujo nome artístico é Camila Pitanga), *Saraíba*. Outros são nomes oriundos de caciques importantes: *Tibiriçá* (um antropólogo e escritor brasileiro chama-se Luíz Caldas Tibiriçá) e *Paraguaçu*.¹⁴

A questão discutida pelos linguistas é se a presença indígena e africana no Português é um exemplo de *substrato, superstrato* ou *adstrato*. Sendo *substrato* o nome dado à língua abandonada por um determinado povo para adotar a língua do seu dominante. *Superstrato* a língua abandonada dos dominantes, os quais adoptam a língua dos dominados. E *adstrato* são duas línguas que convivem juntas, produzindo uma situação de bilingüismo, quando isto ocorre é comum os empréstimos e as interferências entre as duas línguas (Mattoso Câmara, 1981, p.42). No caso do Brasil a hipótese de *adstrato* é a mais aceita, porque o contato direto dos colonizadores com as línguas indígenas foi limitado, apenas os jesuítas aprofundavam-se no estudo e conhecimento da língua. A Língua geral existia para servir de língua de comunicação entre brancos, indígenas e africanos. Tanto o Português quanto a Língua Geral conviveram em uma situação de igualdade no território nacional até o século XVIII (Mattoso Câmara, 1954, 199-200).

Antes de ser chamada de Língua Geral,¹⁵ esta língua era chamada por outros nomes tais como: “língua mais usada na Costa do Brasil”, denominação dada pelo padre Anchieta, outros autores chamaram-na de “língua do Brasil”, “língua da terra” e também “língua do mar”, no entanto, o nome mais conhecido durante o século XVII foi “Língua Brasílica”. Esta língua com raízes do Tupi Antigo, possuía muitas variantes que por sua vez, apresentavam grandes características em comum, o que leva a supor que pertenciam a um tronco comum (Elia, 1992, p.26, 100).

Dall' Igna Rodrigues afirma ainda que a Língua Geral era uma língua falada por quase todos os europeus que vinham ao Brasil com o objetivo de nele permanecer.

¹⁴ Sua pesquisa.com. *Nomes Indígenas*. Disponível em: www.suapesquisa.com/indios/nomes_indigenas.htm Acesso em: 20 maio 2012.

¹⁵ O nome Língua Geral passou a ser usado a partir da metade do século XVII, no entanto, às vezes se utilizava com outro sentido. Padre Viera designava com este nome qualquer língua próxima ao Tupinambá, como por exemplo, Guajajara do Maranhão (cf. Rodrigues, 1994, p.101).

“Por essa época, praticamente todos os europeus que vinham viver no Brasil aprendiam a falar, bem ou mal, o Tupinambá. Segundo a oportunidade que tinham de conviver com os índios, muitos o aprendiam muito bem. Mas entre os portugueses foram somente os missionários que passaram a escrever em Tupinambá.” (Rodrigues, 1994, p.34, 100)

A Língua Geral possuía duas variantes principais: a do sul e a do norte. No norte existia a chamada “Língua Geral do Norte ou Língua Geral Amazônica” enquanto que no sul chamava-se “Língua Geral Paulista” ou “Língua Geral do Sul”.

A Língua Geral Paulista, também conhecida como *Abanheenga*, cujo significado literal é “língua de gente”, a palavra *aba* significa “homem” e *nheenga* significa “língua”, surgiu da língua dos índios Tupi de São Vicente e do alto do rio Tietê (Mattoso Câmara, 1977, p.105). No entanto, desta língua não se sabe muito, já que desapareceu antes que pudesse ser registrada detalhadamente, só há dela um dicionário de verbos, publicado em 1863 por Martius, quem a chamou de Tupi Austral (Rodrigues, 1994, p.102-103). Ela predominava em São Paulo no século XVII, justamente por isso recebeu o seu nome, mas no século XVIII foi substituída pelo Português.

Dall'igna Rodrigues escreve sobre a expansão da Língua Geral Paulista, que apesar de desaparecer sem deixar muitas documentações, contribuiu com topônimos e vocábulos populares de origem indígena onde antes nunca havia habitado índios falantes de línguas da família Tupi-Guarani:

“[...] É a língua que no século XVII falavam os bandeirantes que são de São Paulo saíram a explorar Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e o Sul do Brasil. Por ser a língua desses pioneiros e aventureiros, penetrou essa Língua Geral em áreas onde nunca tinham chegado índios Tupi-Guarani e aí deixou sua marca no vocabulário popular e na toponímia.” (ibid., p.102)

A outra variante da Língua Geral, a Língua Amazônica do Norte desenvolveu paralelamente à conquista portuguesa. Esta língua originou-se no Maranhão e Pará no século XVII, onde habitavam os índios Tupinambás. Da mesma maneira que a Língua Geral Paulista. A Língua Geral Amazônica deixou uma grande contribuição na toponímia e na língua portuguesa da Amazônia. Aryon Rodrigues explica a importância dessa língua no período colonial.

“Em consequência dessa situação, aí o Tupinambá foi a língua predominante na população colonial durante o século XVII e acabou dando origem à nova Língua Geral, que foi falada pelas tropas e missões que foram penetrando e criando núcleos de povoamento no vale amazônico. Portanto, o Tupinambá e essa Língua Geral em que ele se transformou, é que foi a língua da ocupação portuguesa da Amazônia nos séculos XVII e XVIII.” (ibid., p.102-103)

Desta língua surgiu a partir do século XIX, o *Nheengatú*, cujo significado é “língua boa”. A situação de bilinguismo teve fim na metade do século XVIII, quando em 1757

o ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido pelo título de Marquês de Pombal, elaborou algumas medidas com respeito aos indígenas e suas respectivas línguas, publicou-as no *Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e do Maranhão enquanto sua majestade não mandar o contrário*, entre estas medidas estava a proibição do uso da Língua Geral em todo território nacional. Este Diretório dos Índios foi transformado em lei em 1758. Isto aconteceu por a Língua Geral apresentar um estatus de língua nacional e aparentar um possível “perigo” para a língua portuguesa. Segundo o professor Eduardo de Almeida Navarro se o Tupi Antigo não tivesse sido proibido no Brasil, o país teria dois idiomas oficiais como acontece atualmente no Paraguai, em que o espanhol é falado nos encontros oficiais e o guarani em casa com a família e amigos, e onde 95% da população domina esse idioma.¹⁶ Apesar de sua proibição a presença indígena é visível atualmente, segundo uma estimativa de Eduardo Navarro há mais de 10 mil tupinismos no português brasileiro.¹⁷

A Língua Geral após sua proibição não desapareceu totalmente, a língua evolutiva do Tupi, o *Nheengatú*, tornou-se a língua dominante na Amazônia até o final do século XIX, só perdeu seu estatus para o Português quando milhares de nordestinos devido a uma grande seca em 1877 migraram para a região amazônica e implantaram o Português, que passou a ser a língua dominante.

Desde o princípio da descoberta das novas terras, conquistadores, historiadores e cronistas da época interessaram-se em conhecer mais sobre a língua, a organização social, econômica e cultural indígena. Cada navio que chegava ao Brasil aportava muitos europeus, muitos deles vinham para o Brasil sem companheiras, chegando às novas terras relacionavam-se com mulheres indígenas e eram aceitos nas tribos, como consequência o Tupinambá tornava-se a língua materna dos seus filhos. Principalmente nas áreas mais afastadas do centro administrativo predominava a Língua Geral. O padre Antônio de Anchieta no seu testemunho histórico em 1694:

“[...] as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua, que nas ditas famílias se fala, é a dos índios, e a Portuguesa a vão os meninos aprender à escola” (Silva Neto, 1963, p.53 apud Viera, 1856, p.249-251)

A política de miscigenação já existia em algumas tribos antes da chegada dos

¹⁶ Tunes, Suzel, *Abá Nhe'enga oiebyr - tradução: A língua dos índios está de volta*, Curso de Tupi Antigo. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlc/tupi/artigo_1.htm Acesso em: 20 maio 2011.

¹⁷ Ibid.

portugueses, o costume entre os tupis, por exemplo, era de oferecer uma mulher a todo estranho que fosse aceito entre eles. Desta forma o estranho tornava-se parente de todo o grupo por afinidade, desempenhava um papel na tribo e participava das atividades como dança e rituais indígenas. Os europeus por sua vez integravam-se às tribos comandavam os indígenas para os trabalhos de corte e transporte de madeira para a exportação, além de irem para a guerra para ajudar seus novos parentes. Do casamento entre índias e europeus nasciam os primeiros brasileiros, chamados mamelucos, a língua que estes falavam era a da mãe, ou seja, o Tupi, que teve bastante impacto na posterior colonização das terras (cf. Caldeira, 1997, p.16, 22-23, 33).

Alguns europeus adotaram completamente os hábitos indígenas, passaram a andar nus, adquiriram o hábito de comer mandioca, conheciam o nome das plantas e a época adequada para o cultivo, além de aprenderem a língua nativa.

Um destes europeus vindos para o Brasil entre 1509 e 1510 foi o naufrago português Diogo Álvares Correia, chegou às costas baianas supostamente trazido por um navio francês e passou a morar na tribo dos Tupinambás da Bahia. Diogo Álvares Correia, recebeu o cognome indígena *Caramuru*,¹⁸ ele é considerado um dos pais biológicos do Brasil e simbolicamente representa a miscigenação brasileira, porque casou-se oficialmente com a índia chamada Paraguaçu,¹⁹ em 1527 Paraguaçu foi batizada na França e recebeu o nome de Catarina Álvares, este casamento foi o primeiro casamento oficial entre brancos e índios no Brasil. Através dessa união *Caramuru* pôde facilitar as relações dos europeus com os indígenas locais, devido a sua diplomacia, ajudou nos contatos administrativos de Tomé de Sousa e contribuiu para que os primeiros missionários jesuítas tivessem êxito na catequização dos indígenas. Acredita-se que 50 milhões de brasileiros descendam de *Caramuru*, uma estimativa demográfica perfeitamente lícita, como afirma o historiador Francisco Antonio Dória autor de um livro intitulado *Caramuru e Catarina lendas e narrativas*²⁰.

¹⁸ Em torno de *Caramuru* e seu naufrágio há muitas lendas e diferentes versões de contá-las, até mesmo o nome *Caramuru* pode não ter vindo de um nome indígena dado ao peixe moréia, e sim de uma serra em Portugal de onde Diogo Álvares teria suas origens. Nunca se sabe onde acaba a lenda e começa a história. Fonte: TV Brasil, *Caramuru (1/5) - De Lá pra Cá - 30/09/2009*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3Vf-p97Hf94&feature=related> Acesso em: 18 março 2012.

¹⁹ Segundo o historiador Francisco Antonio Dória, *Paraguaçu* é um nome inventado no século XVII, cujo significado é “mar imenso” este nome nunca foi atestado em documento, Catarina era chamada de velha *Caramuru*, segundo dados Catarina não falava bem Português e precisava de intérpretes jesuítas. Fonte: TV Brasil, *Caramuru (1/5) - De Lá pra Cá - 30/09/2009*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3Vf-p97Hf94&feature=related> Acesso em: 18 março 2012.

²⁰ TV Brasil, *Caramuru (1/5) - De Lá pra Cá - 30/09/2009*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3Vf->

Há muitos livros e poemas sobre *Caramuru*, um exemplo é o poema épico de José de Santa Rita Durão, cujo nome é *Caramuru*, muitos dos seus personagens possuem nomes indígenas, começando pelo protagonista *Caramuru* que significa, segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, “filho do trovão” ou “dragão do mar”, conforme a lenda, quando o naufrago chegou ao Brasil, no momento de ser sacrificado disparou para o alto, os nativos ficaram com medo e gritaram “Caramuru! Caramuru!” “homem do fogo” ou “filho do trovão” (Ferreira, 1986, p.348).

No que concerne à grande miscigenação da população brasileira, o educador, filósofo e sociólogo brasileiro Gilberto Freyre escreveu o seguinte em seu livro *Casa-Grande e Senzala*: “*Todo brasileiro branco, mesmo o alvo, de cabelo louro traz na alma, quando não na alma e no corpo, a sombra ou pelo menos a pinta do indígena e do negro.*”²¹

O antropólogo Roberto da Matta concorda com Freyre, segundo ele a miscigenação passou a ser um elemento de ênfase política no país desta época e entrou como valor na sociedade aristocrática brasileira, diferentemente de outros países como os Estados Unidos onde a miscigenação existiu, mas foi exceção. As contribuições históricas vão além do campo linguístico, o médico, geneticista e pesquisador Sérgio Danilo Pena, professor da Universidade de Minas Gerais, apresenta no seu livro *Homo Brasilis* dados de 2000 o resultado de uma pesquisa, cujo objetivo é mostrar o “Retrato Molecular do Brasil”, este estudo comprova a teoria apresentada por Gilberto Freyre na década de 30, a de que todo o brasileiro possui linhagem negra ou/e indígena.²² Esse teste comprova que as linhagens paternas do brasileiro comum auto-denominado “branco” são essencialmente europeias, enquanto que da parte da linhagem materna, um terço são europeias, um terço ameríndias e um terço africana, isto quer dizer que todo brasileiro branco comum possui 2/3 da sua linhagem não europeia²³. Através dos acontecimentos da história dos primeiros séculos é possível entender porque o Brasil é um país tão miscigenado.

Desta forma pode-se verificar a importância da história para o desenvolvimento de

p97Hf94&feature=related Acesso em: 18 março 2012.

²¹ Biblioteca Virtual Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala*, Disponível em: http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/critica/artigos_imprensa/preconceito_forte.htm Acesso em: 30 abril 2012.

²² Cunha, Alécio, *Homo Brasilis – Genética comprova tese de Gilberto Freyre*. Disponível em: <http://www.laboratoriogene.com.br/geneImprensa/homoBrasilis.htm> Acesso em: 19 março 2012.

²³ TV Brasil, *Caramuru (4/5) - De Lá pra Cá, 30/09/2009*. Disponível em:

um povo, o encontro destas três etnias contribuiu para a formação do povo brasileiro atual e ainda abre as janelas para um passado até agora desconhecido. Sérgio Pena afirma que os testes com o brasileiro branco levam ao estudo de tribos indígenas já extintas: “Através do brasileiro branco, somos capazes de estudar linhagens de tribos indígenas extintas.”²⁴ Segundo ele, muitas vezes estas linhagens indígenas já não existem nas regiões onde habitam índios atualmente, neste caso outras áreas como a linguística, etnologia e antropologia podem fornecer possíveis respostas sobre estas tribos. Sendo assim, pode-se observar que a política de miscigenação séculos antes possibilitou não apenas aos europeus do século XVI sua sobrevivência e êxito e intensificou os empréstimos de vocábulos, mas também contribuiu para formar as diversidades raciais do Brasil.

2.3 Empréstimos indígenas do século XVI ao XVIII: nomes da fauna e flora brasileiras com expressões populares e pejorativos

No que concerne aos empréstimos linguísticos e culturais pode-se afirmar que para os europeus o contato com os indígenas foi essencial. Enquanto adaptavam as sementes trazidas da Europa, os índios mostravam aos recém-chegados as plantas comestíveis, as boas madeiras, a caçar, a pescar e a cultivar a terra. Destes primeiros contatos muito se emprestou da cultura indígena, alguns exemplos são: a rede de dormir, a jangada e a mandioca (cf. Caldeira, 1997, p.30).

Quanto aos termos indígenas no português do Brasil, acredita-se que 70% dos nomes para a fauna e flora em Português derivam de línguas indígenas. A maioria dos animais e plantas exóticas que os portugueses não conheciam preservaram seus nomes originais. Também é possível encontrar palavras indígenas em utensílios, alimentos, culinária, acidentes geográficos, crenças e até mesmo doenças.

Dall’Igna Rodrigues exemplifica no seu livro *Línguas Brasileiras* estes empréstimos da fauna, foram analisados um pouco mais de 1000 nomes brasileiros populares de aves, 350 deles tinham nomes com origem do Tupinambá, em um outro estudo

<http://www.youtube.com/watch?v=qao3JpzYPSE&feature=related> Acesso em: 18 março 2012.

²⁴ Cunha, Alécio, *Homo Brasilis – Genética comprova tese de Gilberto Freyre*. Disponível em: <http://www.laboratoriorogene.com.br/geneImprensa/homoBrasilis.htm> Acesso em: 20 março 2012.

sobre a fauna, em uma região onde os contatos foram mais intensos, quase a metade dos nomes populares de peixes vieram do Tupi Antigo (Rodrigues, 1994, p.21).

No Brasil mesmo os equivalentes dos faunos, entes mitológicos romanos que são metade homem metade bode, recebem nomes indígenas como o *Curupira*, este ente é uma figura da mitologia indígena transportada para a cultura brasileira aparece em muitas lendas e possui diferentes formas, sua função como a dos faunos é proteger as florestas.

Ao falar a respeito dos empréstimos da família Tupi-Guarani ao português do Brasil Harald Haarmann escreve o seguinte:

“Im Unterschied zu den meisten anderen Indianersprachen hat das Tupí-Guaraní auch im Kontakt mit den weißen Kolonisten eine Rolle gespielt. Das heute ausgestorbene Tupinambá hat dem Portugiesischen Brasiliens zahlreiche Lehnwörter vermittelt, insbesondere Bezeichnungen der einheim. Flora und Fauna.” (Haarmann, 2001, p.390)

As populações indígenas antes da chegada dos europeus estavam organizadas das mais diferentes maneiras, algumas estavam distribuídas em pequenos grupos de caçadores e outras eram coletores. Estavam habituados aos ambientes mais variados como a floresta tropical, as regiões semi-áridas, regiões com climas temperados, campos e montanhas, entre outros.

A fauna brasileira sempre possuiu uma grande diversidade de animais distribuídos ao longo de todo o território nacional. A Amazônia concentra uma grande biodiversidade de espécies raras. Nos rios e lagos desta floresta há uma abundante quantidade de peixes e mamíferos aquáticos. Alguns dos mais conhecidos como o *piracuru*, o *manati* e o *uiara* aparecem neste subcapítulo. Além disto, nesta região encontram-se muitos répteis com nomes indígenas como: *sucuri*, *jibóia*, *jararaca*, *jabuti*, *jacaré*, *tartaruga*, *sucururu*, entre outros. A *capivara* o maior mamífero herbívoro do mundo tem seu habitat na América do Sul e Central. Nas caatingas pode-se encontrar animais como o *tamanduá*, *tatu*, *lobo guará*, *guaxinim*, todos com nomes indígenas. As aves também eram importantes na cultura indígena e por isso muitas delas possuem nomes derivados das línguas da família Tupi-Guarani como: *jacu*, *urubu*, *seriema*, entre outros.

Abaixo são citados alguns exemplos de nomes referentes à fauna divididos em categorias:

2.3.1 Mamíferos

Peixe-boi é o nome popular do maior mamífero de água doce da América do Sul também é chamado pelos nomes peixe-boi-da-amazônia, guarabá, manati, manatim, manái e vaca marinha. A designação “peixe” é incorreta, já que este animal é um mamífero. Os termos *Guarabá* e *Manati* são palavras derivadas de línguas indígenas. *Manati*, *manitim*, *manái* são termos do caraíba da palavra *mana’ti*, *manatim* é em Português uma palavra híbrida. Há muitas lendas indígenas que surgiram para explicar a origem de certos animais e plantas, seu surgimento data de muito antes da chegada dos portugueses às novas terras. Estas lendas indígenas passaram a integrar a cultura popular brasileira, uma delas, a lenda do peixe-boi surgiu no vale do Rio Solimões, conta-se que um casal de índios baixo a ordem do pajé mergulhou nas águas profundas de um rio, logo após mergulharem transformaram-se em peixe-boi e procriaram-se dando origem aos peixes-bois.²⁵

Um dos nomes do **boto-cor-de-rosa** é *uiara* que significa “senhora das águas”. Em torno deste mamífero fluvial distribuído nas bacias dos rios Amazonas e Orinoco há uma série de lendas. Uma delas conta que o boto sempre se transforma em um lindo jovem nas noites de festa. Este jovem usa roupas e um chapéu branco, o chapéu oculta uma abertura na sua cabeça por onde exala um cheiro forte de peixe. O boto, transformado em belo rapaz, é um grande sedutor de mulheres, as quais convida a dar um passeio, mas antes de amanhecer pula na água e volta a sua forma de boto, deixando sempre uma mulher grávida. É por isso que na cultura popular no Amazonas quando uma mulher aparece grávida e não se sabe quem é o pai atribui-se a paternidade ao boto. Muitas vezes algumas das lendas e superstições populares contribuem à caça destes animais para realização de rituais religiosos, porém, o que mais afeta a sua extinção são as construções de hidrelétricas e a utilização da carne destes animais para servir como isca para a pesca.²⁶

O **tamanduá** é um mamífero da família dos mimercofagídeos, cujo alimento principal é os cupins. É chamado por outros nomes como jurumim, tamanduá-bandeira,

²⁵ Isto é Amazônia – O Portal da Floresta, *Lenda e Mitos I*. Disponível em: http://www.istoeamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42 Acesso em: 15 março 2012.

²⁶ Isto é Amazônia – O Portal da Floresta, *Lenda e Mitos I*. Disponível em: http://www.istoeamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42 Acesso em: 17 março 2012.

tamanduá-mirim. A palavra tamanduá vem do Tupi *tamãdu'á*, cujo significado é “come formigas”. Há uma expressão em Português, onde aparece este nome indígena “dar um abraço de tamanduá” (Mello, 2009, p.56), os tamanduás quando sentem o perigo deitam de barriga para cima e abrem os braços, quando as suas presas se aproximam as esmagam com um forte abraço. No sentido figurativo é sinônimo de uma atitude falsa, deslealdade ou traição (Ferreira, 1986, p.1643).

O ***gambá*** é um mamífero marsupial da família dos didelfídeos, que habita os Estados Unidos, a América Central e grande parte da América do Sul. Gambá é uma palavra do Tupi *gã'bá* e significa “seio oco”. Há uma expressão em Português que contém este termo: “Bêbado como um gambá” (Mello, 2009, p.87). Esta expressão compara a pessoa embriagada a um gambá, provavelmente devido ao forte cheiro de álcool. A expressão “Comer gambá errado” significa ser enganado, usa-se quando se recebe menos do que o esperado. A palavra gambá no pejorativo também é usada para designar o mau cheiro de uma pessoa. Isto devido ao cheiro intensivo que o animal exala (Ferreira, 1986, p.338).

Jaguara um nome, cuja origem remonta à família Tupi-Guarani *ya'wara*, é um animal carnívoro da família dos felídeos que habita em toda a América. Em Guarani *jaguá* significa “cão”, na linguagem popular do Rio Grande do Sul e Paraná significa “cão ordinário”, sem dono que vive abandonado pelas ruas, o chamado cão “vira-latas”. Se usado em sentido pejorativo significa uma pessoa de mau caráter, sem escrúpulos.

2.3.2 Aves

Arara é a designação comum às aves psitacíformes da família dos psitacídeos. A palavra *arara* vem do Tupi *a'rara* e seu significado é “dia”, “luz”, “tempo”, mas também pode ser onomatopaico (Ferreira, 1986, p.115). Há expressões populares que fazem uso desta palavra: “Ficar uma arara” ou “Estar uma arara”. Elas são usadas quando alguém fica ou está muito irritado. Há ainda as expressões “Cagado de arara” ou “Cagado de urubu”, usa-se quando uma pessoa tem muito azar (Mello, 2009, p.56).

Guará também é o nome de uma ave ciconiforme brasileira da família threskiornithidae, sua origem é das palavras indígenas *guag* (enfeites) e *rab*

(plumas), significa, portanto, “penas para enfeitar”, recebe outros nomes como íbis-escarlate, guará-vermelho, guará-rubro e guará-pitanga. É também o nome de um município no estado de São Paulo e uma Região Administrativa do Distrito Federal.

Em quanto à palavra **jacu** o *Dicionário Guarani-Português* apresenta o seguinte significado: “O jacu é uma ave de carne saborosa.” (Tibiriçá, 1989, p.80), esta é a designação comum a várias aves galiformes da família dos cracídeos, habitam frequentemente as matas primitivas do país. Esta palavra origina-se do Tupi *ya’ku*. No pejorativo significa mulher fácil, também usado no aumentativo, ou seja, *jacusão*. O nome “jacu” no figurativo também pode significar um indivíduo bobalhão, desajeitado, aparvalhado.

Urubu é uma palavra de origem tupi *uru’bu*, designa às aves catartidiformes, da família dos catartídeos, este animal se alimenta de carnes em decomposição, por isso, não é visto na cultura brasileira como um animal bonito ou limpo, a maioria das expressões populares em que a palavra aparece são negativas. Usa-se esta palavra na gíria popular ao referir-se a uma mulher considerada “feia”. As pessoas que sempre se vestem de preto são chamadas de “urubus”, os padres e freiras recebem este nome por causa das suas roupas (Ferreira, 1986, p.979). Urubu também é o nome de uma tribo indígena tupi que vive nas florestas da região oriental do Maranhão.

Urutau é uma ave noturna, durante o dia permanece imóvel em um tronco só à noite canta. O nome urutau designa popularmente as aves caprimulgiformes, da família dos nictibídeos, há cinco espécies no Brasil (ibid., p.1744). Esta palavra tem origem das línguas indígenas da família Tupi-Guarani, em Guarani se chama *urutau* e em Tupi *urutaua*, seu significado é “ave fantasma” de *guyra* (ave) e *táu* (fantasma), possui um canto lamentoso, melancólico triste que parece um lamento humano. Há algumas crenças relacionadas a este pássaro, no Amazonas acredita-se que as penas da cauda do urutau protegem a castidade e por isso muitas mães varrem com penas de urutau embaixo das redes das suas filhas com o objetivo de proteger sua castidade (Tibiriçá, 1989, p.173).²⁷

Jaburu é a designação comum às aves ciconiforme, são aves de grande porte da família dos ciconídeos, o nome é formado pelas palavras Tupi *ya*, “ave”, e *abiru*,

²⁷ Aldeia Numaboa, *Urutau*. Disponível em: <http://www.numaboa.com.br/destaque> Acesso em: 15 dezembro 2011.

“farto”, seu nome faz alusão ao seu grande papo, estas aves habitam os pantanais e alimentam-se de peixes e outros animais aquáticos. O *Novo Dicionário Aurélio* apresenta duas definições para o termo em sentido figurado: “Pessoa esquisita, desajeitada, mal-amanhada, feiosa.” (Ferreira, 1986, p.977).

Uirapuru é a designação popular para muitas aves da família dos piprídeos, estes pássaros possuem plumagem colorida e habitam a floresta Amazônica. O uirapuru só canta cerca 15 dias por ano, apenas quando constrói o ninho, seu canto é melodioso, longo e suave. Na região Norte do Brasil está ameaçado de extinção, porque popularmente se acredita que trazer um uirapuru empalhado consigo traz muita sorte. O vocábulo uirapuru vem do Tupi *wirapu'ru* e significa “pássaro que não é pássaro”.

Em torno deste pássaro existem muitas lendas, uma delas conta que um jovem guerreiro apaixonou-se pela esposa de um cacique vendo que seu amor era impossível pediu ao deus Tupã que o transformasse em pássaro e assim aconteceu, o jovem foi transformado em um pássaro de plumagem vermelha, cujo canto era encantador, o *uirapuru*, todas as noites este pássaro cantava perto da janela da sua amada, com a esperança que esta percebesse sua existência, porém, foi o cacique quem se encantou com o seu canto e por tentar aprisioná-lo, perdeu-se na floresta. A lenda conta que o pássaro voltou para onde estava a mulher do cacique e desde este dia canta para que ela o escute²⁸. Os povos indígenas atuais cultivam as lendas relacionadas ao uirapuru, quando este pássaro canta toda a floresta fica em silêncio para ouvir seu canto (Ferreira, 1986, p.1733). O escritor e poeta Humberto de Campos (1886-1934) escreve no seu soneto: “*O que mais no fenômeno me espanta/ É ainda existir um pássaro no mundo/ Que fique a escutar quando outro canta!*” Campos compara este pássaro a Orfeu e o designa “o Orfeu do seringal”: “*Dizem que o Uirapurú, quando desata/ A voz, Orfeu do seringal tranqüilo./ [...] O passaredo, rápido, a segui-lo,/ Em derredor agrupa-se na mata.*”²⁹

Outra lenda conta que duas índias apaixonaram-se pelo mesmo cacique, como não era possível casar-se com as duas, o cacique organizou um concurso, a ganhadora

28 Vainsencher, Semira Adler. *Uirapuru*. Pesquisa Escolar Online. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisa_escolar/. Acesso em 10 fevereiro 2012. Isto é Amazônia – O Portal da Floresta, *Lenda e Mitos I*. Disponível em: http://www.istoamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42 Acesso em: 20 março 2012.

29 Kitzinger Dannemann, Fernando, *Uirapuru Amazônia* 09/01/2007. Disponível em: <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=341520> Acesso: 12 outubro 2011.

seria sua esposa, as duas moças tinham que acertar um pássaro, uma conseguiu e a outra não, aquela que perdeu o concurso ficou muito triste e pediu ao deus Tupã para que a transformasse em um pássaro, desta forma ficaria sempre perto do seu amado e assim Tupã o fez, contudo, ao ver a felicidade do cacique com a sua nova esposa, a jovem índia sentiu-se ainda mais triste e foi habitar o mais profundo da floresta Amazônica.³⁰

Uirapuru também é o título de uma das primeiras obras do compositor brasileiro Heitor Villa Lobos, a música de 1917 descreve o ambiente da selva brasileira e os habitantes nativos. Villa Lobos também escreveu um poema, no qual descreve a história do uirapuru, esta ave é na mitologia indígena o deus do amor, no poema um índio era disputado por duas índias. Este índio foi assassinado por outro índio que o invejava. O belo índio morto transformou-se em pássaro e desapareceu na floresta onde só é possível escutar seu canto.³¹

2.3.3 Répteis

Jararaca da mata é um nome do Tupi *yara'ra*, nome comum a diversas espécies de répteis ofídios, da família dos crotalídeos, estes animais, embora venenosos, são serpentes mansas que vivem isoladas. Na linguagem popular é sinônimo de uma pessoa fofqueira, brava, irada, furiosa traidora, má, falsa, em outras palavras, pessoa de mau gênio. Para além, no Ceará é o nome de uma roupa escura (Ferreira, 1986, p.983). Recebe outros nomes como: jararaca do campo, jararaca do cerrado, jararaca dormideira, jararaca preguiçosa e jararaca verdadeira.

2.3.4 Anfíbios

Perereca é o nome comum aos anfíbios anuros, sobretudo os da família dos hilídeos, há mais de 80 espécies de pererecas no Brasil. O nome origina-se do Tupi *pere* e *reg*, “ir aos saltos” (ibid., p.1593). Na linguagem popular é um nome usado para vagina, vulva. Algumas expressões contém a palavra “perereca” como: “Botar a perereca no espeto” ou “Botar a perereca para tomar leite de canudinho” (Mello, 2009, p.96). As duas expressões significam manter relação sexual. Também há o verbo “pererecar” emprestado ao Português, formado pela palavra tupi “perereca” e

30 Vainsencher, Semira Adler. *Uirapuru*. Pesquisa Escolar Online. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: [http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisa escolar/](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisa%20escolar/). Acesso em 10 fevereiro 2012.

31 Ibid.

a terminação “ar” do Português. Significa andar de um lado para outro, desnordeado, atrapalhado, do mesmo modo que a perereca animal, no Rio Grande do Sul o verbo significa os pulos do pião (Ferreira, 1986, p.1308).

2.3.5 Peixes

O **pirarucu** é um dos maiores peixes de água doce do mundo, chega até a 3 metros de comprimento e pesa até 200 quilos. Pertence à família dos osteoglossídeos, seu habitat é a bacia amazônica. Assim como muitos outros peixes este animal da fauna brasileira recebe um nome indígena, o termo vem do Tupi *piraru 'ku* e significa “peixe vermelho” (ibid., p.1337).

Associada a este peixe existe uma lenda muito conhecida no norte do Brasil, surgiu para contar a origem deste peixe. Segundo a história um índio guerreiro valente, vaidoso, mas ao mesmo tempo muito mal, recebeu um castigo do deus Tupã. Ao encontrar-se na floresta foi atingido por uma árvore durante um temporal sendo achatado por esta, seu corpo foi levado para as profundezas do rio Tocantins e Tupã o transformou em um peixe de cor avermelhada, que possui muitas escamas e a cabeça achatada.³²

O **tambaqui** é outro exemplo de nome indígena para peixe, este nome vem do termo tupi *tãba'ki*, também recebe um outro nome indígena *curupeté* (de possível origem tupi), uma das características deste peixe da família dos caracídeos é a de que se alimenta de muitos frutos e sementes no período das cheias e quando vem a época de secas passa por um rigoroso jejum e perde a gordura acumulada. Possui uma carne saborosa e é um dos peixes mais comuns no mercado de Manaus (ibid., p.1644).

O **tucunaré** é um dos peixes muito apreciados na culinária do Amazonas e é utilizado na piscicultura, seu nome é do Tupi *tukuna'ré*, possui outros nomes indígenas como: tucunaretinga, lucunari, lacunari, tucunaré-putanga, tucunaré-pinima. Pode atingir até 60 centímetros de comprimento e pesar 4 quilos.

Jurupoca é o termo para designar um peixe teleósteo, siluriforme da família dos

32 Portal Amazônia.com. *Lenda Amazônica do Piracuru*. Disponível em:

pimelodídeos, possui boca com prognatismo acentuado, cabeça pequena em relação ao corpo (ibid., p.996). Há uma expressão com este vocábulo “a jiripoca/jurupoca vai piar” quando se usa em linguagem popular significa dizer que a situação vai ficar difícil ou que um problema, castigo ou advertência aparecerá (Mello, 2009, p.50). *Juru* é um termo do Tupi e significa “boca” e *poka* “arrebentar”.

Lambari é o nome vulgar de um peixe pequeno dos rios do Brasil e é um topônimo no estado de Minas Gerais (Tibiriçá, 1989, p.94), o “l” não era usado nas línguas da família Tupi-Guarani foi acrescentado, o peixe se chamava *arambari*.

Piranha é a designação comum para várias espécies de peixes teleósteos, caraciformes, da família dos caracídeos, estes peixes são carnívoros e vorazes, habitam os rios de água doce da América do Sul, ao todo, há 15 espécies conhecidas no Brasil. Esta palavra vem do Tupi, *pirá* ('peixe') e *ánha'* ('corte'). Recebeu este nome devido a seus numerosos e cortantes dentes. No sentido figurado “Boi de piranha” significa uma pessoa que se coloca em perigo ou faz um sacrifício para que outras pessoas possam tirar proveito da situação (Mello, 2009, p.92). A palavra piranha quando usada para uma mulher, torna-se uma palavra pejorativa e refere-se ao estilo de vida licencioso, sendo que esta não precisa ser necessariamente uma meretriz, outros sinônimos para esta gíria são: piranhuda, pistoleira. A sede da prefeitura do Rio de Janeiro, localiza-se em uma zona que antigamente era usada para a prostituição, devido a isso chama-se *Piranhão* até os dias atuais (ibid., p.390).

2.3.6 Insetos

Cupim designa um inseto da ordem isoptera, o termo vem do Tupi e significa “buraco pequeno”, das palavras *quara*, “buraco”, e *pi(m)*, pequeno. Algumas expressões com cupim são: “Cupim de aço”, “Cupim de ferro”, “Cupim de mármore”. As duas primeiras significam a mesma coisa: “indivíduo que destrói automóveis ou maquinários dirigindo ou usando-os sem cuidado.” A terceira expressão significa trabalhar duro mesmo diante de dificuldades (ibid., p.147).

2.3.7 Outros invertebrados

Siri este nome designa todas as espécies de crustáceos decápodes, pertencem à família dos portunídeos (Ferreira, 1986, 1593). É uma palavra tupi que em Português significa “correr, deslizar, andar para trás”, quanto à expressão sabe-se que o siri tem uma boca minúscula quase invisível a olho nu, quando prende sua presa com a boca, que possui garras, não a solta nem depois de morto. Quando se pede a alguém para “fazer boca de siri”, significa que deve guardar segredo, silenciar-se, manter discrição (Mello, 2009, p.157). A expressão refere-se a “boca” fechada do siri. Outra expressão com esta palavra é “Como siri na lata” significa estar muito agitado, contrariado, indócil (ibid., p.138).

A palavra **pitu** é de origem tupi, o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira descreve-a da seguinte maneira: “Pitu. [Do tupi pi'tu, “casca escura”] S. m. Bras. Designação comum às espécies de camarões da família dos palemonídeos, especialmente *Macrobrachium carcinus* (Linnaeus), de água doce, de coloração esbranquiçada [...] [Sin: camarão-d'água-doce.] 2. V. camarão-castanho.” (Ferreira, 1986, p.1342) Pitu é portanto um nome indígena, este é o maior camarão de água doce do mundo e vive na Amazônia. Também pode ser encontrado em alguns rios do Nordeste, chega a medir 48 centímetros.

Seguem alguns exemplos de nomes indígenas da flora e alguns frutos:

Jenipapo-urucú estas árvores eram usadas pelos nativos para a extração de líquidos que serviam como tintas, os nativos utilizavam estas tintas para se pintarem. Jenipapo é uma árvore de grande porte, o nome provém da palavra *yanipab*, que significa frutos das extremidades, da ponta (Buggenhagen, 1951, p.79).

Jurubeba é uma planta da família das solanáceas, muito usada como chá caseiro para facilitar a digestão. Composta pelas palavras *juru* e *ueua*.

Piriri é um nome tupi, piriri é um arbusto da família das euforbiáceas, planta muito difundida no Brasil. Piriri é na linguagem popular brasileira sinônimo de diarreia, dor de barriga, etc. (Mello, 2009, 390) Em *Ciranda da Bailarina* há uma frase, na qual a palavra piriri aparece com este sentido: “*E tem piriri, tem lombriga, tem ameoba/ só a*

bailarina que não tem.”³³

Tiririca é segundo o *Dicionário Aurélio* uma espécie de erva daninha da família das ciperáceas, comumente encontrada em açudes e que se espalha velozmente (Ferreira, 1986, p.1681). Surgiu uma expressão com esta palavra “Ficar tiririca da vida” significa ficar muito bravo, irritado, nervoso com algo ou alguma coisa, o *Dicionário Guarani-Português* explica a origem desta palavra, em Tupi é *tîrîrîca* e significa “arrastar-se”, “arrasto”, em Guarani o verbo é *tîrîrî* (Tibiriçá, 1989, p.168). A expressão “Ficar tiririca da vida” pode ter-se originado justamente desta planta que por apresentar folhas finas pode cortar a pele de quem atravessa um banhado onde estejam às vezes o indivíduo nem percebe seu corte, desta forma, a planta irrita a todos aqueles a quem corta³⁴.

Capim é um termo formado pelas palavras; *caá*, cujo significado é “mato” e *pi(m)*, que significa em Português “fino”, “pequeno”. Sendo assim a expressão significaria “mato pequeno”. Este termo manteve seu significado e pronúncia original. A palavra “Burro velho, capim novo” significa quando um homem velho gosta de mulheres mais novas (Mello, 2009, p.105). A expressão “Comer capim pela raiz” significa morrer. (ibid., p.133). Há outras variações desta palavra, como por exemplo, capinzal ou os verbos capinar, carpir.(Ferreira, 1986, p.1681).

A **mandioca** é uma palavra de origem tupi *mãdi’og*, esta é uma planta leitosa da família das euforbiáceas é muito empregada na alimentação brasileira, dela se fazem muitos produtos como a tapioca, o beiju, a manipueira farofa, entre outros (Caldeira, 1997, p.11; Ferreira 1986, p.1077). Seu cultivo é algo que remonta aos tempos pré-hispânicos, e é, portanto um costume emprestado da cultura indígena. Os tupis a cultivavam “amarga”, os guaranis “doce”. Já que é uma raiz venenosa quando crua, é preciso uma preparação adequada para torná-la comestível. Sobre a mandioca há lenda de origem tupi, nesta lenda a filha do chefe engravidou ainda virgem, desta gravidez nasceu uma menina, cujo nome era Mani, após um ano Mani morreu do seu túmulo surgiu um arbusto desconhecido e um pouco depois a terra se abriu e apareceram as raízes da mandioca, cujo nome viria de “Manioca”, ou seja, “a

³³ Terra. *Ciranda da Bailarina* Disponível em: letras.mus.br/os-saltimbancos/1364593/ Acesso em: 17 fevereiro 2012.

³⁴ Aldeia Numaboa, *Nomes e Expressões indígenas*. Disponível em:

<http://www.numaboa.com.br/component/glossario/?view=category&id=264:indigena> Acesso em: 29 setembro 2011.

casa de Mani”.³⁵

Alguns frutos preservaram seus nomes originais, ou seja, os nomes dados pelos nativos como *pitanga*, *abacaxi*, *ananás*, *caju*, *jaboticaba*, *sapoti*, *gravatá*, *pequi*, *maracujá*.

Pitanga é uma palavra de origem tupi *pi'tãg*, cujo significado é “vermelho”, o nome refere-se a cor do fruto (Tibiriçá, 1989, p.146). Pitangueira é a árvore da qual provém a pitanga. Essa é uma palavra híbrida formada por *pitanga* nome tupi e *eira* proveniente do latim. É comum aparecer hibridismos nos termos indígenas emprestados ao Português, alguns exemplos da flora: juazerios, cajueiros, açazeiros, abacaxizeiros. Os sufixos “eiro” ou “eira” representam quantidade, posse, entre outros. O provérbio popular diz “Não chorar as pitangas”, provavelmente alude à cor dos olhos depois do choro, ficam vermelhos como uma pitanga, a expressão assinala que não se deve reclamar da própria sorte.

O **abacaxi** é uma planta monocotiledônea pertencente à família das bromeliáceas, da subfamília bromelioideae. A etimologia da palavra *abacaxi* é *yá*, *ywa*, *iva*, ou *ibá*, cujo significado é “fruto” e *katy*, *káti*, cujo significado é “recender” ou “cheirar fortemente”, ou seja, quer dizer “fruta de cheiro ou fruta cheirosa”, fazendo alusão ao cheiro intensivo que possui o abacaxi. O termo provavelmente originou-se do tupi. A conhecida expressão “descascar um abacaxi” significa solucionar um problema muito difícil, complicado, ruim (Mello, 2009, p.184). Provavelmente esta expressão surgiu, porque o abacaxi é uma fruta difícil de se descascar.

O nome de uma fruta brasileira **maracujá** também vem da família Tupi-Guarani e significa “comida na cuia” devido à forma do fruto.³⁶

2.4 Expressões coloquiais em Português oriundas no período colonial

Na atualidade encontramos muitas expressões coloquiais e gírias com palavras indígenas. O Dicionário de expressões coloquiais brasileiras *Conversando a gente se entende* publicado por Nelson Cunha Mello em 2009 apresenta um acervo de 10

³⁵ Isto é Amazônia – O Portal da Floresta, *Lenda e Mitos I*. Disponível em: http://www.istoeamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42 Acesso em: 30 março 2012.

³⁶ Da Silva, Josefa Maria Francieli et al. *O uso do maracujá-do-mato para o desenvolvimento da agricultura familiar no semiárido nordestino*. Estudantes e professor assistente de graduação no curso de Agronomia da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri. Disponível em: submissoes.cariri.ufc.br/agro2010/.../p160.doc Acesso em: 11 janeiro 2012.

mil expressões utilizadas no cotidiano popular brasileiro, dentre essas expressões encontram-se algumas, cuja origem é indígena.

Eduardo Navarro apresenta em um artigo intitulado *Abá Nhe'enga oîebyr - tradução: A língua dos índios está de volta* algumas expressões que se originaram na época colonial quando a Língua Geral era amplamente falada em todo Brasil. Estas expressões tornaram-se muito populares e são utilizadas no cotidiano dos brasileiros atualmente. Seguem algumas destas expressões:³⁷

Quem cutuca a onça com vara curta está procurando problema ou confusão, a expressão é “cutucar a onça com vara curta”, com as seguintes variantes: “*cutucar a fera com vara curta*” ou “*cutucar o leão com vara curta*” (Ferreira, 1986, p.128). O verbo cutucar é um entre muitos verbos, cuja origem remonta às línguas da família Tupi-Guarani, pode-se verificar esta afirmação no *Dicionário Guarani-Português* onde Luíz Caldas Tibiriçá salienta que este é um verbo aportuguesado. O verbo formou-se do verbo *cutu* em Guarani, ou *cutuca* em Tupi: “*cutu-v. cravar, picar, ferir.*” (Tupi: *cutuca*), ver também “*cutuhá – s. Furador*” (ibid., 53).

Além disso, há expressões como “parar com nhen-nhen-nhén”, que significa parar de falar o tempo inteiro, *nhen-nhen-nhén* vem do verbo *nhe'eng* que significa falar em Tupi Antigo.

“Estar jururu” segundo o *Dicionário Aurélio* este termo *xearu'ru* (estar tristonho) significa estar triste, cabisbaixo, melancólico, juru significa boca tanto em Tupi como em Guarani, pela expressão da boca se percebe quando alguém está triste, daí surge o provável significado da expressão. Segundo Eduardo Navarro surgiu do vocábulo *aruru* que possui o mesmo significado.

Na expressão “Araruta tem seu dia de mingau” encontram-se duas palavras indígenas, *araruta*, uma palavra de origem aruaque de *aru-aru*, que significa “farinha de farinha”, é uma erva cultivada, da família das marantáceas, seu fruto pode ser usado na alimentação. A outra palavra é mingau vem do Tupi *miga'u*, essa é uma espécie de papa de farinha de trigo ou mandioca, também chamado de mingau de tapioca. Quando usado como expressão coloquial significa o que nunca aconteceu antes a alguém um dia acontece.

37 Tunes, Suzel, *Abá Nhe'enga oîebyr - tradução: A língua dos índios está de volta*, Curso de Tupi Antigo. Disponível em:

Chamar alguém de “Velha / Velho coroca” significa que esta pessoa é rabugenta, a palavra “coroca” origina-se do tupi *ko’roka*. No *Dicionário Aurélio* encontram-se as seguintes definições, como decrépito, caduco, curuca, curungo, coróia, velho adoentado, achacadiço (ibid., p.481).

“O velho jogo de peteca” ou “deixar a peteca cair” são expressões conhecidas e significam ir jogando de um para outro uma responsabilidade ou um problema. O termo tupi *pe’teka*, provavelmente originou-se de *pe’teg*, cujo significado é bater, é uma bola pequena, achatada e leve com penas longas. Durante o jogo lança-se a peteca com a palma da mão. As duas expressões acima surgiram a partir do modo de jogo, ninguém quer ficar com a peteca, ou seja, um problema, mas se deixá-la cair a pessoa falhou ou vacilou (ibid., p.1593).

Além destas, há a expressão “estar na pindaíba” significa estar em dificuldades financeiras. Tem origem das palavras *pinda’yba* que significa “vara de pescar”, *pindá* significa “anzol”. Eduardo Navarra conta que antigamente quando a pobreza era grande as populações da beira dos rios, tentavam tirar seu meio de subsistência dele, pescando para comer ou para vender o que conseguiam pescar. Navarra explica que a expressão originou-se no período colonial brasileiro, na época em que o tupi era falado pela maioria dos brasileiros como língua vernácula.³⁸

2.5 Capitanias hereditárias (1532-1548): alianças entre europeus e nativos

Devido às invasões francesas e a uma crise financeira, o rei de Portugal D. João III decidiu enviar em 1531 Martim Afonso de Sousa ao Brasil com o objetivo de colonizar as novas terras descobertas. Esta expedição marca o início da colonização portuguesa no Brasil e é a transição da fase de conhecimento e exploração para a de posse da terra. Nesta expedição Martim Afonso de Sousa fundou em 22 de Janeiro de 1532 a primeira cidade brasileira, a qual batizou de São Vicente. A segunda cidade brasileira foi fundada no mesmo ano pelos jesuítas e recebeu o nome indígena de *Piratininga*, este nome tem origem do Tupi e significa “peixe seco”

http://www.fflch.usp.br/dlcv/tupi/artigo_1.htm Acesso em: 01 março 2012.

38 Tunes, Suzel, *Abá Nhe'enga oîebyr - tradução: A língua dos índios está de volta*, Curso de Tupi Antigo. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/tupi/artigo_1.htm Acesso em: 01 março 2012.

de *pirá* (peixe) e *tinga* (seco), é de Piratininga que surgiu a cidade de São Paulo. Pelo nome destas cidades repara-se as duas tendências principais na escolha dos Topônimos: a religiosa e a indígena.

Para defender seus territórios a Coroa resolveu estabelecer um sistema político-administrativo, cujo objetivo principal era buscar o apoio do patrimônio particular, este sistema chamou-se “Capitanias hereditárias” e já vinha sendo empregado nas ilhas próximas ao litoral português, na Madeira, em Cabo Verde e em São Tomé e Príncipe. Em 1532, Martim Afonso de Sousa dividiu o Brasil em 15 faixas horizontais e as doou a donatários. As capitanias não perseveraram muito, poucas delas realmente prosperaram, a saber: São Vicente, no sul, a qual estava a cargo de Martim Afonso e uma no norte, em Pernambuco, da qual Duarte Coelho era o encarregado.

Segundo o livro *Viagem pela História do Brasil* a capitania de São Vicente prosperou devido à construção de engenhos para explorar a cana de açúcar e porque Martim Afonso de Souza fez uma aliança com João Ramalho, um português que morava junto aos indígenas havia vinte anos. Ramalho fez um acordo com Martim de Souza, propôs dividir o território da capitania entre portugueses e indígenas, tornando-se capitão-mor. Os portugueses deviam pedir-lhe permissão para atravessar a serra, desta maneira garantiu a paz. Em troca os colonos recebiam escravos indígenas para cultivar a terra, estes escravos geralmente eram prisioneiros de outras tribos (cf. Caldeira, 1997, p.30).

A capitania de Pernambuco também prosperou, seu administrador era Duarte Coelho Pereira, sucedendo-lhe seus filhos Duarte Coelho de Albuquerque e Jorge de Albuquerque Coelho, nela fundou-se a cidade de Olinda em 1535. Também aí construíram-se engenhos para a extração da cana de açúcar, o que atraiu para a região muitos colonos europeus. Esta capitania ganhou tamanho respeito e desenvolvimento que chegou a ser chamada de Nova Lusitânia (Elia, 1992, p.18). A capitania enfrentou problemas, porque ali os europeus indianizados eram na sua grande maioria franceses, o que gerava confronto com portugueses. Duarte Coelho prosperou devido à aliança que conseguiu fazer com a tribo dos tabajaras graças a Vasco Fernandes Lucena, um náufrago português casado com uma índia tabajara.

Apesar destas duas capitanias prosperarem, todas aquelas onde não houve aliança

com os nativos fracassaram. Isto ocorreu, por exemplo, na capitania da Bahia, onde Francisco Pereira Coutinho teve que enfrentar Diogo Álvares Correia, o *Caramuru*, Coutinho viu sua capitania destruída e foi morto a flechadas.

Diante do fracasso das Capitânicas hereditárias, em 1549, D. João III outorgou a Tomé de Sousa o primeiro cargo público no território de ultramar, seu governo durou de 1549 a 1553, sendo a primeira sede do governo estabelecida na baía de Todos os Santos. Durante seu mandato houve um aumento das explorações de cana de açúcar e de pau-brasil. Um marco importante no seu governo foi à chegada dos primeiros jesuítas ao país, cuja missão era transformar índios hostis em “bons selvagens”, os jesuítas desempenharam um papel importante na disciplinalização da língua.

Duarte da Costa foi seu sucessor, seu governo durou de 1553 a 1557 e foi marcado por relações amigáveis com os jesuítas. Porém, nesta época os franceses tomaram o Rio de Janeiro e conseguiram o apoio dos índios tamoios, sendo o principal líder o marinho Nicolau Durand de Villagagnon, fundaram assim no Rio de Janeiro a França Antártica. Os portugueses aliaram-se com as tribos indígenas para promover guerras aos seus inimigos, a partir de 1553 assinaram acordos com os tupis contra os tapuias. Estas alianças foram importantes porque os franceses no Rio de Janeiro eram inimigos dos tupis.

Mem de Sá foi o terceiro governador geral de 1557 a 1572, em seu governo venceu e expulsou os franceses do Rio de Janeiro, esta cidade passou a ser chamada sob o domínio dos franceses de França Antártica. Em 1565, fundou-se a cidade do Rio de Janeiro que foi a capital do país de 1763 até 1960, data da construção de Brasília. Depois do governo de Mem de Sá, em 1574 o poder dividiu-se em dois, um ao norte e outro ao sul, esta divisão durou até 1580. Embora tenha havido dificuldades e contradições, a política deu bons resultados. Durante os governos gerais, a Coroa portuguesa realizou seus desejos de colonização e instalação do governo, além do início da produção econômica.

Este não foi o fim do período colonial que estendeu-se até 1822 com a proclamação nesta data da Independência do Brasil, no entanto, esta época histórica é importante para entender os empréstimos vocabulares ao português do Brasil.

2.6 Expedições exploratórias: entradas e bandeiras e a expansão do território

As *entradas* e *bandeiras* surgiram do desejo da Coroa Portuguesa de conhecer o que havia para ser comercializado no amplo interior do Brasil, também para defender seu território e ampliá-lo se possível. Ainda no século XVI iniciaram-se as entradas no sertão brasileiro, desde a Amazônia até às proximidades do Rio de Janeiro. A primeira foi a de Américo Vespúcio, ao final de 1503, a segunda partiu sob as ordens de Martim Afonso de Sousa em direção a Cordilheira dos Andes, em busca das minas de ouro e prata, mas esta expedição não teve êxito. As *entradas* intensificaram-se com o passar do tempo, no norte, receberam o nome de resgate quando destinadas a caçar índios para o trabalho escravo. As entradas pelo norte levaram a descoberta de produtos e mercadorias tropicais na floresta.

Hernâni Donato define as *bandeiras* como sendo *entradas* magnificadas, tanto na constituição como no objetivo (Donato, 2000, p.126). Houve *bandeiras* em Pernambuco, Bahia, Espírito Santo, mas sobretudo em São Paulo. Os bandeirantes paulistas, cujo principal objetivo era explorar a terra em busca de riquezas minerais e escravos para a coroa adotaram a Língua Brasileira e mais tarde a Língua Geral no seu processo de exploração e descobrimento. A colonização de São Vicente e São Paulo teve início na primeira metade do século XVI. Estes *bandeirantes* aumentaram o território brasileiro para além dos Tratados de Tordesilhas criando um direito de possuir a terra que conquistassem este direito encontra-se redigido no Tratado de Madri (1750).

Quando os *bandeirantes* se aventuravam pelo interior do país no chamado *bandeirismo de apresamento*, sempre levavam mamelucos consigo que auxiliavam como intérpretes, os mamelucos ajudavam a linhagem do pai, mas destruíam ao mesmo tempo a da mãe. O termo *bandeirismo defensivo* foi empregado para designar a fase onde permitiu-se a captura de índios com a finalidade de garantir uma suposta “segurança”, assim aconteceu em 1571 quando o capitão-mor de São Vicente permitiu a captura de índios ao longo dos rios Paraíba e Tietê. Em 1591 Francisco de Sousa oficializou as *bandeiras*, deu-lhes hierarquia e legalidade (ibid., p.126).

O fato de Recife, um importante centro de fornecimento de escravos negros e a

região mais rica da Colônia, passar ao domínio holandês em 1630 contribuiu para que os *bandeirantes* de São Paulo fossem à caça de escravos. Na sua busca por escravos indígenas os *bandeirantes* cometeram muitos crimes contra os índios, um exemplo foi a destruição das missões jesuítas com o intuito de escravizar os indígenas que ali moravam, em 1640 os paulistas expulsaram os jesuítas da cidade e começaram suas perseguições nas missões. Estas missões proporcionavam-lhes escravos que já estavam acostumados a trabalhar afincadamente, porque já tinham sido catequizados e disciplinados pelos jesuítas, estes índios valiam mais no mercado. No sul do Brasil não foi diferente o livro *O Índio nas Missões* diz:

“Sem compaixão, os paulistas se jogaram sobre as reduções, subjugando os Guaranis, que eram presos e levados a São Paulo como escravos. [...] A brutalidade dos bandeirantes nos assaltos às Missões, no atual Rio Grande do Sul, foi extrema. Os índios adultos eram dominados, acorrentados e levados para serem escravos.” (Venturini, 2009, p.32).

Hernâni Donato em seu livro *Brasil 5 Séculos* apresenta dados de 1700 sobre o número de escravos indígenas trazidos pelos *bandeirantes*, segundo ele foram 356.720 escravos. Os campos de caça aos indígenas foram: o interior paulista e mineiro, os campos do Tape (RS), da região do Paraná – Uruguai, do Itatim (MS), do Guairá. Atingidas também foram as terras do Paraguai, da Argentina e do Uruguai. Em São Paulo eram 6.000 os senhores de escravos (Donato, 2000, p.126, 128). Manoel Preto, um bandeirante conhecido da época, teve aproximadamente mil escravos, o número de escravos indígenas superava os de brancos e mamelucos.

“Dentro de casa, na roça, na fábrica de farinha, tantos índios introduziram na sociedade paulista a língua que predominou sobre a portuguesa - a culinária, superstições e muito sangue pela via da sexualidade” (ibid., p.128).

A figura dos *bandeirantes* é vista de maneira diversa, por um lado, são vistos como bárbaros. Acusados de destruir nações indígenas, de escravizar quase meio milhão de criaturas. Por outro lado, são considerados desbravadores, porque aumentaram o território brasileiro com suas conquistas, fundaram e povoaram muitas cidades. Alguns antropônimos históricos geraram até mesmo lendas, é o caso de Diogo Álvares Correia, o *Caramuru*, também formou-se lenda em torno de um bandeirante paulista chamado Bartolomeu Bueno da Silva, o *Anhangüera*, comandante de uma

expedição no território de Goiás no século XVII para encontrar metais preciosos. Conta uma lenda que em certa ocasião percebendo a recusa dos nativos em informar-lhe sobre o lugar onde estavam as jazidas de ouro, despejou aguardente em um prato e colocou fogo, além de ameaçar os indígenas de colocar fogo nas águas dos rios se não informassem o local do suposto ouro. Os índios na sua inocência acreditaram nas suas palavras e o levaram até as jazidas, mas o chamaram de *Anhangüera* (*añã'gwea*) que na língua tupi significa “diabo velho”.³⁹

As *entradas* e *bandeiras* foram muito importantes para os empréstimos de topônimos ao Português de ultramar, justamente pelo caráter de expansão que tiveram, os bandeirantes fundavam cidades para as quais escolhiam nomes de origem indígena ou católica.

2.7 Empréstimos de topônimos indígenas do século XVI ao XVIII

Para Mattoso Câmara Jr. topônimos são os “nomes próprios de lugares ou acidentes geográficos”, o uso de topônimos data de muitos séculos e está ligado à necessidade do homem em encontrar designações para o espaço a sua volta. O autor faz a seguinte afirmação com respeito à toponímia brasileira:

“No Brasil, um grande número de nomes de origem tupi revela a vitalidade dessa língua como meio geral de intercurso nos primeiros tempos da colônia; estão neste caso nomes de estados brasileiros como Pará, Paraná, Pernambuco, ou ainda Piauí e Paraíba onde entra o na formação o elemento /y/ (/i/, vogal alta posterior) ‘água’.” (Mattoso Câmara, 1977, p.109)

Em *Dicionário de lingüística e gramática* de 1986, Mattoso Câmara Jr. explica como estão classificados os topônimos no Brasil. Esta classificação de Mattoso Câmara Jr. também é apresentada por Ricardo Tupiniquim (apud Mattoso Câmara Jr, 1986, p.70) na sua Dissertação de Mestrado.⁴⁰ Há alguns topônimos como Belo Horizonte, Fortaleza, Bahia, que descrevem lugares. Outros topônimos possuem nomes de santos ou de entidades religiosas como São Paulo, Santa Catarina, São Salvador, Bom Jesus. Além disso, os topônimos brasileiros incluem nomes estrangeiros como, por exemplo, Blumenau, Joinville, Friburgo, estes nomes foram dados por imigrantes no século XIX. Para além, encontramos entre os topônimos brasileiros, antropônimos de políticos e autoridades governamentais como Getúlio Vargas, João Pessoa, Cândido Mariano da Silva Rondon, também conhecido como Marechal

39 Portal São Francisco. *Bartolomeu Bueno da Silva*. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/bartolomeu-bueno-da-silva/bartolomeu-bueno-da-silva.php> Acesso em: 20 abril 2012.

40 Ramos Tupiniquim, Ricardo, Toponímia paranaense de origem Tupi, UFBA/UNEB. Disponível em:

Rondon (o estado de Rondônia recebe este nome em sua homenagem), Rondon era descendente dos índios bororó. Há ainda africanismos, dois exemplos são: Bangu, Caxambu e tupinismos como, por exemplo: Taquara, Sorocaba, Cambará, Iguaçu, entre outros (apud Mattoso Câmara Jr, 1986, p.70).

A colonização e exploração do território brasileiro através das *entradas* e *bandeiras* fez com que muitos bandeirantes adotassem topônimos indígenas para nomear as novas cidades. Theodoro Sampaio afirma que a maioria dos nomes da toponímia brasileira foram dados pelos missionários e bandeirantes. Alguns exemplos de cidades fundadas na época colonial por *bandeirantes*, cujos nomes são indígenas são: Aiuruoca, Araçariguama, Cabreúva, Cuiabá, Curitiba, Itu, Itaberara, Itabira, Jundiá, Paranaguá, Pirapora, Piranga, Pitangui, Tietê, Uberaba. Porém, a maior parte da toponímia brasileira se origina da língua portuguesa.

Theodoro Sampaio afirma em seu livro *O Tupi na geografia nacional* que os termos dados pelos indígenas aos lugares; e que mais tarde foram emprestados ao Português de ultramar continham frases acabadas, estas frases descreviam lugares ou relatavam uma idéia ou episódio, ou seja, os vocábulos em si continham as definições dos lugares a sua volta ou algo típico dali. Por exemplo, o topônimo Ipanema, cujo significado é em Português “água ruim”, provavelmente ali não era um bom lugar para a pesca, o próprio nome contém a informação a respeito do lugar. Há os topônimos indígenas para as cidades no Brasil que pertencem principalmente à fauna e à flora como Aracaju, Cajueiros, Tartarugalzinho, Cutias, Piratininga, entre outros. Além disso, há a presença de topônimos indígenas que designam fenômenos naturais e acidentes geográficos. Muitos dos topônimos apresentam justaposição e aglutinação assim como hibridismos e mudanças fonéticas, alguns exemplos são: Congonhinhas, Piranhas, Santa Rosa do Purus, etc.

Nos topônimos também estão incluídos acidentes geográficos importantes do Brasil como: rio Tietê, rio Tamandatei, rio Aricanduva, rio Sergipe, rio Tocantins, rio Chuí, Baía da Guanabara, Foz do Iguaçu, Pororoca, bem como, serras: Mantiqueira, Parnaíba, Gameleira, entre outras.

Oscar Padrón Favre, um professor uruguaio formado em História e pesquisador da história nacional e regional do Uruguai comenta sobre a influência indígena na

toponímia do seu país.

“A toponímia originária de clara origem Guarani - começando pelo próprio nome do país - que se encontra presente em todo o território nacional, é um testemunho inequívoco que antes da presença hispano-crioula, existiu um povo indígena que teve a densidade cultural para deixar uma marca inesquecível de sua existência sobre o espaço que lhe pertenceu.” (Favre, *in*: Venturini, 2009, p.73)

Atualmente treze dos vinte e seis estados brasileiros possuem nomes indígenas, embora alguns sejam apenas hipóteses. A maioria das províncias que depois se tornaram estados surgiram já na época dos bandeirantes e no início da colonização do país, seguem alguns nomes e as respectivas histórias das províncias que surgiram nos primeiros anos do povoamento do Brasil.

Acredita-se que a história do estado do Amapá começou com a chegada do espanhol Vicente Yañez Pinzón em 1500. Nos primeiros anos não houve colonização do território, só entre 1580 e 1640 estas terras começaram a ser exploradas, nesta época Portugal era governada pelos reis da Espanha. Este foi exatamente o período dos desbravamentos portugueses das terras e a catequese dos índios com a fundação de missões.⁴¹ Quanto à origem do topônimo sabe-se que é um nome com origem indígena, porém há controvérsias de qual língua teria se originado. Alguns afirmam que do tupi e nesta língua significaria “lugar da chuva” de *ama*, cujo significado é “chuva” e *paba* “lugar, estância, morada”. Outros acreditam que o nome originou-se da língua Nheengatu - língua geral da Amazônia e significaria “terra que acaba” ou “ilha” Outros afirmam que a palavra origina-se do aruaque, os povos aruaques habitavam a região Norte do Brasil na época do descobrimento, sendo “amapá” um nome dado pelos aruaques a uma árvore nativa da Amazônia da família das Apocináceas. Da casca do seu tronco extrai-se o látex branco, também chamado, leite de amapá, utilizado de diferentes maneiras na medicina popular desta região. No brasão do estado do Amapá aparece essa árvore. Além disso, possui um fruto comestível de cor roxa em forma de maçã, seu fruto faz parte da farmacopeia amazônica.⁴² (Ferreira, 1986, p.98).

Antes da chegada dos europeus às Américas o Ceará, outro estado brasileiro, era habitado por povos indígenas dos troncos Tupi, estes povos eram os Tabajaras,

41 Governo do Amapá. *O Estado e sua história: Amapá uma conquista espanhola?* Disponível em: <http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/historia/cespanhola.jsp>, <http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/sobre/historia.jsp> Acesso em: 20 abril 2012.

42 Governo do Amapá. *Topônimos Amapá e Oiapoque*. Disponível em: <http://www.ap.gov.br/amapa/site/paginas/historia/toponimos.jsp> Acesso em: 20 abril 2012.

Potiguaras, Tapebas, entre outros, também povos do tronco Jê, como Kariri, Inhamum, Jucá, Kanindé, Tremembé, ainda hoje há vários topônimos no Ceará que referem-se a estes povos. Já no início dos descobrimentos esses povos negociavam produtos com outros europeus, esses produtos eram, por exemplo: tatajuba, âmbar, algodão e bravo. Os portugueses chegaram ao Ceará em 1603, não foi possível estabelecerem-se nas terras porque não sabiam como sobreviver às secas e, além disso, havia grande resistência dos nativos, a colonização do território só aconteceu em 1654. O estado do Ceará formou-se a partir da interação entre os povos nativos, os europeus e os africanos com o fenômeno da seca. O topônimo Ceará tem origem dos termos indígenas, *cemo* “cantar forte”, “clamar” e *ara* “pequena arara ou periquito” seu significado seria segundo o escritor José de Alencar “o canto da jandaia”, jandaia é o nome de um pássaro de plumagem verde e amarela. O topônimo pode ter derivado de *Siriará*, que refere-se aos caranguejos do litoral cearense⁴³.

Goiás foi colonizado a partir do século XVII, foram os bandeirantes paulistas quem primeiro ocuparam este território. Entre as figuras dos bandeirantes destacou-se Bartolomeu Bueno da Silva, o *Anhanguera*, no final do século XVII, atravessou o território de Goiás em busca de metais preciosos. Em torno desta figura desenvolveu-se lendas como foi visto no capítulo *Expedições exploratórias: entradas e bandeiras e a expansão do território*.⁴⁴. Etimologicamente o topônimo Goiás antes Goyaz, origina-se da palavra tupi *gwa ya* e significa gente semelhante, também pode ser que originou-se de uma antiga tribo indígena que era chamada de Goiá ou Guaiá, as palavras que compõem este último termo são *Gua* e *ia*, que significam juntas “indivíduo igual” ou “pessoas que possuem a mesma origem”⁴⁵.

Em 1535 foi a primeira vez onde se referiu ao Maranhão como sendo o nome da região, isto ocorreu na época das capitânicas hereditárias, criou-se a Capitania do Maranhão. A história do estado está marcada por muitas disputas entre portugueses, espanhóis e franceses por este território. Em 1621 o território era formado pelas Capitânicas do Ceará, Maranhão e Grã-Pará. Em 1744 ocorreu a separação do Maranhão e Pará (Elia, 1992, p.59-60). A origem do topônimo Maranhão é muito

43 Cidades, *Ceará – História*. Disponível em: <<http://www.cidades.in/ceara-historia/>> Acesso em: 07 novembro 2011.

44 Governo de Goiás. *Conheça Goiás – História – Colônia*. Disponível em: <http://www.goias.gov.br/paginas/conheca-goias/historia/colonia> Acesso em: 10 janeiro 2012.

45 Aldeia Numaboa, *Nomes e Expressões indígenas*. Disponível em:

<http://www.numaboa.com.br/component/glossario/?view=category&id=264:indigena> Acesso em: 18 novembro 2011.

controversa. Alguns acreditam que os indígenas assim designavam o rio Amazonas, pode haver também uma relação com o rio *Marañón* no Peru. Outra hipótese é que seja formada por duas palavras de origem tupi *mba'ra*, cujo significado é “mar” e *nã* que significa “correr”, seria portanto, “mar que corre”⁴⁶. Segundo outras fontes a palavra não originou-se das línguas indígenas e sim do Português, o termo *maranhão* significa mentira, mexerico, fofoca. Se associado ao Português, o topônimo Maranhão pode ter se derivado do termo *maranha*, que possui vários significados entre eles os apresentados acima (Ferreira, 1986, p.1088).

Antes da chegada dos portugueses habitavam o litoral do estado de Pernambuco diferentes tribos indígenas como os Tabajaras e os Caetés, tribos atualmente extintas. Hoje em dia é possível encontrar grupos indígenas no interior do estado como os Pankararu e os Atikum. Em 1501, Gaspar de Lemos fundou feitorias no litoral, esta data marca o início da ocupação do território. Por localizar-se no litoral, o estado de Pernambuco foi desde cedo explorado pelos portugueses, no entanto, sua colonização iniciou-se de fato em 1534 com a divisão do Brasil em capitanias hereditárias. A capitania de Pernambuco foi concedida a Duarte Coelho como já visto no capítulo *Capitanias hereditárias (1532-1548): alianças entre europeus e nativos e os problemas da colonização* deste trabalho. No que se refere ao topônimo, provavelmente vem do Tupi, entretanto, há controvérsias quanto a sua origem, muito utilizado para este nome é a tradução “mar furado” oriunda das palavras *pa'ra'nã*, cujo significado é “mar” e *buka* que significa “furo, furado”, de acordo com Leal Domingues, contribuidor do site *Aldeia NumaBoa* refere-se aos recifes que estão nas orlas do mar em Recife. Leal Domingues sugere que signifique “mar preso”, referindo-se a arapuca ou armadilha, *puca* ou *puka* poderia significar “barulho” devido ao barulho quando o mar bate nos recifes. Navarro afirma ter vindo do tupi *paranãbuku*, com significado de “mar longo”, ao juntar os termos *paranã* “mar” e *puku* “longo, comprido” (Navarro, 2005, p.68-69)⁴⁷.

Pará é o nome de um estado brasileiro da região norte do Brasil, a palavra indígena *Pará* origina-se das línguas da família Tupi-Guarani, seu significado etimológico segundo o site *Aldeia Numaboa* é “rio que se assemelha ao mar”, os índios chamavam assim o braço direito do rio Amazonas que ao receber as águas do rio

46 Aldeia Numaboa, *Nomes e Expressões indígenas*. Disponível em: <http://www.numaboa.com.br/component/glossario/?view=category&id=264:indigena> Acesso em: 19 junho 2011.

47 Aldeia Numaboa, *Nomes e Expressões indígenas*. Disponível em:

Tocantins torna-se muito maior, impossibilitando ver a sua outra margem, por isso recebe esta denominação. Segundo Dannemann a princípio os portugueses chamaram esta terra de Feliz Lusitânia, depois o nome foi substituído por Grão-Pará que significa grande rio e finalmente passou a ser chamado apenas Pará.⁴⁸

O estado do Piauí formou-se a partir do século XVII quando fazendeiros vindos de regiões próximas, principalmente da Bahia, decidiram expandir suas terras para a criação de gado. Este estado primeiro pertenceu a Bahia depois ao Maranhão e por fim no século XIX tornou-se independente. Os jesuítas tiveram importante papel no desenvolvimento da pecuária deste estado. O topônimo Piauí vem do tupi *pi'au* (piabas maiores) e *y* (rio), isto é: “rio dos pias”⁴⁹. Neste estado há muitos municípios onde aparece o nome Piauí, como Castelo do Piauí, São Pedro do Piauí, Monte Alegre do Piauí, Cabeceiras do Piauí, Ipiranga do Piauí, Cristalândia do Piauí, Assunção do Piauí, Colônia do Piauí, Alagoinha do Piauí, Nazaré do Piauí, Campo Largo do Piauí, Angical do Piauí, São José do Piauí, Morro do Chapéu do Piauí, Novo Oriente do Piauí, Rio Grande do Piauí, São Francisco do Piauí, Massapê do Piauí, Boqueirão do Piauí, Patos do Piauí.

A região da Paraíba era habitada por índios tabajaras e potiguaras, apareceu pela primeira vez como unidade territorial no fim do XVI, até a conquista da Paraíba houve muitas expedições portuguesas, porque nesta época os portugueses disputavam este território com os franceses e havia lutas com os indígenas locais. O topônimo Paraíba significa “rio ruim”, onde *pa'ra*, que significa “rio” e *iba* “ruim”, “mau”. Há um outro significado “pai do mar” ou “fonte”, baseando-se na palavra *Para-y tiba*⁵⁰.

Paraná é o nome de um estado brasileiro da região sul do Brasil, é além disto o único estado sulista com nome de origem guarani, cujo significado é “rio como mar” ou “rio semelhante ao mar”, é formado pelas palavras guaranis *pa'ra* (mar) e *nã* (parecido, semelhante, parente). Primeiro este topônimo designava o nome do rio depois passou a designar o território.⁵¹ Os povos indígenas habitavam as terras do

<http://www.numaboa.com.br/component/glossario/?view=category&id=264:indigena> Acesso em: 19 junho 2011.

48 Kitzinger Dannemann, Fernando, *Estados brasileiros – Região Norte: origem dos nomes 10/06/2007*. Disponível em: <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=521436> Acesso em: 07 junho 2011.

49 Historia News.org, Disponível em: <http://www.historianews.org/2012/01/estado-do-piaui.html> Acesso em: 10 junho 2011.

50 Kitzinger Dannemann, Fernando, *Estados brasileiros – Região Norte: origem dos nomes 10/06/2007*. Disponível em: <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=521436> Acesso em: 07 junho 2011.

51 Paraná Governo do Estado. *Origem do nome e criação da Província*. Disponível em:

<http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=72> Acesso em: 15 outubro 2011.

Paraná quando os portugueses começaram sua exploração na primeira metade do século XVI, os portugueses iniciaram a ocupação das terras pelo litoral. No século XVII descobriu-se minas de ouro e pedras preciosas no território do atual Paraná, fato que motivou a sua colonização, no entanto, a província do Paraná só foi criada em 1853.

O topônimo Sergipe é oriundo da junção de *siri*, o mesmo que “siri”, y, cujo significado é “água” e *pe* “em”, sendo assim significa “água em que há siri”, este nome foi primeiramente dado ao rio e depois ao território.⁵² A colonização de Sergipe teve início no século XVI com os franceses que trocavam objetos com os nativos que lá habitavam por produtos, mais tarde no fim do século XVI e início do século XVII, missionários jesuítas e expedições militares portuguesas conseguiram afastar os franceses e tomaram posse do território.

2.8 Escravatura indígena e africana: os contatos linguísticos entre as línguas indígenas, africanas e o Português

No início da colonização os povos indígenas muito contribuíram com os europeus, realizando trabalhos manuais como, por exemplo, a poda de árvores ou ajudando a subir o gado nas embarcações, eram recompensados com pequenos presentes sem muito valor. Devido às uniões de brancos e índias, as tribos indígenas sentiam-se obrigadas a ajudar seus parentes no que fora necessário, estas uniões foram muito proveitosas para os europeus. O Brasil desde logo após sua descoberta foi um país escravista, os europeus sempre precisaram dos índios para sobreviver, possuíam escravos para caçar e pescar ou para cultivar as suas terras.

Em meados do século XVI como a madeira junto ao litoral já estava escassa, os colonos tentaram implantar a cultura da cana e a produção de açúcar. Para isso precisavam de muita mão de obra, os colonos estavam convencidos que o trabalho indígena seria muito lucrativo, porém, a realidade foi outra, os índios não estavam acostumados aos trabalhos repetitivos. Na produção açucareira era preciso cultivar a cana, trabalhar no mesmo lugar fazendo as mesmas tarefas, os nativos não entendiam o porquê destes trabalhos que não faziam nenhum sentido para eles.

Percebendo que os indígenas não iriam trabalhar como desejavam os

⁵² Kitzinger Dannemann, Fernando, *Estados brasileiros – Região Norte: origem dos nomes 10/06/2007*. Disponível em:

colonizadores, estes decidiram capturá-los e forçá-los ao trabalho nos engenhos. Os índios considerados “rebeldes” podiam escolher entre a morte ou a escravidão, os jesuítas se opunham abertamente a esta prática e a denunciavam. O autor Elia Silvio usa em seu livro *El português en Brasil* uma citação de Lockhart e Schwartz para descrever esta situação:

“El período del trabajo de los indios en la zona de Brasil inmediatamente colonizada duró cerca de sesenta años (de 1540 a 1600). Durante la mayor parte de ese tiempo la mayoría de los trabajadores fueron indios, esclavos los unos y libres, a sueldo, los otros. En las haciendas, las diferencias entre los indios esclavos, los “rescatados” y los libres (forros), sin embargo, prácticamente no existían” (Lockhart y Schwartz, 1983, p.197 apud Elia, 1992, p.30)

Como podemos observar a escravidão indígena era uma prática bastante corrente, os índios eram chamados “negros da terra”, no entanto, a tentativa de escravizar todos os povos nativos fracassou, o escravo indígena vivia em média cinco anos, além disso, muitos preferiam a morte a serem escravizados nas fazendas. O reino decidiu então buscar mão de obra da África e por isso, ainda no século XVI importou-se escravos, chamados “negros da Guiné”. O destino dos escravos era principalmente o nordeste brasileiro, porque eram só os donos de engenhos quem possuíam recursos suficientes para comprá-los (cf. Caldeira, 1997, 35, 42).

Dessa forma, já no século XVI as línguas ameríndias entraram em contato com as africanas, em sua obra *Princípio de Língua Geral* Mattoso Câmara explica que deste contato surgiu a pronúncia do português popular brasileiro. Este contato das línguas possibilitou e facilitou os empréstimos africanos e indígenas ao português de ultramar. Mattoso Câmara explica que os empréstimos, principalmente de origem africana podem ser explicados de um ponto de vista sociolinguístico, como apresenta Angela França na sua publicação *Tupinismos e africanismos na visão de Mattoso Câmara*, segundo suas palavras o papel do negro como escravo, principalmente da chamada ama de leite ou mãe preta, que fazia parte da estrutura da família nos antigos latifúndios e era responsável por amamentar as crianças dos brancos, foi importante para os inúmeros empréstimos das línguas africanas. Por estarem sempre em contato com as mães pretas, as crianças incorporaram no seu vocabulário muitas palavras africanas. Segundo França o negro era excluído socialmente e não tinha nenhuma possibilidade de ascensão social, sendo assim, ficava desmotivado para transmitir a sua língua materna aos filhos e acabava adotando a língua franca, a chamada Língua Geral, que era a língua de prestígio da

época.⁵³

As línguas africanas predominantes dos negros que chegaram ao Brasil foram à Bahia o nagô, o iorubá e no norte e sul o quimbundo (Rodrigues, 1935, p.197 apud Elia, 1992, p.32). Os africanos não podiam comunicar-se entre si em suas línguas maternas. Além de pertencerem a diferentes países eles eram misturados pelos colonos nas lavouras açucareiras para que não conversassem durante o trabalho e não organizassem motins. Os negros, mesmo aqueles que recém chegavam ao Brasil, já entendiam e falavam bem em Português e Tupi.

“Durante al menos siglo y medio la lengua indígena, bajo la forma de lengua general, fue la lengua “vehicular” por excelencia. Disciplinada gramaticalmente por los jesuitas, para bien de su catequesis, perduró en el uso común incluso entre los africanos llevados como esclavos, si bien acabó sucumbiendo progresivamente ante el fenómeno de la urbanización del país y el empuje de la lengua portuguesa.” (Elia, 1997, p.166)

As línguas africanas deixaram vocábulos na língua portuguesa em alguns âmbitos específicos, como por exemplo, no contexto religioso, na dança, no linguajar popular, entre outros. Mattoso as chama de línguas especiais, alguns traços destas línguas sobreviveram e são faladas por determinadas pessoas em ocasiões específicas, como nos rituais religiosos, porém atualmente estas línguas não são consideradas como línguas completas. O autor explica que embora o contato do português e as línguas africanas pudessem levar ao aparecimento de um português crioulo, este não foi um elemento determinante no caso do Brasil, mas as línguas africanas deixaram alguns traços ao português contemporâneo.

“The number of africanisms in common use in Brazil can be counted on one’s fingers (exs. cochilar for European Ptg. dormir ‘to doze’, quitanda ‘vegetable market’, batuque ‘any of several types of Afro-Brazilian music or dance’, moleque for European Ptg. gaiato ‘young rogue’, quingombô ‘okra’).”⁵⁴

Mattoso Câmara menciona traços da fonética do português popular brasileiro como sendo provavelmente oriundos da criouliização no Brasil ou do substrato indígena do Tupi, mas também de outras línguas indígenas:

“No português do Brasil, não há fonema tupi ou de outra origem indígena, ou, ainda, de origem africana. Mas, não há como negar [...] que a língua de superstrato, adstrato ou substrato pode determinar certos itens lexicais [...]. É [...] possível que a eliminação dialetal de /l\$/ intervocálico, no Brasil, com a redução a /y/ consonântico (foia, em vez de folha, oio, em vez de olho etc.) se explique pelo português crioulo dos escravos negros ou pelo substrato indígena, visto que nas línguas indígenas não há oposição /l-/r/ e /l\$/, como /l/, podem ter sido por isso

53 França, Angela, *Tupinismos e africanismos na visão de Mattoso Câmara*. In: III Encontro da Associação de Estudos Crioulos e Similares. USPoficina, de 13 a 15 de outubro de 2004. Disponível em: <http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/29/328> Acesso em: 15 janeiro 2012.

54 França, Angela, *Tupinismos e africanismos na visão de Mattoso Câmara*. In: III Encontro da Associação de Estudos Crioulos e Similares. USPoficina, de 13 a 15 de outubro de 2004. Disponível em: <http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/29/328> Acesso em: 15 janeiro 2012.

mal interpretados.” (Mattoso Câmara, 1975, p.55)⁵⁵

Angela França também afirma que o contato do português falado com as línguas ameríndias e africanas contribuiu para a formação da língua franca. Durante a época colonial, o português europeu exerceu um papel de superstrato sobre as línguas ameríndias, com o passar do tempo o Tupinambá tornou-se, como já foi mencionado, a Língua Geral falada por quase todos os habitantes do país.

O contato entre culturas deixa vestígios até nos dias atuais, no século XX surgiu no Brasil uma religião chamada umbanda que mistura os cultos africanos, indígenas, católicos e espíritas. Nos seus cultos fala-se o português popular, usa-se um vocabulário, semantismo e aspectos morfossintáticos próprios das “entidades” incorporadas pelo médium em estado de transe (Macedo, 1989, p.30).⁵⁶

2.9 Missões jesuítas: a língua como instrumento de evangelização

Antes de abordar diretamente o tema da evangelização cristã dos povos indígenas é importante apresentar suas credences, visto que elas contribuíram para o êxito da catequese jesuíta. Os povos Tupi-Guarani, por exemplo, tinham a crença em uma divindade criadora, deuses mediadores e heróis civilizadores, eles também acreditavam que existia uma *Terra sem Mal* (*Yvy marãe'ỹ*), nesta terra habitavam os homens e os deuses juntos, era possível chegar a até ela sem precisar morrer, por meio de orações, danças e jejuns. Em seu livro *La Palabra Luminosa: Mitos y cantos sagrados de los guaraníes* Pierre Clastres afirma o seguinte sobre esta intensa relação entre homens e deuses:

“Las bellas palabras, así llaman los indios guaraníes a los términos que les sirven para dirigirse a sus dioses. Bello lenguaje, palabra luminosa, agradable al oído de los dioses que las estiman dignas de ellos. Rigor de su belleza en la boca de los chamanes inspirados que las pronuncian; embriaguez de su grandeza en el corazón de los hombres y mujeres que las escuchan. Esas Ñe'ẽ porã, esas Bellas Palabras resuenan todavía en lo más secreto de la selva que, desde siempre, obliga a aquellos que, llamándose a sí mismos Ava, los Hombres, se afirman de este modo depositarios absolutos de lo humano. Los verdaderos hombres por lo tanto y, desmesura de un orgullo heróico, elegidos de los dioses, marcados con el sello de lo divino, ellos que también se dicen los Jeguakava, los adornados. Las plumas de la corona que adorna sus cabezas susurran al ritmo de la danza celebrada en honor de los dioses, la corona reproduce el brillante tocado del gran dios Ñamandu.” (Clastres, 1993, p.9)

55 Mattoso Câmara Jr., Joaquim, *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão, 1975, p.55 *apud* França, Angela, *Tupinismos e africanismos na visão de Mattoso Câmara*. In: III Encontro da Associação de Estudos Crioulos e Similares. USPoficina, de 13 a 15 de outubro de 2004 Disponível em:

<http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/29/328> Acesso em: 15 janeiro 2012.

56 Taddoni Petter, Margarida Maria, *Línguas Africanas no Brasil*. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dl/gela/textos/L%2B%A1nguas%20Africanas-%20500-2.pdf> Acesso em: 15 janeiro 2012.

Pierre Clastres (1934-1977), um importante investigador da cultura indígena, defende a teoria que a religiosidade dos povos Tupi-Guarani foi o motivo pelo qual eles fizeram longas migrações. Sua esposa, Hélène Clastres, também concorda com esta teoria, segunda ela a inquietação em muitos aspectos da vida (econômico, social, entre outros) fez com que os tupi-guaranis fossem em busca da Terra sem Mal, sem precisar passar pela morte.

A história dos descobrimentos está ligada à evangelização e ao desejo de expandir a religião católica entre a população nativa das Américas, a expansão da fé cristã parece ter acompanhado em todas as épocas os ideais de conquista e colonização.

Já nos primeiros contatos com os europeus percebe-se o desejo e a preocupação dos colonizadores no que concerne à evangelização destes povos. Um exemplo concreto é a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D.Manuel, através dela conhecemos muitos detalhes do primeiro contato entre os portugueses e os nativos, também sabe-se de datas ligadas a evangelização, como o dia no qual realizou-se a primeira missa nas terras descobertas, Henrique de Coimbra, foi quem a ministrou. Pode-se considerar este como o marco que deu início ao projeto de expansão da religião católica até os dias atuais no Brasil, que permanece um país majoritariamente católico, assim como a maioria dos outros países da América Central e do Sul.

Pero Vaz de Caminha escreve várias vezes na sua carta sobre a necessidade de evangelizar os povos recém-descobertos e cuidar da salvação deles, veja-se esta afirmação na seguinte citação: *“Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim.”* (Vaz de Caminha, 1943, p.233) O tema da utilização da língua na evangelização dos povos aparece já no início da sua carta: *“Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.”* (ibid.) Ele sugere aos missionários que permaneçam nas novas terras e aprendam a língua dos ameríndios, de fato os missionários aprenderam a língua tupi e foi através dela que o objetivo missionário teve acentuado êxito:

“E portanto se os degredados, que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa intenção de Vossa Alteza, se hão de fazer cristãos e crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade. E imprimir-se-à ligeiramente nêles qualquer cunho, que

lhes quiserem dar. E pois Nosso Senhor, lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens, por aquí nos trouxe, creio que não foi sem causa.” (ibid.)

Após relatar as grandes riquezas do país, descreve o melhor fruto oriundo da terra, em outras palavras, a conversão destes povos ameríndios ao catolicismo:

“Porém o melhor fruto, que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.”⁵⁷

A evangelização teve início nos primeiros cem anos após o descobrimento do Brasil, os jesuítas desempenharam nela um papel de destaque, porém, franciscanos, beneditinos e outras ordens também contribuíram para o processo de evangelização.

Em 1549 começaram a chegar com o governador geral, Tomé de Sousa, os primeiros jesuítas. Eles pertenciam a Companhia de Jesus, instituição fundada em 1540, um dos seus principais objetivos era expandir a fé católica. Os jesuítas permaneceram no Brasil até 1759, data em que foram expulsos da colônia por ordens do Marquês de Pombal. O padre jesuíta José de Anchieta destacou-se no seu trabalho missionário. Quando chegou ao Brasil em 1553, junto com o segundo governador geral, tinha menos de 20 anos e ainda era noviço, só em 1586 foi ordenado sacerdote. José de Anchieta recebeu o cognome de “o apóstolo do Brasil” (Elia, 1997, p.44). Durante o governo de Duarte da Costa construiu-se uma província jesuíta, na qual Manuel de Nóbrega foi nomeado primeiro provençal dos jesuítas no Brasil. Neste governo fundou-se no planalto de Piratininga em 1554 o colégio jesuíta de São Pablo, este foi o início da cidade que viria a ser São Paulo, José de Anchieta esteve presente no momento da sua fundação. O jesuíta Antônio Vieira autor de os Sermões, também era bilinguista, sua obra defende os indígenas e denuncia sua escravidão.

No princípio havia intérpretes dentro da Companhia de Jesus, nem todos os padres ordenados que chegavam no Brasil sabiam falar Tupi. Com o passar do tempo quem fazia este trabalho para a Companhia eram mamelucos e colonos. Durante as confissões algumas mulheres e crianças indígenas foram intérpretes, houve

57 Vaz de Caminha confirma em sua carta várias vezes o desejo dos europeus em catequizar os índios: “E, segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer, como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aquí mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os baptizar, porque já então terão mais conhecimento de nossa fé, pelos dois degredados, que aquí entre eles ficam, os quais hoje também comungaram ambos.” (ibid., p.238, 240).

inclusive discussões a este respeito, porque nem todos os padres estavam de acordo com esta prática, Manuel da Nóbrega a defendia e o bispo Pedro Fernandes a rejeitava. Logo no princípio os jesuítas deram-se conta que a catequese seria mais fácil e produtiva se fosse realizada na língua dos nativos. Foi assim que não demorou muito e os próprios jesuítas aprenderam a língua, foram principalmente os filhos de portugueses nascidos no Brasil e órfãos portugueses, que passavam a fazer parte da Companhia de Jesus porque dominavam a língua perfeitamente.

Os jesuítas destacaram-se também pela sua “grande tolerância” em relação aos costumes indígenas, o êxito da sua pregação se deve em parte a esta “tolerância”, mas também a religiosidade dos povos pertencentes às famílias de origem Tupi-Guarani. Os missionários buscaram entender suas crenças e a língua para poder transformar a cultura indígena e substituí-la pelo evangelho.

Américo Jacobina Lacombe descreve os planos dos evangelizadores: *“El plan consistía esencialmente en la creación, paralela a las de las iglesias y los colegios, de cofradías de niños, y no a los religiosos, atraer a los jóvenes indios, los llamados curumins o culomins, hasta los núcleos civilizados. En eso demostraban los padres jesuitas pruebas de su enorme sabiduría y el plan dio los frutos esperados [...]”*(Lacombe, 1973, p.190 apud Elia, 1992, p.38-39).

Na visão de Mattoso Câmara a língua tupi foi usada como meio pelos jesuítas, explica ainda que é exatamente assim que se formam as línguas francas:

“O objetivo principal dos missionários era a comunicação com os nativos para fim de propaganda religiosa. Isso quer dizer que a realidade lingüística só valia como meio. Não estudavam TUPI como um lingüista moderno o estudaria, como uma coisa que existia e merecia ser objetivamente apreciada e interpretada. Estudavam-no com o propósito utilitário. Era preciso conhecer a língua para por meio dela entrar em contacto com o indígena e promover a catequese religiosa. Ora, este é justamente o espírito que favorece a criação das chamadas línguas francas.” (Mattoso Câmara, 1977, p.101)

O autor acrescenta ainda que o indivíduo, que entra em contato com uma determinada língua, procura encontrar um meio termo linguístico para se comunicar, e deste objetivo surge a tendência de deixar de lado tudo o que possa atrapalhar ou que não prejudica a comunicação. No caso dos jesuítas, eles tinham um objetivo, catequizar os índios, é esse espírito de aculturação que tornou o tupi uma língua franca, como explica Mattoso, o Tupi das primeiras documentações não corresponde cem por cento ao falado pelos indígenas: é uma sistematização simplificada, feita para se proceder à propaganda religiosa dentro do ambiente indígena (ibid.).

Porém, Mattoso Câmara não deixa de considerar a paixão que desenvolveram os jesuítas pela língua, mas também menciona a sua tendência de menosprezar todas as outras línguas ameríndias que não tinham relação direta com o Tupi:

“Estudando TUPI, procurando assimilá-lo, forcejando por interpretá-lo, naturalmente que o missionário foi se apaixonando pela língua, foi a achando interessante e se habituando a ela, e, ao mesmo tempo que se aprofundava no seu conhecimento, se tornava hostil às que diferiam muito dessa assim de início focalizada.” (ibid., p.100)

Como se pode observar na citação acima, os jesuítas identificaram-se com a língua da missão e acabavam por rejeitar outras línguas indígenas.

Os missionários jesuítas nas missões jesuítas do sul do Brasil adotaram a língua guarani como língua de evangelização, na zona onde hoje é o Paraná, na região de Guairá havia um grande agrupamento de índios em torno de missões religiosas.

Outra característica da língua jesuítica de evangelização foi a sua regularização seguindo os moldes latinos, houve adulterações nas categorias e morfemas, os verbos passaram a ser conjugados com terminações latinas. Além disso, a semântica da língua foi adotada à visão ocidental, um exemplo muito conhecido é dado por Mattoso Câmara, o emprego da palavra *tupã*, envolvendo a ideia cristã para um único “Deus”. Outro exemplo de palavra indígena utilizada para modificar a cultura e visão indígena é *hembiriko* uma palavra formada por *hembí* que significa companheira e *reko*, cujo significado é vida, ou seja, companheira de sua vida. Esta palavra foi empregada pelos jesuítas para ensinar aos caciques os preceitos da religião cristã, neste caso a necessidade de ser monógamo, já que aos caciques era permitido ter até quatro ou cinco esposas e a palavra designava apenas uma. A igreja católica buscou preservar o sentido da família tradicional e por isso incentivou ao matrimônio entre pessoas de sexos diferentes e a prática da monogamia.

Segundo Venturini no seu livro *O Índio nas Missões*, esta mesma palavra guaranítica que anteriormente significava *Tembiriko* (esposa ou companheira) foi utilizada para expor que o homem para receber as bênçãos do céu, devia ter uma única mulher e que esta lei divina também devia aplicar-se aos caciques (Venturini, 2009, 19-20). Outros exemplos de adaptações às crenças cristãs são algumas das realizadas por José de Anchieta que chamou “o anjo católico” de *arara de pé* pela ausência de fonemas equivalentes, também a palavra “cruz” passou a ser o termo *curuçá*, a palavra “castelhano” chamou-se *kasiáné*, entre outros (cf. Silvio, 1992, p.32).

Foneticamente os jesuítas adaptaram e simplificaram significativamente, tudo o que era exótico e de difícil reprodução. Mattoso escreve estas simplificações:

“Interpretava sons unos como grupos (por exemplo, certas consoantes com ataque nasal e desoclusão oral, /mb/, /nt/, passaram a oclusiva oral com nasalização da vogal precedente e em posição inicial chegam a perder a pré-nasalização, donde para /mba'e: / “coisa” advertir Anchieta que “por incúria” não se deve “escrever” baé; também costumam a desaparecer as vogais mistas, isto é, posteriores não-labiais, como /i/, escrito y no Tupi missionário mas pronunciado um /i/. E assim também se eliminaram outros traços fonéticos importantes, como o acento de altura, que encontramos em MUNDURUKÚ e em outras línguas TUPI de hoje em estado selvagem.” (Mattoso Câmara. 1977, p.99)

Pode-se observar neste capítulo que os jesuítas documentaram de forma ampla o Tupi Antigo, ou seja, a língua chamada nas crônicas jesuítas como Língua Brasílica e que depois passou a ser chamada de Língua Geral, por vezes a adulteraram para melhor adaptá-la à forma escrita. O objetivo desta documentação foi o de ajudar aos missionários jesuítas a aprenderem de maneira rápida e eficiente a língua dos nativos para concretizar seus objetivos de catequização dos povos indígenas. Esta língua de evangelização era também como já citado antes a língua da vida social e política portuguesa e luso-brasileira até o século XVIII.

Concernente ao processo de aprendizado da língua escrita pelos nativos, foram poucos os índios que realmente se alfabetizaram na sua própria língua, um exemplo conhecido de índio alfabetizado é Poti ou Potiguaçu, que adotou, após converter-se o catolicismo em 1614, o nome de Felipe de Camarão, quis com este nome homenagear ao rei D. Filipe II (1598-1621), sua cidade de origem era a atual cidade de Natal. Felipe Camarão destacou-se ao lado dos portugueses nas guerras holandesas, ajudou as tropas de resistência de Matias de Albuquerque na reconquista de Olinda e Recife, sabe-se que nestas guerras holandesas escrevia mensagens em Tupinambá para outros líderes indígenas.

Apesar das adulterações ocorridas na língua Tupi na sua documentação, deve-se salientar que a presença de missionários, franciscanos, especialmente dos jesuítas nos anos que seguiram os descobrimentos foi um fator importante, tanto para a expansão da língua portuguesa e espanhola quanto para a sobrevivência e documentação de algumas línguas indígenas como o Tupi e o Guarani.

3 TEXTOS ESCRITOS: VALORIZAÇÃO DA CULTURA E LÍNGUA INDÍGENA

3.1 A documentação do Tupi: Padre José de Anchieta e a primeira gramática em língua tupi (1595)

A documentação de uma língua é um processo que possibilita que esta tenha maiores chances de sobreviver é, além disso, um dos fatores que contribui para sua total standardização:

“Zur vollen Standardisierung einer Sprache kommt es, wenn: [...] die Sprache in Grammatiken und Wörterbuch kodifiziert wird (Entstehung einer Grammatikographie und einer Lexikographie: Kodifizierung);” (Lindenbauer/ Metzeltin/ Thir, 1995, p.25)

Dicionários e gramáticas codificam uma língua, este procedimento facilita seu aprendizado e a língua adquire maior prestígio. Geralmente escolhe-se um modelo para tornar-se a língua padrão, porém, o modelo escolhido pode não corresponder a realidade geracional, social e regional:

“Die in Grammatiken und Wörterbüchern festgehaltene Standardsprache stellt im allgemeinen ein aus Selektion hervorgegangenes Modell dar, das in Wirklichkeit generational, sozial und regional verschiedenartig realisiert wird.” (ibid.)

Em se tratando da documentação do Tupi, esta língua é a língua indígena brasileira mais bem documentada e preservada através de gramáticas, dicionários, vocabulários, catecismos e várias lendas. Os catecismos em tupi foram os primeiros a serem elaborados, continham as falas próprias para cada um dos cerimoniais cristãos, como por exemplo, batismo, casamento, enterro, confissão, entre outros. Os vocabulários eram elaborados para uso e por iniciativa pessoal até 1565 e a primeira gramática surgiu no final do século XVI.

O surgimento da escrita tupi está relacionado com um movimento intelectual do Renascimento europeu denominado “Ideologia das Letras”, este movimento valorizou a língua como forma de conhecimento e baseava-se na escrita alfabética segundo os moldes da língua dos “civilizados”, porque a língua dos “selvagens” representava o “homem natural” que no ponto de vista dos estudiosos não merecia o título *sapiens*. Havia um ideal de gramática geral que devia possuir estrutura latina e devido a isso quando os missionários disciplinaram a língua Tupi, fizeram nos moldes ocidentais, usando a escrita alfabética latina. A Ideologia das Letras definia a língua com escrita alfabética como marca da fronteira entre bárbaros e civilizados.

De fato, a documentação da língua realizou-se por vários séculos, intensamente no século XVIII, mas também nos séculos posteriores XIX e XX (Rodrigues, 1994, p.103). As primeiras palavras a serem documentados datam do início do século XVI, porém, publicações de textos nessa língua só ocorreram de fato em 1575. Estas publicações eram traduções de orações religiosas como o pai-nosso, a ave-maria e o credo para o Tupinambá, traduções que provavelmente foram feitas pelos jesuítas portugueses. Já as publicações feitas pelo franciscano de origem francesa André Thevet, são reproduções de informações de um índio catequizado (ibid., p.34) André Thevet publicou duas obras importantes: *La cosmographie universelle* (1575) e *Les français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI siècle: le Brésil et les brésiliens*.

Outro francês, Jean de Léry, um missionário calvinista vindo ao Brasil na época em que o Rio de Janeiro estava sob o domínio da França, também contribuiu com publicações, como: *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dite Amérique* (1578) uma tradução desta obra para o português muito aceita é a feita por Sérgio Milliet, cujo título é *Viagem à terra do Brasil* (1951). O fato de ter habitado com os Tupinambás permitiu-lhe conhecer muito bem sua língua e cultura, este conhecimento possibilitou-lhe mais tarde escrever e publicar as primeiras observações gramaticais sobre esta língua. Sua publicação se destaca por reproduzir conversações típicas entre os índios Tupinambás e os europeus, esta é considerada a primeira amostra de reprodução de uma língua indígena brasileira falada pelos próprios índios. Além disso, mostra o Brasil luso-tupi dos quinhentos anos (Silvio, 1992, p.23). Sua obra difere-se das traduções de André Thevet por apresentar algo novo e não se tratar apenas de uma tradução.

A *Arte da Língua Brasílica* do padre jesuíta Luis Figueira é uma obra importante desta época, esta obra foi impressa em 1621. Há ainda um dicionário jesuíta intitulado *Vocabulário na Língua Brasílica*. Quando o Tupi foi disciplinado e passou a chamar-se língua jesuítica surgiu muita literatura em Tupi, como catecismos, doutrinas cristãs e outros, como se pode observar. Alguns exemplos são as obras de Antônio de Araújo (1618), Bettendorf (1687), Costa Aguiar (1869), Pe. Insaurralde nas Missões do Paraguai e Uruguai (1759). Além disso, publicaram-se dicionários, José Mariano Veloso e o Padre Arronches são mais dois exemplos de autores de dicionários. A maior impressão de escrita em Tupi ocorreu no período em que o trono

português pertencia aos reis espanhóis, ou seja, de 1580 a 1640.

A Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil é a primeira gramática em língua Tupi, seu autor foi Pe. José de Anchieta, da Companhia de Jesus, ela foi publicada em 1595 em Coimbra por Antonio de Mariz, mas foi escrita em 1555-56 em São Vicente. Da primeira edição há 12 exemplares conhecidos. Na folha de rosto aparece escrito em latim cercado por uma faixa elíptica o seguinte: “*nomen domini tvrris fortissima*”, esta é uma abreviação do provérbio bíblico “*Torre forte é o nome do Senhor; para ela corre o justo, e está seguro*” (Provérbios 18:10), junto a estas palavras aparece o emblema da Companhia de Jesus.⁵⁸

A história da primeira gramática tupi está ligada ao latim, para compreendê-la era necessário ter noções da gramática latina, houve a publicação de outras gramáticas no século XVI, como a primeira gramática do português (1536), intitulada *Grammatica de lingoagem portuguesa* de autoria de Fernão de Oliveira, justamente um sinal da ideologia das letras, cuja língua modelo era o latim. Estas gramáticas tiveram o objetivo principal de servir como instrumento para o aprendizado de outras línguas.

De acordo com Leite, a gramática de Anchieta e os outros registros não se dirigiam aos índios, mas sim para uso interno dos próprios jesuítas nas missões. Desta forma, o Tupi escrito servia para o melhor aprendizado da língua pelos padres membros da Companhia de Jesus que vinham da metrópole e já tinham conhecimentos literários. Um exemplo foi justamente a gramática de Anchieta que serviu como instrumento pedagógico, os jesuítas deviam estudá-la nas aldeias, esta gramática também deu início ao ensino do tupi como matéria nos colégios (cf. Leite, 1950, p.561-562).

José de Anchieta publicou também versos em Tupinambá, entre suas obras encontram-se 30 composições líricas e dramáticas, são ao todo mais de 4.000 versos. Em 1618 publicou também o *Catecismo na Língua Brasileira*, esta obra inclui aproximadamente 300 páginas e é escrita em Tupi, houve uma segunda edição do *Catecismo na Língua Brasileira* publicada no século XVII pelo padre Bartolomeu de Leão.

58 Antunes, Cristina, *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil (1595)*, Brasileira USP. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/node/326> Acesso em: 11 setembro 2011.

3.2 A documentação do Guarani: António Ruiz de Montoya e a primeira gramática em língua guarani (1640)

No que se refere ao Guarani, esta língua só começou a ser documentada a partir do século XVII, antes a língua tinha uma longa tradição oral. Na época em que as primeiras documentações históricas do Guarani Antigo foram realizadas, as regiões onde se falava Guarani pertenciam principalmente à Espanha, desta forma quase toda ela realizou-se em Espanhol, em território brasileiro havia duas grandes regiões: a do rio Uruguai, que incluía os territórios missioneiros do Rio Grande do Sul e da Argentina e da Província do Guairá, localizada a leste do rio Paraná, entre os rios Paranapanema e Iguaçu⁵⁹ hoje esta região é o estado do Paraná. O desenvolvimento da língua Guarani escrita e literária foi importante para a sua preservação e contribuiu para facilitar, classificar e reconhecer a origem dos empréstimos do português do Brasil e do espanhol.

Os missionários cristãos foram os primeiros a documentar a língua, o padre franciscano Luis de Bolaños é autor da primeira tradução do catecismo cristão ao idioma Guarani. Esta tradução marcou a aceitação oficial de uma forma de escrita para a língua, no entanto, a normalização do Guarani como língua escrita foi consumada mais tarde no século XVI pelos jesuítas. Sara D. Villagra Batoux escreve em seu livro *El Guarani Paraguayo* sobre o desenvolvimento do Guarani no Paraguay. Ela explica na obra todo o processo pelo qual passou a língua, desde as primeiras documentações até entrar para a literatura.

Nesta tarefa de documentação e normalização Antonio Ruíz de Montoya (1585-1662), filho de espanhóis nascido em Lima, desempenhou importante papel. Montoya nasceu no berço de uma família acomodada. Seu pai era cavaleiro de Sevilha e a sua mãe uma crioula, ou seja, filha de espanhóis, mas nascida na colônia. Seus pais morreram cedo e lhe deixaram uma considerável herança. Durante sua juventude Montoya desfrutou sua herança entre prazeres e aventuras. No entanto, em 1605 entrou para a Ordem da Companhia de Jesus, mais tarde foi viver nas Missões de Guairá, onde habitavam povos guaranis, devido a sua grande facilidade em aprender línguas teve êxito, não apenas nos seus objetivos de evangelização, mas também nos seus trabalhos linguísticos, neles descreve a língua, a sociedade

⁵⁹ Paranapanema e Iguaçu são topônimos de origem Tupi, cujos significados são: Paranapanema: “água ruim” ou “sem peixe”, formado por dois termos “Paraná” que significa rio, grande água, e panema, que significa ruim, sem peixe e Iguaçu:

guarani e também suas experiências nas missões (cf. Villagra Batoux, 2002, 251-252).

Dentre suas obras destaca-se sua famosa trilogia, em 1639 publicou o *Tesoro de la lengua Guaraní* (1939), este é o primeiro dicionário publicado em guarani-espanhol, esta obra apresenta um amplo léxico das palavras da família Tupi-Guarani e também de outras línguas da América do Sul, possui ao todo 814 páginas, nas quais cada palavra está catalogada, traduzida e descrita em detalhes. Em 1640 editou *Arte y Vocabulario de la lengua guaraní*, *Arte* é a primeira gramática do Guarani. *Vocabulario* é o segundo dicionário bilingue, um dicionário espanhol-guarani. Publicou também o *Catecismo de la lengua guaraní* (1640), obra em que se pode perceber as razões pelas quais o autor decidiu iniciar suas investigações linguísticas.

Arte é uma obra que serviu de inspiração para posteriores obras desse gênero. Nela Montoya tentou preservar a identidade da língua, no entanto, é importante mencionar que como outros jesuítas analisou a língua do ponto de vista ocidental, tomando como referência o latim e o espanhol. Apresentou assim, a estrutura sintática, formas de flexão, a formação de palavras, as distintas categorias e a fonologia da língua, seguindo as amostras de como era falada naquele tempo. Usa na sua gramática uma terminologia latina como se pode observar no seguinte exemplo: “*Tiene esta lengua las ocho partes de la oración: nombre, pronombre, verbo, participio, posposición, adverbio, interjección y conjunción.*” (Montoya, 1993, p.70).

Apesar de usar termos latinos, Villagra-Batoux salienta que Montoya apresenta rasgos característicos da morfologia guarani na sua gramática, como por exemplo, os fenômenos de harmonização nasal, vocálica ou da morfosintaxe, neste último, Villagra-Batoux cita os plurais exclusivos e inclusivos para a primeira pessoa do plural. (cf. Villagra-Batoux, 258-259)

“água grande” em que “y” significa “água” e “guaçu” significa “grande”.

3.3 Adaptações fonéticas e adulterações na língua dos Tupinambás

Para conhecer a influência das línguas indígenas no português do Brasil, principalmente no que concerne aos aspectos fonéticos é preciso primeiro entender de modo geral os fonemas destas línguas. Sílvio Elia apresenta em seu livro *El português en Brasil* um quadro geral dos fonemas do Guarani, o autor explica que apesar de ser em Guarani e não Tupi é possível perceber as influências do Tupi na fonética do Português porque o Tupi e o Guarani se assemelham muito.

A tabela citada em sua obra é de Rubén Barreiro Saguier e Michel Dessaint, publicada na obra *América Latina en sus lenguas indígenas* de 1983, o capítulo onde aparece esta tabela chama-se *Esbozo del sistema lingüístico del guaraní paraguayo* (Elia, 1992, p.180-181).

| | Anteriores | Centrales | Posteriores | |
|---------|------------|-----------|-------------|-------|
| Orales | I | Y | U | Altas |
| | E | A | O | bajas |
| Nasales | ĩ | ỹ | ũ | Altas |
| | ẽ | ã | õ | bajas |

Segundo os autores e como afirma Elia o y é uma vogal central diferente das encontradas nas línguas romanas, a única vogal das línguas romanas que permite uma associação é o u francês encontrado, por exemplo, na palavra *lune*, no entanto esta vogal não é completamente igual porque o y Guarani é mais centralizado e o u francês mais arredondado é, além disso, uma vogal não labial e muito semelhante ao i russo. As outras vogais do Guarani assemelham-se as suas vogais correspondentes em Português.

No caso das consoantes do Guarani elas possuem sons semelhantes as do Português, para além há três consoantes nasais diferentes do Português, a saber:

labial (*mb*), dental (*nd*), e velar (*ng*), a última consoante pode ser transformada em labializada (*ngw*). O *v* guarani assemelha-se ao *b* Espanhol e Português, sendo esta uma espirante bilabial sonora. Outras particularidades das consoantes são que o *h* é falado de maneira aspirada como em inglês e o *r* é sempre falado de forma branda mesmo quando no início da palavra, nisto difere do Português, como se pode observar no livro *Curso de tupí antiguo* do padre Lemos Barbosa. (Barbosa, 1956, p.27 apud Elia, 1992, p.181) O Tupi é segundo Renato Mendonça pobre em consoantes, mas rico em sons vocálicos. Eram onze os sons consonânticos do Tupi Antigo.

É possível encontrar a influência do Tupi ou das línguas indígenas no Português em diferentes pontos como na fonética, morfologia, sintaxe e no léxico. Este capítulo se concentrará em apresentar as hipóteses sobre a influência indígena na fonética do Português, além das adaptações e adulterações que sofreu a língua.

No que refere-se à influência fonética das línguas indígenas os estudiosos ainda possuem dificuldades em comprovar suas hipóteses, as vogais, por exemplo, não foram estudadas profundamente o que se sabe é que o *y* já mencionado acima e que também pode ser representado como *i* gutural ou *ig* não existe em nenhuma das variações do português do Brasil.

Quintino do Vale escreveu a tese *De la influencia del tupí en el portugués* (1925), sua obra é citada por Sílvio Elia, segundo Quintino do Vale não há ditongos *ou* em Tupi, para ele o fato do caboclo falar chamô ao invés de chamou seria devido à influência da língua tupi. No entanto, esta hipótese foi descartada porque no português europeu também ocorre este fenômeno, portanto, é algo próprio da língua portuguesa como propõe Paul Teyssier (Elia, 1992, p.182).

Outro aspecto discutido é a nasalização dos vocábulos, para Teodoro Sampaio um famoso tupinólogo bahiano a tendência a nasalizar as palavras vem das línguas indígenas, o que explicaria segundo ele a nasalização de vocábulos como: muito, homem, fãma, colônia, entre outros. Porém o filólogo e linguista Gladstone Chaves de Melo não concorda com esta afirmação e para rechaçá-la usa a tese do foneticista Gonçalves Viana a qual afirma que nas regiões da Beira Alta e Algarve há a nasalização das palavras como cama, fumo, dono, entre outras. Apesar deste fenômeno ser bem mais acentuado no Brasil que em Portugal este também pode ser

um fenômeno próprio da língua portuguesa. Chaves de Melo usou mais um argumento para explicar sua afirmação, em São Paulo onde a convivência entre europeus e indígenas foi mais intensa não é comum a nasalização destas palavras, segundo ele este fenômeno demonstra a nasalização não veio dos indígenas.

O filólogo e linguista Serafim da Silva Neto aborda o tema da nasalização mais acentuada no nordeste brasileiro que no Rio de Janeiro, e isto acontece segundo o autor justamente devido aos fatos afirmados na tese de Gonçalves Viana e apresentados por Chaves de Melo, Silva Neto, no entanto, não exclui uma influência indígena:

“[...] Pero no necesariamente, o por lo menos de manera exclusiva, porque la nasalización portuguesa podría, ahí, coincidir con un trazo fonético del sistema indígena local y haberse combinado con él. No somos de los que ven interrelaciones fonéticas en todo proceso y ante cualquier dificultad, pero en los ambientes lingüísticos y sociales brasileños del XVI, del XVII y del XVIII, y al menos como hipótesis, cabe tener en cuenta lo anteriormente apuntado. Desgraciadamente, es preciso reconocer las dificultades con que nos topamos pues sólo de muy poco tiempo a esta parte se han iniciado estudios al respecto, es decir, estudios de los sistemas gramaticales de las lenguas indígenas, encontrándonos, por lo demás, que muchas de ellas se han perdido ya para siempre. Además de eso, al margen del tupí, que era apenas la lengua del litoral, no tenemos posibilidad alguna de describirlas tal y como eran habladas en los siglos XVI, XVII, y XVIII; sólo la estructura de su sistema, por conocer, arrojará alguna luz al respecto.” (Silva Neto, 1960 apud Elia, 1992, p.183)

Das adaptações fonéticas do Tupi pode-se fazer algumas afirmações, a consoante *u* (*w*) do Tupi é transladada ao alfabeto português como *v*, um som que parece com o som *iod*, às vezes é transladado ao Português com *i* e outras vezes com *j*, Elia Silvio afirma que na maioria das vezes no início das palavras (*jaguar*, *iaguara*). Renato Mendonça afirma que a consoante nasal (*mb*) que não existe no Português é transladada a ele às vezes como *p*, outras vezes *b* e algumas vezes como *m*, um exemplo concreto extraído do livro de Elia Silvio e proveniente de Mendonça é o vocábulo *mberéwa* de onde surgiu o nome *pereba*, *mereba* como é chamado no Amazonas e *bereva* em São Paulo (Anchieta, p.35 apud Elia, 1992, p.186).

Há muitas hipóteses sobre empréstimos no campo fonético, mas a maioria delas possuem controvérsias, é o caso da letra *r* final, em muitas regiões no Brasil não é pronunciada no final das palavras, sendo eliminada. Este fenômeno se originou no Norte do Brasil segundo Quintino do Vale e depois expendeu-se até São Paulo, porém Chaves de Melo não concorda com esta hipótese: “*Me parece una sinrazón completa explicar el hecho merced al influjo del tupí. Se trata, una vez más, de algo común a otras lenguas, muy distintas y apartadas del tupí.*” (Melo, *op.cit.*, p.57 apud Elia, 1992, p.186) Chaves usa outros exemplos de línguas onde não se pronuncia o

r no final das palavras como o francês e o romeno.

José de Anchieta em sua gramática do Tupi não escreve nada sobre a inexistência de um *r* final: “*Esta lengua de Brasil no tiene la f, l, s, z, rr, doble ni muta aun líquida, ut, cra, pra, etc.*”. É possível perceber na gramática de Anchieta a presença do *r* no final das palavras pelos exemplos que o autor cita: “*Si tienen ucâr, in fine todos pueden poseer significado en pasiva; por ejemplo, en ayejucáucâr, “hízome matar”, o “déjome matar”, lo que lleva a la conclusión de que hay muchas formas verbales terminadas en ucâr.*”

Outra variedade da língua tupi é não existir nela grupos consonantais, por isso a acontecerem intercalavam-se vogais. Alguns exemplos extraídos do livro de Elia Silvio são *curucu* ou *curuçá* ao invés de “cruz”, Renato Mendonça afirma *paratu* substituindo a palavra “prato”, de acordo com Amadeu Amaral *reculuta* ao invés de *recruta* e *Inglaterra* no lugar de “Inglaterra”, *garampo* em vez da palavra *grampo*, entre outros (Elia, 1992, p.188).

De consenso geral entre os autores é a afirmação que os empréstimos ao português do Brasil o enriqueceram de palavras oxítonas, alguns exemplos expostos no livro de Sílvia Elia são os seguintes: *abacaxi, abaeté, açai, acaju, caju, acauá, aipim, anhangá, baiacu, buriti, capim, cipó, igarapé, irerê, jaú, maracujá, socó, tamandá, ubá, urutu, xexéu*, entre outros.

Em relação às adaptações fonéticas no livro *Vocabulário Indígena comparado para mostrar a adulteração da língua (complemento do poranduba amazonense)* do Dr. João Barbosa Rodrigues publicado em 1892 no Rio de Janeiro mostra algumas das adaptações fonéticas da língua tupi ao Português e a outras línguas estrangeiras. Segundo ele o Padre Restivo foi responsável por algumas das adaptações fonéticas do Guarani ao Espanhol, não usa o *F* ou o *L* nas suas obras, além disso, adota o som do *j* (jota), escreve *aju* em vez de *ayu*.⁶⁰

Barbosa Rodrigues critica John Luccock e outros escritores estrangeiros que passaram os sons da língua tupi de maneira errônea às suas línguas maternas. John

60 Rodrigues, João Barbosa. *Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua (complemento do Poranduba Amazonense)*. Publicação da Bibliotheca Nacional., Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1892, p.2. Disponível em: <http://biblio.etnolinguistica.org/rodrigues-1892-vocabulario> Acesso em: 15 dezembro 2011.

Luccock foi um pesquisador inglês que viajou pelo Brasil em 1820, publicou a gramática intitulada *Grammar and vocabulary of the tupi language*, esta obra está baseada na gramática de Anchieta e Figueira, no entanto, por ser inglês admite o *g*, *j*, *w* e até o *z*, a última letra é devido à má pronúncia do Guarani pelos espanhóis, assim ao invés de *Turuçu* os espanhóis dizem *Turuzu*. O Padre Bernal diz *Tabazu* em vez de *Táuaçu*, *guazu* ao invés de *uaçu*, o mesmo ocorre com a palavra *Iguaçu*, os espanhóis a escrevem *Iguazú*. Segundo Barbosa Rodrigues estes são disparates fonéticos de autores franceses, alemães, espanhóis, holandeses e ingleses. Além disso, a outras adaptações *Zoze* e *zui* substituindo *çuky*, *Zaba* ao invés de *çaua*, *Zig* por *Cy* sempre usando o *z* para substituir o *ç* ou *s*. (ibid.).

O autor escreve também que foram os portugueses e espanhóis quem menos adulteraram os sons da língua tupi ao passar as palavras às suas línguas maternas.

3.4 Significados etimológicos de alguns topônimos e nomes da flora e fauna brasileiros com termos de origem indígena

Os termos em Tupi e Guarani têm frequentemente um ou muitos significados em português. Contudo há alguns radicais que tornam possível descobrir o significado etimológico de muitas palavras, como por exemplo: *-atã* (duro), *-bira* (ereto, erguido), *-catu* (bom), *-í ou i-* (água), *-ibi* (madeira, árvore), *-ita* (pedra, morro, montanha), *-guaçu* (grande), *guira-*(pássaro), *-mirim* (pequeno), *-obi* (azul), *para-* (rio), *-panema* (ruim), *pira-* (peixe), *-piranga* ou *-pitanga* (vermelho), *-sununga* (barulhento), *-tiba* (lugar cheio de...), *-tinga* (branco), *úna* (preto, negro).⁶¹

Alguns exemplos de Topônimos e seus significados como explicado acima aparecem no livro *Línguas Brasileiras* de Aryon Rodrigues (Rodrigues, 1994, p.22):

Ý-guaçu: vocábulo composto pelas palavras: *ý*= água, rio e *guaçu*= grande, significa portanto, rio grande (cf. Iguaçu, BA, MG, PR (onde se encontram as Cataratas de Foz do Iguaçu), RN).

Ý-ting-a: vocábulo composto pelas palavras: *ý*= água rio *ting*= branco, ou seja, significa rio branco, água branca (cf. Itinga, BA, MG, PA; Utinga, AL, BA, RN).

⁶¹ Wikipédia, *Toponímia do Brasil*. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Topon%C3%ADmia_do_Brasil Acesso em: 20 janeiro 2012.

Ý-ún-a: palavra composta por *ý*= água rio e *ún*: preto, significa desta forma, rio preto, água preta (cf. Iúna, ES, Una, BA, CE, PA, PE, RJ, SP).

Ybý-péb-a: palavra composta por *ybý*= terra e *péb*= chato, plano, baixo, ou seja, significa terra plana (cf. Ibipeba, BA).

Ybý-poráng-a: vocábulo composto de *ybý*= terra e *poráng*= bonito, significa portanto, terra bonita (cf. Ibiporanga, BA, SP).

Ybýtýr-ún-a: vocábulo composto pelas palavras: *ybýtýra*= morro, serra e *ún*= preto, negro, ou seja, morro preto, serra negra (cf. Ibituruna, MG; Ibitiruna, SP).

Ybýtý-poráng-a: palavra composta por: *ybýtýra*: morro, serra e *poráng*= bonito, isto é, morro bonito, serra bonita (cf. Ibituporanga, RJ).

Itá-tíng-a: palavra composta por: *itá*= pedra e *tíng*= branco, isto é, pedra branca (cf. Itatinga, SP).

Itá-ún-a: palavra composta por: *itá*= pedra e *ún*= preto, negro, ou seja, seu significado é pedra preta (cf. Itaúna, BA, MA; MG; Itaúnas, ES, MG, SE).

Itá-péb-a: vocábulo formado pelas palavras: *itá*= pedra e *péb*= chato, plano, baixo, isto é, pedra chata, laje (cf. Itapeva, MG, SP).

Itá-péb-uçú: vocábulo formado pelas palavras: *itá*= pedra, *péb*= chato, plano, baixo e *uçú*: grande, seu significado é assim laje grande (cf. Itapebuçu, CE).

Itá-pé-miri: vocábulo formado pelas palavras *itá*= pedra, *péb*= chato, plano, baixo e *miri*=pequena, significa assim, laje pequena (cf. Itapemirim, ES).

Itá-pé-ting-a: vocábulo composto pelas palavras *itá*= pedra, *péb*= chato, plano, baixo e *tíng*= branco, ou seja, laje branca (cf. Itapetinga, BA; MA; SP).

Itá-pé-tiníng-a: vocábulo formado pelas palavras *itá*= pedra, *péb*= chato, plano, baixo e *tiníng*= seco, isto é, laje seca (cf. Itapetininga, SP).

Itá-tíng-ý: palavra composta por: *itá*= pedra e *tíng*= branco e *ý*= rio, água, isto é, rio das pedras brancas (cf. Itatingui, BA).

Itá-péb-ý: vocábulo composto pelas palavras: *itá*= pedra, *péb*= chato, plano, baixo e

ý= rio, água, isto é, rio das lajes (cf. Itapebi, BA; Itapevi, SP).

Itá-pé-tíng-ý: vocábulo formado pelas palavras: *itá*= pedra, *péb*= chato, plano, baixo, *tíng*= branco e *ý*= rio, água, ou seja, rio das lajes brancas (cf. Itapetingui, BA).

Jacaré-ý: palavra formada de: *jacaré*= jacaré e *ý*= rio, água, significa assim rio dos jacarés (cf. Jacareí, PI, SP).

Jundi'a'ý: vocábulo formado pelas palavras: *jundi'a*= bagre e *ý*= rio, água, cujo significado é rio dos bagres (cf. Jundiá, RN, SP).

Jaguár-ý: vocábulo composto pelas palavras *jaguár*= onça e *ý*= rio, água, ou seja, rio das onças (cf. Jaguari, MG, SP).

Jaguár-ý-úna: vocábulo composto pelas palavras *jaguár*= onça, *ý*= rio, água e *úna*= preto, isto é, rio preto das onças (cf. Jaguariúna, SP).

Jaguár-ý-pe: vocábulo formado pelas palavras: *jaguár*= onça, *ý*= rio, água e *pe*= no, o significado é no rio das onças (cf. Jaguaripe, BA; Jaguaribe, CE).

Tejú'-ý-pe: palavra composta por: *tejú*= lagarto, *ý*= rio, água e *pe*= no, isto é, no rio dos lagartos (cf. Tijuípe, BA).

Tejú-guaçú: palavra composta de *tejú*= lagarto e *guaçú*= grande, isto é, significa lagarto grande (cf. Tijuaçu, BA).

3.5 Século XIX e o Indianismo: exaltação de vocábulos indianistas na poesia e prosa

O Indianismo é um componente da literatura brasileira que desenvolveu-se principalmente na época do Romantismo no século XIX, porém, já no arcadismo houve autores que exaltaram e idealizaram os nativos. O poeta mineiro Basílio da Gama é considerado o fundador do indianismo na literatura brasileira, publicou o poema épico *O Uruguary* (1769) e ainda o arcadista Santa Rita Durão com sua obra *Caramuru* (1781), poema épico sobre a história do naufrago Diogo Álvares, apesar deste poema ser inspirado na mitologia grega há muitas informações sobre os indígenas. O indianismo apresenta o índio como herói nacional, livre, valente, sem vícios e corrupções. Enquanto que na Europa no século XIX o herói era o cavaleiro

medieval, no Brasil foi o índio quem adquiriu este estatus. Este movimento intensificou-se após a independência do país em 1822. O objetivo principal era buscar uma identidade nacional e um herói mítico brasileiro que pudesse representar a nação que estava nascendo, quanto à língua buscava-se abrigar o português além de fazer um culto à natureza. Esta fase foi marcada por uma autonomia estética na literatura e política no âmbito da sociedade que buscava chegar a uma visão original da sua própria cultura. Dois movimentos literários contribuíram com mais intensidade à busca desta identidade brasileira: o romantismo (1836-1870) e alguns anos mais tarde o modernismo (1922-1945).

José de Alencar escreve o seguinte na introdução de *Iracema*, um dos seus livros indianistas:

“O conhecimento da língua indígena é o melhor critério para a nacionalidade da literatura. Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas do selvagem, os modos de seu pensamento, as tendências de seu espírito, e até as menores particularidades de sua vida. É nessa fonte que deve beber o poeta brasileiro, é dela que há de sair o verdadeiro poema nacional, tal como eu imagino.” (Alencar, 2002, p.11)

Para poderem ter bons resultados, os autores indianistas dedicaram-se ao estudo não apenas da língua, mas também dos hábitos e da cultura indígena, com o objetivo de melhor compreendê-la e passá-la ao público alvo, por vezes, tiveram de fazer muitas adaptações na cultura e falar indígenas para que seus atos parecessem ainda mais heróicos, como afirma José de Alencar: “*Sem dúvida que o poeta brasileiro tem de traduzir em sua língua as ideias, embora rudes e grosseiras, dos índios; mas nessa tradução está a grande dificuldade; é preciso que a língua civilizada se molde quanto possa à singeleza primitiva da língua bárbara; e não represente as imagens e pensamentos indígenas senão por termos e frases que ao leitor pareçam naturais na boca do selvagem*” (ibid.) E mais abaixo o autor escreve sobre o estudo da língua: “[...] *a investigação laboriosa das belezas nativas, feita sobre imperfeitos e espúrios dicionários, exauria o espírito*” (ibid.).

O Indianismo passou por diferentes fases: indianismo barroco, indianismo arcádico, indianismo romântico e indianismo gonçalvino. Os principais representantes deste movimento literário foram entre outros José de Anchieta, Basílio da Gama com o poema *Uruguai*, José de Alencar⁶² com a trilogia indianista: *Guarani* (1857),

⁶² José Martiniano de Alencar nasceu no Ceará em 1829. Formado em direito, exerceu a profissão e passou a contribuir no Correio Mercantil, entre 1868 e 1870 foi ministro da Justiça. Abandonou a política e dedicou-se só as letras, ele é considerado “O Patriarca da Literatura Brasileira”. Morreu jovem aos 48 anos de tuberculose.

Iracema (1865) e *Ubirajara* (1874), Gonçalves Dias, cujos poemas mais importantes sobre este tema são: *I-Juca-Pirama*, *Marabá*, *Canção do Tamaio* e *Os Timbiras* um poema inacabado.

O objetivo neste capítulo é encontrar em algumas destas obras literárias vocábulos indígenas importados para o português. É necessário antes, observar nas obras o valor dado aos protagonistas, e a concepção de herói que os autores fazem de seus personagens. No romantismo de Alencar percebe-se um ciclo cultural onde o amor e à pátria, à natureza e à religião são afluídos. A partir daí, é concebível afirmar que as ideologias indianistas eram fundamentadas na ideologia de uma cultura européia. Na busca de uma identidade nacionalista, Alencar é preso nessas idealizações, exibindo em suas obras um mundo voltado para a mãe natureza, o refúgio no passado e a reinvenção do mito do bom selvagem, além do exotismo e nas relações com o próprio eu, solidão, devaneio e demasia na imaginação.

O *Guarani* é o primeiro romance da trilogia de José de Alencar, foi publicado em 1857 na forma de folhetim, o livro narra a fidelidade e amor de Peri, um índio da tribo goicatá, por Cecília, uma moça branca, filha de D. Antônio Mariz, um fidalgo português que mudou-se no fim do século XVI com sua família para o Rio de Janeiro, onde ainda predominava a selva. Neste romance também aparece a tribo indígena dos aimorés que tenta guerrear contra a família de D. Antônio, porque seu filho D. Diogo, mata acidentalmente uma índia aimoré. O ataque à fazenda é organizado por um ex-frei chamado Loredano, um homem ambicioso e de mau-caráter que quer raptar Cecília e roubar a casa do fidalgo. D. Antônio tendo conhecimento que não pode vencer a batalha decide explodir a casa, mas antes pede que Peri salve vida de sua filha, depois de torná-lo cristão. A atitude de tornar Peri cristão demonstra bem a tendência da época de desculturação, o índio na sua cultura é considerado pagão, ele precisa assumir uma outra identidade que não é a sua. Os índios reais também são obrigados a abandonar sua cultura para assumir a dos jesuítas. No fim da obra, Peri conta a Cecília uma lenda indígena, onde um índio chamado Tamandaré e sua companheira vão além do horizonte e depois disto eles povoam a terra. No fim do livro entende-se que os dois também morrem e vão viver nos céus.

Nesta obra encontram-se poucas palavras indígenas, alguns exemplos da flora brasileira citados no romance são: *acarís* (p.14), *araribás* (p.14), *guaximas* (p.48),

cipó (p.61), *jacarandá* (p.69), *jambeiro* (p.87), *igaras* (p.244), *catuíba* (p.245), *uvaías* (p.246), pode-se citar alguns exemplos da fauna: *juruti* (p.30), *jararaca* (p.53), *cauã* (p.103), *ganumbi* (p.254), também da toponímia há o termo *Paraíba* (p.6) e o rio *Paraíba* (p.12) é um acidente geográfico. Há também alguns antropônimos no livro como: Peri, Ararê (p.76), Ceci (p.96), mais alguns exemplos de diferentes palavras indígenas no livro são: *cacique* (p.60), *aimorés* (p.60), *goitacá* (p.76), *guaranis* (p.86), *cacique* (p.191), *canoa* (p.246).

Quando comparada às duas outras obras indianistas posteriores do autor, o número de vocábulos indígenas nesta obra é muito inferior, através destes vocábulos Alencar buscou exprimir a ideia de autenticidade e nacionalidade da nova nação.

O romance *Iracema* (1865) de José de Alencar, por exemplo, apresenta muito mais vocábulos indígenas emprestados ao português do Brasil a começar pelo nome da protagonista, Iracema é uma palavra indígena composta de duas outras, eira que significa em português “mel” e cema, cujo significado é “saída”, “vinda”, seu nome significaria, portanto “saída do mel”. José de Alencar a chamou Iracema a virgem dos lábios de mel (Alencar, 2002, p.15). A história se passa em uma tribo indígena chamada tabajara, nas matas brasileiras: “[...] a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara [...]” (ibid.) Iracema apaixona-se por um guerreiro branco chamado Martim, a índia o acompanha e os dois vivem felizes por um tempo, no entanto, Martim sente muitas saudades da sua terra de origem, a jovem percebe a sua infelicidade e também perde a sua alegria. Juntos têm um filho, que recebe o nome de Moacir. Iracema acaba morrendo e Martim volta a sua terra natal. Poti é um outro personagem interessante neste romance, considera-se irmão de Martim. José de Alencar para criar este personagem inspirou-se na história verdadeira do índio Poti ou Potiguaçu, cujo nome já foi mencionado neste trabalho. Potiguaçu também chamado Camarão, foi um personagem histórico que converteu-se ao catolicismo e combateu ao lado dos portugueses comandando exércitos indígenas para expulsar os holandeses no estado de Pernambuco no século XVII. José de Alencar escreve: “*Já em São Paulo tinha começado uma biografia do Camarão. Sua mocidade, a amizade heróica que o ligava a Soares Moreno, a bravura e lealdade a Jacaúna, aliados aos portugueses, e suas guerras contra o célebre Mel Redondo; [...]*” (Alencar, 2002, p.13; Caldeira, 1997, p.61).

Este romance tem grande importância porque segundo a lenda formou-se a partir desta união o estado do Ceará. O narrador fala do canto triste da jandaia que repete tristemente o nome de Iracema quando passam os guerreiros, perto do coqueiro onde está o camucim com o seu corpo, à borda do rio. “*E foi assim que um dia veio a chamar-se Ceará o rio onde crescia o coqueiro, e os campos onde serpeja o rio*” (Alencar, 2002, p.83).

Além disso, aparecem muitos vocábulos indígenas, são antropônimos, topônimos, nomes de fauna, frutos e flora brasileira, seguem alguns exemplos:

•Flora: *buriti (p.7), carnaúba (p.14), jati (p.15), oiticica (p.16), cruatá (p.16), juçara (p.16), juazeiros (p.17), jurema (p.23), cipó (p.50), taioba (p.61), crajuru (p.64), jacarandá (p.65), mandioca (p.65), copaíba (p.72), cajueiro (p.73), ubaia (p.73), icó (p.74), jataí (p.84), manacá (p.82).*

•Frutos: *caju (p.18, 46), ananás (p.18), araçá (p.31), maracujá (p.63), jenipapo (p.65), imbu (p.71), pitanga (p.80), jetica (p.82).*

•Fauna: *jandaia (p.14), ará (p.16), cauã ou acauã (p.19,43), boicininga (p.20), jaguar (p.25), juruti (p.27), jibóia (p.31), capivara (p.54), jacus (p.57), urubus (p.56), guará (p.33), urutau (p.32), atiati (p.37), tamanduá (p.38), maracajá (p.41), paca (p.46), cutia (p.50), tapir (p.51), jaçanã (p.58), jatobá (p.54), traíra (p.57), uruçá (p.57), jaburu (p.61), irara (p.80), piau (p.81), cupim (p.83).*

•Antropônimos: *Iracema (p.15), Poti (p.18), Irapuã (p.19), Jurema (p.19), Caubi (p.20), Japi (p.53), Jaci (p.46), Jaguarapu (p.57), Jatobá (p.59), Maranguab (p.61).*

•Acidentes geográficos: *Mearim (p.17), Parnaíba, rio Jaguaribe (p.18), Rio Taíba (p.57), Ribeiro de Pirapora (p.61), Guaiúba (p.62), Lagoa da Porangaba (p.62), Mundaú (p.56), Trairi (p.82).*

•Utensílios: *uiraçaba (p.16), igaçaba (p.18), maracá (p.19), toré (p.21), tacapé (p.21), uru (p.29), camucim (p.37), araçóia (p.65).*

•Outras palavras indígenas: *taba (p.17), tabajara (p.21, tribo), pitiguaras (p.18, tribo), Pajé (p.17), Tupã (p.17), aracati (p.22, vento que no Ceará sopra de N.E para S.O), caiçara (p.55), cauim (p.40, espécie de bebida), abaeté (p.50, homem honrado), jirau (p.31), tapuias (p.59, palavra usada antigamente pelos tupis para designar os*

gentios inimigos), *oca* (p.62), *igara* (p.66), *maracatim* (p.76), *mingau* (p.80).

Como se pode observar nos exemplos acima, são muitos os nomes referentes à flora citados na obra Iracema, muitos deles como *buriti* e *juazeiros* são árvores típicas do Ceará ou do nordeste do Brasil, alguns deles além de designarem a planta, designam também o seu fruto e também são topônimos. Há frutos tropicais conhecidos, um exemplo é o *caju*, cujo nome é de origem indígena, os primeiros habitantes das Américas davam diferentes nomes para caju como caju-etê, caju-pirã, cajuí, caju-açu. Quanto ao seu significado etimológico a palavra *aca-ju* vem da língua tupi e significa “noz que se produz”. Outro exemplo é o *ananás*, um outro nome para o *abacaxi*, a palavra vem do guarani *naná*, sua primeira documentação em língua portuguesa data da primeira metade do século XVI e em Espanhol na segunda metade, seu significado etimológico é fruta que cheira, composta pelas palavras *a*, cujo significado é fruta e *naná* no sentido de cheiro.⁶³ Aparecem muitos nomes da fauna brasileira como: a *cutia*, um mamífero roedor, cujas origens remontam a língua tupi, a palavra em tupi é *aku'ti*, em Português recebe outros nomes como acuchi, acouti, aguti e acuti (Ferreira, 1986, p.515).

Jaçanã além de ser uma espécie de perdiz se tornou o nome de um bairro no município de São Paulo, este vocábulo indígena significa “a que está de olho aberto”.⁶⁴ O nome *jibóia* pode significar “cobra d'água”, onde *mbóia/mboy* é “cobra” e *y* é “água”. No que se refere à toponímia e aos acidentes geográficos, muitos dos lugares citados pelo autor existem até os dias atuais. Alguns exemplos de cidades são: *Ipu*, *Camocim*, *Meruoca*, *Quixeramobim*, *Uruburetama*, *Icó*, e alguns rios como o *Mundaú* e o *Trairi*. José de Alencar explica alguns dos significados das palavras indígenas que aparecem em seus livros, um deles é o *uiraçaba*, nome dado pelos tupis à aljava, *uira* significa “seta” e *aba* serve como palavra para designar aquele que tem a seta. Era feita do tubo do *taquaraçu* ou da casca de certas árvores.

O terceiro romance indianista de José de Alencar é *Ubirajara*, publicado em 1871, é um antropônimo tupi e significa “senhor da lança” de *ubira* e vara e *jara* que significa senhor. O autor chamou sua obra de lenda, nela conta a unificação das nações indígenas tocantins e araguaias, após uma guerra com os tapuias, por tornar-se

63 Aldeia Numaboa, *Nomes e Expressões indígenas*. Disponível em:
<http://www.numaboa.com.br/component/glossario/?view=category&id=264:indigena> Acesso em: 19 novembro 2011.

64 Aldeia Numaboa, *Nomes e Expressões indígenas*. Disponível em:
<http://www.numaboa.com.br/component/glossario/?view=category&id=264:indigena> Acesso em: 20 novembro 2011.

chefe de duas nações recebeu duas esposas. Araci que pertencia ao povo tocantim e Jandira ao dos araguaias, a quem Ubirajara tinha abandonado para casar-se com Araci. O nome Ubirajara deu origem ao nome da tribo dos ubirajaras que habitavam as nascentes do Rio São Francisco na época do descobrimento do Brasil. José de Alencar cita Gabriel Soares nos comentários do seu livro, uma das principais características desta tribo era o manejo das lanças:

“A peleja dos Ubirajaras, diz esse escritor, é a mais notável dos mundos, como fica dito, porque a fazem com uns paus tostados muito agudos, de comprimento de três palmos, pouco mais ou menos cada um, e tão agudos de ambas as pontas, com os quais atiram a seus contrários como com punhais, e são tão certos com eles que não erram tiro, com o que têm grande chegada; e desta maneira matam também a caça que se lhe espera o tiro não lhe escapa; os quais com estas armas se defendem de seus contrários tão valorosamente como seus vizinhos com arcos e flechas, etc.” (Alencar, 2002, p.111).

O livro traz um vasto vocabulário indianista, tal como em Iracema, estes nomes são principalmente da fauna e flora brasileiros, pode-se citar alguns exemplos:

Da flora: *ubaia* (p.13), *craúba* (p.14), *nandu* (p.15), *manacá* (p.41), *juçara* (p.44), *jirau* (p.49), *croás* (p.49), *crajuru* (p.49), *jutaí* (p.50), *guaribu* (p.50), *jacarandá* (p.51), *aroeiras* (p.51), *cipó* (p.50), *muriti* (p.54), *jequeriti* (p.57), *piaçaba* (p.59), *guaribu* (p.59), *pirijá* (p.62), *crauatá* (p.61), *imbê* (p.63).

Da fauna: *tapir* (p.15), *guaxinim* (p.16), *jibóia* (p.19), *juriti* (p.34), *guaynumby* (p.40), *tucano* (p.44), *jaboti*, *tartaruga* (p.49), *boitatá* (p.50), *lenda da serpente com os olhos de fogo*, *jaçanã* (p.51), *arara* (p.51), *araruna* (p.52), *nambu* (p.52), *crajuá* (p.57), *manati* (p.58), *peixe-boi*, *sucuri* (p.59), *irerê* (p.62).

Alguns topônimos e acidentes geográficos como *Aratuba* (p.14), *Taari* (p.15), *Araguaya*, *pororoca* (p.52), *Xingu* (p.59).

Alguns utensílios da cultura indígena, transportados à cultura brasileira que aparecem em Ubirajara são: *uiraçaba* (p.13), *uru* (p.33), *caiçara* (p.44), *camocins* (p.48), *igaçabas* (p.49), *combuca* (p.49). Outros nomes indígenas no livro são: *araguaya* (p.14), *tocantins* (p.15), *nhengaíba* (p.23), *pajé* (p.15), *taba* (p.16), *canitar* (p.16), *tapuias* (p.18), *Tupã* (p.18), *ubiratã* (p.19), *oca* (p.23), *carbeto* (p.43), e *ipê* (*lugar onde*), *cauim* (p.48), *biaribi* (p.49), *maranduba* (p.54, *história guerreira*).

Aparecem muitos antropônimos como: *Jaguarê* (p.13), *Jandira* (p.13), *Araci* (p.16) *Pojucã* (p.26), *Itaquê* (p.16), *Jacamim* (p.46), *Camacã* (p.18), *Canicran* e *Pahã*, *Ubirajara* (p.28), *Majé* (p.32), *Pirajá* (p.46), *Jurandir* (p.50).

Quanto aos acidentes geográficos e à toponímia, muitos existem até hoje, um exemplo é *Aratuba*, palavra composta de *ar* cujo significado é “sol” e *tuba* infinitivo do verbo *ajub*, significa “estar deitado”, os índios utilizavam esta designação para a montanha do poente “onde o sol se esconde”, como explica José de Alencar. Atualmente a palavra é o nome de um município no Ceará. *Araguaya* é o nome de uma tribo indígena, mas também de um rio que passa por diferentes estados brasileiros, a palavra é composta por *ara* e *guara*, literalmente significa “guerreiros das araras”. No norte do Brasil ainda se utiliza alguns objetos com os mesmos nomes dados pelos indígenas, como por exemplo, o *uru*, um cesto aberto, há também outros cestos com nomes indígenas como: o *samburá*, o *nambi*, o *patiguá* o *patuâ*, o *mocô*, *entre outros*. Os nomes da flora e fauna permanecem os mesmos, também muitos destes antropônimos foram emprestados ao português do Brasil e até hoje são apreciados.

Gonçalves Dias foi outro poeta importante, destacou-se na sua poesia indianista, nela mostra um grande conhecimento dos hábitos, da língua e da vida dos indígenas. No poema épico *I-Juca-Pirama*, publicado em 1851, este poema de 484 versos é considerado um “hino” de louvor ao guerreiro indígena, um prisioneiro Tupi vai ser sacrificado em um ritual antropofágico pela tribo inimiga, os Timbiras. No momento do sacrifício o herói pede que o libertem para que possa cuidar do seu pai cego, velho e fraco, diante do seu pedido, o chefe Timbira o deixa partir e interpreta este pedido como um ato de covardia. Ao retornar o pai percebe que o filho ia ser sacrificado ao sentir o forte cheiro das tintas usadas nos rituais antropofágicos. Desta forma, pai e filho retornam a aldeia Timbira para que o ritual se cumpra, lá o chefe Timbira fala ao pai que o rapaz é um covarde e não é digno de ser um prisioneiro e sacrificado, porque chorou diante da morte. O pai indignado insulta o filho, o jovem num ímpeto de mostrar ao pai sua coragem desafia a tribo Timbira para a luta, ao lutar bravamente mostra a sua coragem diante de todos.

A história ocorre na tribo de índios Timbira, índios pertencentes ao grupo Jê, como se observa na seguinte citação: “*No meio das tabas de amenos verdores/ Cercadas de troncos – cobertos de flores, [...] São todos Timbiras, guerreiros valentes/ Seu nome lá voa na boca das gentes/ Condão de prodígios, de glória e terror.*” (Bandeira, 1958, p.27) Quem conta a história é um velho índio Timbira que declara ter estado presente no acontecimento, daí surgiu a expressão coloquial utilizada até os dias

atuais no Brasil: “*Meninos, eu vi!*” (ibid.).

O vocabulário usado é do Tupi, o próprio nome do poema vem do Tupi e significa “aquele que vai morrer” ou “aquele que é digno de ser morto” como o próprio autor afirma em nota de rodapé. Há um prisioneiro Tupi nesta aldeia Timbira, no entanto, há algo curioso neste poema, o ritual da morte do prisioneiro não corresponde à cultura Jê, mas sim a cultura Tupinambá, sendo muito semelhante a uma narração de Hans Staden feita em 1557. Em termos gerais Mattoso critica a mistura das culturas indígenas que muitas vezes parte dos próprios poetas. Neste poema épico romantizado há algumas poucas palavras indígenas como, por exemplo: *taba* (aldeia), *maracás* (chocalho indígena usado em festas, danças e rituais, em outras palavras um instrumento musical, também atualmente um município no estado da Bahia), *enduape* (fraldão de penas usados pelos guerreiros indígenas), *canitar* (penacho ou cocar usado pelos guerreiros na guerra ou em algumas solenidades), *cauim* (bebida indígena), *iverapeme* (maça com que os indígenas matavam seus prisioneiros), muçarana (cobra), *Tapuias* (tribo indígena), *Aimorés* (tribo indígena).

Machado de Assis em seu momento romântico escreveu a obra *Americanas* (1875), nela encontra-se o poema *Lindoya*, onde aparece a personagem de *O Uruguaçu* a recepcionar outras personagens indígenas criadas pelos autores indianistas como Iracema e Moema⁶⁵. O poeta tenta através da figura feminina do país antigo buscar uma nova identidade para o Brasil. Outro poema que merece destaque neste livro é *Potira*, cujo nome indígena significa flor em tupi antigo, Potira, uma índia cristã, depois de aprisionada pelos tamoios deve escolher entre esposar o chefe da tribo, Anajê, ou morrer. A índia escolhe morrer e preservar as suas crenças cristãs, demonstrando assim a idéia do índio totalmente convertido à religião católica. Nessa obra aparecem alguns nomes indígenas além dos antropônimos.

3.6 Semana de Arte Moderna (1922): Tupi or not Tupi that is the question

Depois da fase indianista não houveram muitos movimentos voltados para a cultura e língua indígena no Brasil, ela permaneceu por muito tempo esquecida e

⁶⁵ Moema é um antropônimo de origem tupi, que aparece muitas vezes na literatura, aparece no poema épico de Rita Durão, onde é uma heroína amante de Caramuru e irmã de Paraguaçu, que morre afogada ao seguir o navio que está levando Caramuru e Paraguaçu para a Europa. Esta é provavelmente, uma personagem fictícia, pois não se possui registro histórico, no entanto, o antropônimo Moema incorporou-se aos nomes próprios brasileiros, é até os dias atuais um nome comum no Brasil.

secundária. Só no início do século XX houve um resgate da língua e cultura indígenas. Em 1922 foi realizada em São Paulo no Teatro Municipal a Semana de Arte Moderna, este evento contribuiu para o início do modernismo no Brasil, cada dia desta semana era dedicado a um tema específico: pintura, literatura, poesia ou música. O modernismo brasileiro queria romper com os padrões do passado e fazer criações livres, os escritores e artistas desta época inspiraram-se nas vanguardas europeias para criar suas obras literárias e plásticas, seu lema principal era “inovar”. Foi assim que surgiram muitas obras que valorizavam os indígenas e a língua do povo brasileiro, pode-se citar alguns manifestos como o Manifesto da Poesia Pau-Brasil (1924-1925) publicado no livro *Pau-Brasil* de Oswald de Andrade, figura importante do modernismo, este manifesto procurava uma redescoberta do Brasil, assim como uma literatura voltada para a realidade da época. Outro manifesto foi *Nhengaçu Verde-Amarelo — Manifesto do Verde-Amarelismo ou da Escola da Anta*, publicado em 1929, que buscava valorizar a língua tupi. Nesta época surgiu também a *Revista de Antropofagia* (1928-1929), seu nome faz referência ao ritual antropofágico praticado por algumas tribos indígenas canibais, segundo os modernistas era preciso “comer” as vanguardas europeias para absorver o seu melhor e criar a própria nacionalidade e cultura, com o objetivo de redescobrir o país. A tradição das tribos era comer os valentes guerreiros inimigos aprisionados, para possuir sua coragem e força. Oswald de Andrade, um dos autores máximos do modernismo, publicou nesta revista o *Manifesto Antropofágico* (1928), nele estão incluídas as ideias principais do movimento, cujo objetivo era fundir as tradições portuguesas, indígena e africana para formar uma cultura própria. O movimento para o redescobrimto da língua tupi foi tão intenso entre a primeira geração modernista que Oswald de Andrade intertextualizou a famosa frase de Shakespeare: “*Tupi or not Tupi that is the question*” e acrescentou: “*Contra todas as catequeses. E contra a mãe dos Gracos. / Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago.*”

Uma das pinturas que marcou as artes no século XX foi *Abaporu*, *aba* significa “homem”, “ser humano” e *porá* “gente” mais *ú* “comer”, ou seja, “o homem que come gente” de Tarsila do Amaral, nela aparece a imagem de uma mulher com um corpo desproporcional. Através do nome dessa pintura é possível observar novamente os ideais modernistas.

Mario de Andrade, outro autor importante para o modernismo, destacou-se principalmente com sua obra *Macunaíma*, publicada em 1928, a obra modernista é uma rapsódia, soma temas folclóricos, incluindo lendas, mitos indígenas, provérbios brasileiros.

As superstições do povo brasileiro também estão presentes, como por exemplo, quando o narrador conta que a família de Macunaíma não consegue mais caçar nada, porque Maanape matou um boto para comer e o pai deste boto o “sapo cunarau” mandou as enchentes para castigá-los. Além destes personagens aparecem outras figuras folclóricas importantes como uma cutia falante, estão sublinhadas as palavras de origem indígena:

“[...] Acuti pitá canhém... lentamente.
Foi lá e topou com a cutia farinhaando mandioca num tipiti de jacitara.
- Minha vó, dá aipim pra mim comer?
- Sim, cutia fez. Deu aipim pro menino, perguntando?
- Que que você está fazendo na caatinga, meu neto?
- Passeando.” (Andrade, 1993, p.16)

Também são citadas superstições ligadas a pássaros, como o jucurutu que traz má sorte, no momento em que Macunaíma o vê precente que algo ruim acontecerá e tem medo, logo depois vem a Cobra Preta e envenena o leite de sua companheira, quando o seu filho mama no peito morre, porque o leite está envenenado (ibid., p.22).

Considera-se esta obra como um indianismo moderno que critica o Romantismo. Macunaíma é o contrário dos heróis indígenas romanescos “um herói sem nenhum caráter”, ou seja, ele é um anti-herói. Andrade mistura a cultura do índio do norte do Brasil com a do paulista e do carioca. Como se era de esperar aparecem muitos vocábulos indígenas, especialmente da flora e fauna, pode-se observar esta afirmação pelos exemplos que seguem extraídos dos primeiros capítulos do livro:

Flora: *paxiúba* (p.9), *cipó* (p.22), *guabiroba* (p.22), *açaizeiro* (p.23), *aninga* (p.10), *javari* (p.10), *tiriricas* (p.10), *trajá* (p.10), *trapoerabas* (p.10), *puçá* (p.10), *curauá* (p.11), *caruru* (p.12), *sororocas* (p.12), *piranheira* (p.11), *copaíba* (p.11), *cipó* (p.11), *araraúba* (p.13), *jenipapo* (p.13), *tatajuba* (p.13), *acariúba* (p.13), *umiri* (p.13), *timbó* (p.13), *planta venenosa para os peixes*, *aruru* (p.14), *cajueiros* (p.15), *tucunzeiro* (p.15), *caatinga* (p.16), *jacitara* (p.16), *urucum* (p.17), *sapota* (p.17), *carapanaúba* (p.17), *titara* (p.17), *mandacarus* (p.17).

Frutos: *mandioca* (p.9), *guaraná* (p.22), *açaí* (p.13), *caiena* (p.13), *maracujá-michira*

(p.17), *sapotilha* (p.17).

Fauna: *saúva* (p.9), *jaboti* (p.22), *jucurutu* (p.22, ave), *araras* (p.23), *guaimuns* (p.9), *biguás* (p.10), *biguatingas* (p.10), *anta* (p.11), *suçuarana* (p.11), *tatu-galinha* (p.13), *canauru* (p.13), *piaba* (p.13), *jeju* (p.13), *pium* (p.14), *tatugaira* (p.14), *muriçocas* (p.14), *meruanhas* (p.14), *marigüís* (p.14), *guaxe* (p.15), *cotia* (grafia correta *cutia*), *maparás* (p.17), *camorins* (p.17), *cutiara* (p.17), *taiocas* (p.20), *jacará* (p.106).

Antropônimos: *Maanape* (p.9), *Jiguê* (p.9), *Iriqui* (p.13).

Topônimos: *Pernambuco* (p.22), *Taari* (p.13), *Paraíba* (p.21).

Acidentes geográficos: *Uraricoera* (p.9), *Taari* (p.13), *Araguaya*, *pororoca* (p.52), *Xingu* (p.59), *baía de Guanabara* (p.53).

Utensílios: *igaçabas* (p.22), *urupemas* (p.14), *tipiti* (p.16).

Outros nomes indígenas: *maloca* (p.9), *jirau* (p.9), *cunhatã* (p.9), *chocalho* (p.9), *pajuari* (p.22), *icamiabas* (p.22), *curumim* (p.22), *taba* (p.22), *murua* (p.9, dança dos indígenas), *poracê* (p.9, dança dos índios), *torê* (p.9, flauta feita de taquara), *pajelança* (p.10), *piá* (p.10), *capoeira* (p.12), *maçaroca* (p.13), *maraguiana* (p.13), *tejupar* (p.14), *pacova* (p.14), *Curupira* (p.15), *paçoca* (p.17, prato típico da cozinha brasileira), *sapituca* (p.17), *guri* (p.21), *marupiara* (p.20, pessoa feliz na caça, na pesca ou nos negócios).

Verbos aportuguesados: *sarapantar*, *cutucar* (p.13), *cotucando* (p.17, grafia correta *cutucando*).

A presença de um grande número de palavras e lendas indígenas demonstra o grande conhecimento do autor no que concerne à cultura e vocabulário dos nativos. Apesar de ter escrito seu livro em apenas seis dias, Andrade passou anos coletando informações sobre as lendas e os linguajares brasileiros, uma das mais importantes fontes de pesquisa do autor foi o livro *Vom Roroima zum Orinoco* (Do Roraima ao Orenoco) de Theodor Koch-Grünberg, publicado em cinco volumes, entre 1916 e 1924. Nem sempre é fácil identificar nesta obra quais palavras são de origem indígena, porque Andrade brinca com as palavras, muitas vezes cria neologismos ou escreve em linguagem falada.

O índio Macunaíma representa o povo brasileiro, por isso, possui um caráter particular que engloba um linguajar de Norte a Sul do Brasil. Já no início o autor fala sobre algumas características do personagem principal, a frase “Ai, que preguiça!” aparece várias vezes na obra e é um exemplo de utilização dos sons indígenas já que o som “aique” quer dizer “preguiça” no dialeto indígena, Macunaíma teria assim preguiça dupla. Este livro foi adaptado ao cinema em 1969 por Joaquim Pedro de Andrade.

3.7 Primeira Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil

Através do projeto para a primeira Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil, o país está redescobrimo a sua história e valorizando as línguas e culturas nativas, os filhos da terra são os encarregados de coletar dados acumulados sobre a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil⁶⁶. Todas as informações coletadas são registradas em computador e a enciclopédia fica disponível no site do ISA (Instituto Socioambiental) em Povos Indígenas no Brasil. Sendo assim o projeto visa sistematizar e passar para a forma escrita o conhecimento até agora apenas oral, como se pode observar na seguinte citação:

“O objetivo dos índios é reunir todo conhecimento milenar que, até agora era passado de pai para filho e de boca em boca, em um grande livro. Será a primeira enciclopédia indígena do Brasil escrita pelos próprios índios.” (ibid.)

Segundo o site do ISA a enciclopédia on-line inclui uma centena de verbetes sobre cada povo, acredita-se que esta enciclopédia incluirá 220 etnias. Estes verbetes são sobre os mitos, rituais, costumes, também sobre a organização social, língua, estão presentes também aspectos culturais, políticos e econômicos. O ISA, como informa o próprio site, disponibiliza de um amplo acervo de documentos, imagens e mapas e junto aos seus colaboradores pretende produzir esta enciclopédia que será uma obra de referência sobre a diversidade sociocultural dos índios que vivem espalhados por todo o país.

Segundo uma reportagem feita pelo programa de televisão brasileira Globo Repórter em 2009, cada um dos alunos de uma escola no alto Rio Negro, chamada “escola da floresta” no Amazonas, deve anotar, registrar e descrever detalhadamente o que lhe é ensinado. Os dados coletados são enviados à biblioteca dos Baniwa e lá são

66 Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/0,,MUL1242492-16619,00-CONHECA+REGIAO+DA+AMAZONIA+QUE+ESTA+FORA+DO+MAPA.html> Acesso em: 11 março 2012.

arquivados para serem utilizados na enciclopédia. Esse material é muito importante porque contém escrita a tradição e conhecimento regional de mais de dois mil anos, o que antes era apenas oralmente passado de geração a geração, no futuro também será conhecido por meio dos textos registrados. Essa escola é uma espécie de Universidade dos Baniwa. Os Baniwa é uma das vinte etnias do Rio Negro, destes povos 4.000 indígenas estão no Brasil e 11.000 no Peru.

Os “pesquisadores da floresta” aprendem a viver nela, conhecem os segredos da floresta e dos animais que nela habitam e o melhor que podem extrair dela sem destruí-la. É citado também o exemplo de um estudo prático com abelhas especiais, Juvêncio da Silva Cardoso, o professor dos “pesquisadores”, ensina os alunos que estas abelhas são originárias da Amazônia, segundo ele elas vivem escondidas dentro de buracos, pois não possuem ferrão, mas podem ser usadas para a produção de cera e mel. E depois de mostrar como capturá-las, Silva Cardoso afirma: *“Depois, nós levamos lá para a coleção, para fazer um estudo e colocar no papel. O conhecimento não fica mais solto. Já está registrado”* (ibid.).

Até o momento da reportagem os nativos haviam aberto dez trilhas na floresta para suas pesquisas, o que corresponde a 50 quilômetros, tudo está sendo classificado: plantas, animais e clima. A árvore rípoli, por exemplo, recebeu um número e a descrição da sua função. Usa-se a seiva desta árvore para cicatrizar o cordão umbilical dos recém-nascidos, logo depois de cortado.

Esta enciclopédia busca valorizar a língua e os costumes e documentá-los para que não se percam com o passar dos anos. Além da versão on-line, a Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil também será publicada em forma de livro que se baseará nos textos e informações do site. Fazem parte da equipe que organiza esta enciclopédia os antropólogos: Fany Pantaleoni Ricardo, Carlos Alberto Ricardo, Majoi Gongora, também o estagiário Frederico Viegas de Freitas Silva e a jornalista Tatiane Klein. (ibid.).

4 SÉCULO XX E XXI: EMPRÉSTIMOS ATUAIS DE TERMOS INDÍGENAS AO PORTUGUÊS DO BRASIL: A ETERNA BUSCA PELA BRASILIDADE?

4.1 O papel histórico nos empréstimos modernos e outras razões importantes para sua ocorrência

A história desempenha nos empréstimos dos três últimos séculos um papel diferente do papel que teve durante os três primeiros séculos após o descobrimento do Brasil. Como se puderam verificar os acontecimentos históricos foram determinantes para os primeiros empréstimos, que ocorreram por necessidade ou por prestígio, diferentemente do século XIX ao XXI onde ocorrem ou por uma tentativa de independizar-se dos ideais portugueses devido à Independência do Brasil ou para diferenciar-se das demais nações mundiais.

Sendo assim, não se pode descartar a importância que os fatos históricos têm nos empréstimos atuais, logo após a Independência do Brasil em 1822 iniciou-se a busca de uma “identidade nacional”, de uma “brasilidade”, o território que até então pertencia a Portugal tornou-se independente e queria diferenciar-se da matriz. No século XIX os empréstimos possuíam um caráter de “independização” ideológica.

Este fato tornou-se visível principalmente na literatura, onde os indígenas brasileiros aparecem nas obras dos escritores indigenistas como heróis nacionais, os autores partiram do pressuposto que o herói tinha que ser autêntico, ou seja, não podia nem ser português e nem ser de outra nação européia. Muitos antropônimos ficaram conhecidos devido a esta colaboração literária de alguns escritores como José de Alencar, seus livros tornaram-se clássicos da literatura e muitos dos nomes próprios indígenas que aparecem nas suas obras incorporaram-se aos nomes típicos brasileiros.

Atualmente há no português do Brasil uma forte presença de empréstimos indígenas nos antropônimos, topônimos, lendas, canções, nomes de instituições, produtos, áreas da ciência, entre outros, a maioria destes empréstimos são sobretudo termos indígenas que já foram emprestados em outras ocasiões ao português do Brasil e que por serem de origem indígena vem ganhando destaque.

Uma razão para tais empréstimos parece ser novamente a busca de uma “brasilidade” ou “identidade nacional”, no entanto, no século XXI a tentativa de mostrar diferentes ideais não é tão importante quanto o desejo de distinguir a variedade cultural e racial do Brasil perante outros países. Encontram-se exemplos do uso de empréstimos indígenas em vários setores, como por exemplo, as designações para fósseis na Paleontologia: *Saturnalia tupiniquim*, *Sacisaurus agudoensis*, *Angaturama*, *Tupuxuara*, *Anhanguera* e *Tapejara*.

O Brasil está em um momento de grande crescimento econômico, o brasileiro está se redescobrando e cada vez mais orgulhoso da sua cultura. O índio já foi bastante discriminado e já recebeu muitos adjetivos pejorativos, “preguiçoso”, “bêbado”, “avarento”, como é possível observar em um documentário feito pelo governo federal para as escolas. Porém, a busca pela identidade nas tradições indígenas, especialmente no tupi vem tendo muito destaque. A brasilidade com nomes em tupi está ligada principalmente ao brasileiro moderno, que sente orgulho de ser brasileiro, mas que por muito tempo rejeitou suas raízes indígenas.

Talvez esta “identidade” brasileira que busca suas raízes nas culturas e nomes indígenas, contribua para melhorar ainda mais a imagem das populações indígenas perante o restante da população brasileira atual.

4.2 Antropônimos de origem Tupi e Guarani e outras línguas indígenas

O português do Brasil ainda apresenta muitos antropônimos de origem indígena. Os nomes indígenas possuem um significado marcante, muitos deles estão associados à mitologia indígena ou tornaram-se nomes indígenas brasileiros clássicos devido a escritores que os imortalizaram.

Antropônimos indígenas eram concedidos aos descendentes reais na Bahia nos títulos que, Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque descendente de Caramuru recebeu o título de Barão de Pirajá, título concedido por D. Pedro I do Brasil em 1826, o Barão de Pirajá desempenhou importante papel durante a guerra de Independência do Brasil, seu filho José Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque recebeu o título de segundo visconde de Pirajá. Seu filho Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque recebeu o título de Barão de Jaguaripe e foi governador da Bahia.

Na literatura nas obras de José de Alencar aparecem nomes próprios que acabaram tornando-se nomes brasileiros comuns atualmente como *Acemira* um nome próprio formado pela transposição das letras do nome *Iracema* que aparece em uma obra de José de Alencar. Nessa obra também aparecem outros nomes próprios como *Moacir*, o filho de Iracema e Martim, nome indígena que significa “aquele que faz sofrer”. O narrador menciona o significado deste nome indiretamente no livro “- *Tu és Moacir, o nascido de meu sofrimento [...] Tua mãe também, filho de minha angústia, não beberá em teus lábios o mel de teu sorriso.*” (Alencar, 2002, p.77).

O nome indígena *Poti*, um herói indígena dos pitiguaras, significa um crustáceo, também chamado de “camarão de água doce”, além de ser o nome de um rio que percorre os estados do Ceará e Piauí. Outros personagens são *Araquém*, pai de Iracema, palavra de origem tupi e significa “pássaro que dorme”, *Caubi*, irmão de Iracema, este termo do tupi é uma variação de *Caiubi*, cujo significado é “folhas azuis”, *Irapuã*, chefe dos tabajaras e apaixonado por Iracema seu nome significa “colméia”, *Jacaúna*, irmão de Poti e chefe dos pitiguaras, *Jacaúna* significa “indivíduo de peito preto”. O nome *Cauã* aparece no romance *Iracema* e em *O Guarani*, este termo também é um antropônimo brasileiro para o sexo masculino, porém não aparece no livro com o sentido de antropônimo, mas sim, com o seu significado original, o de pássaro, cujo canto o povo considera como um mau agouro e anunciador de chuvas, esse substantivo origina-se do tupi *waka'wã* e: “*A cauã piou, além, na estrema do vale.*” (ibid., 19). Outros exemplos de antropônimos no livro são: *Jaci* ou *Jacy* que significa “lua” ou “mãe de todos os frutos” e o nome próprio *Jurema* que significa “planta com espinhos”.

No livro *Ubirajara* aparecem outros antropônimos conhecidos como *Ubirajara* que significa “senhor da lança ou senhor da floresta”. A palavra *Ubiratã* também aparece neste romance, ela é um antropônimo masculino e significa “madeira dura” de *ubira* – madeira, e *atan* – duro (ibid., p.124). O nome próprio *Jandyra*, possui outras formas de escrita, a saber: *Jandir*, *Jandira*, *Jandyr*, estes nomes possuem a mesma origem e significam “mel da abelha ou produtora de mel”, *Jandayra* é o nome de uma abelha, cujo mel é excelente, essa palavra é a contração de *Jemonhaira*, ou seja, aquela que fabrica o mel. O narrador escreve: “*Mas Jandira fará como sua irmã, a abelha, ela fabricará em seus lábios, os favos mais doces para seu guerreiro; suas palavras serão os fios de mel que ela derramará na alma do espôso.*” (ibid.,

p.35) *Araci* ou *Aracy* é no romance uma das esposas de *Ubirajara* e significa “mãe do dia”, “a aurora” ou ainda “mãe dos pássaros” e “progenitora do mel”. *Araciara* outro nome indígena derivado de *Araci*, significa “ave que se alimenta do mel”. *Pirajá* traduz-se como o “lugar onde se coloca os peixes para serem tratados”. *Jurandir* significa em Português “aquele que é trazido pela luz do céu”.

No romance *O Guarani* também aparecem nomes próprios emprestados ao português do Brasil, por exemplo, *Peri*, cujo significado é “esteira de junco” mas também “planta lisa, delgada e flexível”, *Ceci* é ao lado de *Peri* a protagonista do romance, seu nome é na realidade “Cecília”, mas *Peri* a chama de *Ceci*, nome indígena cujo significado é “mãe do pranto” ou “doer, magoar” seu nome é citado pelo narrador em um diálogo entre *Peri* e *Cecília*. Ela quer saber porque *Peri* a chama assim, *Peri* responde: “[...] é o nome que *Peri* tem dentro da alma” no entanto, *Cecília* quer saber o significado: “- Meu pai, digei-me o que significa *Ceci* nessa língua selvagem que falais.” “- *Ceci*?... disse o fidalgo procurando lembrar-se. Sim! É um verbo que significa doer, magoar.” (ibid., p.85) *Ararê* é um outro personagem desse livro, pode ser traduzida como “amigo dos papagaios”.

lara ou *Uiara* nome utilizado para o sexo feminino que origina-se do Tupi. *lara* é uma entidade que faz parte do folclore brasileiro. Quanto ao seu significado pode-se dizer o seguinte: *y*, significa “água”; e *uara*, significa “ser”, “senhora”; dessa forma o nome *lara* significa “senhora das águas” ou “mãe-d'água ou progenitora da água”. Há uma lenda indígena relacionada a esse nome, nela *lara* ou *Uiara* é uma jovem de beleza rara, metade mulher e metade peixe, em outras palavras uma “sereia” ou “mulher-peixe” (Buggenhagen, 1951, p.153). A lenda apresenta *Uiara* como sendo inimiga dos seres humanos, porque utiliza sua beleza para atrair guerreiros, caçadores e pescadores para o fundo dos rios e lagos da Amazônia, lugar onde habita. De forma semelhante como faziam as ninfas das Odisséias conhecidas. Quem a visse não conseguia desviar o olhar, além disso, seu canto era hipnotizador.⁶⁷ Segundo a lenda muitos foram as vítimas desta sereia com canto enfeitiçador, uma delas foi um corajoso jovem de uma tribo indígena. Esse jovem era conhecido por sua coragem e resistência. Quando encontrou *lara* pela primeira vez, não cedeu aos seus encantos, pois conhecia a lenda e os poderes de sedução desta mulher, no entanto, não

67 “Die *Uiara* steht dem Menschen feindlich gegenüber. Blickt ein Mensch in die Flut des Amazonas, um sich zu spiegeln, so sagen die Caboclos, dass die *Uiara* ihn mit freundlicher, aber zugleich perfider Einladung in die Tiefe hinab ziehen wolle.” Ibid., p.153.

conseguiu esquecê-la, seus olhos e seu canto o haviam enfeitado. Numa tarde cheio de melancolia e saudades o jovem deixou sua aldeia e foi ao encontro de Iara, conta a lenda que ele nunca mais retornou para sua aldeia⁶⁸. Mais alguns exemplos de antropônimos da literatura é o nome *Capitu* que aparece no livro *Dom Casmurro* de Machado de Assis, e é o nome dado a uma planta da flora brasileira.

Outros exemplos antropônimos indígenas para o sexo feminino conhecidos no português do Brasil são os seguintes: *Jacira* ou *Jacyra*, cujo significado é a “abelha da lua”, palavra formada por *Jaci* que significa “lua” e *ra* “abelha”, *Janaína* um nome próprio comum no Brasil e significa “Rainha do mar”, *Juçara* ou *Jussara*, o nome vem de uma palmeira de onde se extrai o palmito. *Maíra*, *Mayra* significa “mulher estrangeira”, ou seja, a mulher de pele branca que difere dos indígenas. *Maiara*, *Mayara* significa “a bisavó”.

Em uma lista⁶⁹ com 738 nomes próprios, apelidos e sobrenomes de futebolista da Seleção Brasileira de Futebol publicada na Wikipédia, 16 são de origem indígena, sendo que muitos deles não são seus primeiros nomes e sim topônimos das regiões ou cidades de onde eles vêm. Apesar da sua grande importância no Brasil, o futebol não apresenta muitos jogadores, cujos nomes são de origem indígena, pelo que se percebe através dos dados dessa lista, isto significa que a escolha de nomes próprios indígenas não é muito comum entre os brasileiros. Alguns nomes indígenas de jogadores e seus significados são: Almir Pernambuquinho, seu nome verdadeiro era Almir Moraes de Albuquerque, seu apelido é derivado da palavra indígena Pernambuco, nasceu na cidade de Recife. Antônio Augusto Ribeiro Reis Júnior chamado de Juninho Pernambucano. Dudu Cearense, cujo nome verdadeiro é Alexandre Silva de Sousa, nascido em Fortaleza, recebe também o apelido do topônimo indígena da sua terra natal, o Ceará. Ji-Paraná é mais um exemplo de jogador com apelido de acordo com seu lugar de proveniência, neste caso, Júnior Felício Marques, nasceu em Ji-Paraná uma cidade no estado de Roraima. Marcelo Pereira Surcin é chamado de Marcelinho Carioca, este é o nome como são conhecidas as pessoas provenientes do Rio de Janeiro, carioca também é um nome

68 Aldeia Numaboa, *Nomes e Expressões indígenas*. Disponível em: <http://www.numaboa.com/glossarios/indigenas> Acesso em: 17 junho 2011.

69 Wikipédia, *Jogadores da Seleção Brasileira de Futebol*. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Jogadores_da_Sele%C3%A7%C3%A3o_Brasileira_de_Futebol Acesso em: 18 fevereiro 2012.

indígena. Ademir de Barros é conhecido como Paraná, ou seja, um nome indígena porque sua cidade natal é Cambará no Paraná.

Outro jogador, cujo prenome é indígena é Arakén Patusca de Araquém (pássaro que dorme), Aymoré Moreira possui o prenome de origem tupi, Aymoré ou Aimoré significa “aquele que morde”. Augilmar Silva Oliveira era também chamado de Gilmar Popoca, o último nome parece ser indígena popocar é uma variação do nome tupi pi’poka que significa “estalando na pele”. O prenome do jogador Ipojucã Lins de Araújo é sem sombra de dúvidas indígena e significa “pântano”. Juary Jorge dos Santos Filho foi outro importante futebolista brasileiro que se destacou nos anos 70/80, seu primeiro nome parece indígena, o site Significados Dos Nomes informa que o nome Juary venha do nome indígena Juacy (Juaci) e Joacy (Joaci), cujo significado é “pessoa com sede”⁷⁰. Jurandir de Freitas, o nome deste jogador também possui origem indígena, vem do tupi e significa “trazido pela luz do céu”. O nome indígena Moacir é o que mais aparece entre os jogadores, são três: Moacir Barbosa Nascimento, Moacir Rodrigues dos Santos e Moacir Siqueira de Queirós, este nome significa como já foi mencionado em capítulo anterior “aquele que faz sofrer”. Moacir é muito popular, há também com esse nome um autor gaúcho muito conhecido, Moacir Scliar. Roberto Wagner Chinoca, outro futebolista da Seleção é mais um exemplo de nome indígena, mas neste caso, o sobrenome Chinoca, origina-se provavelmente do quíchua e é o diminutivo da palavra china.

Alguns exemplos de sobrenomes extraídos de uma lista⁷¹ apresentada no site Wikipédia e diferentes dos citados em capítulo anterior deste trabalho são: *Acatauaçu*, *Araripe* (um exemplo foi Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1919), importante crítico literário e escritor brasileiro), *Bocaiúva*, *Butantã*, *Cairu*, *Cambaúva*, *Capanema*, *Capiperibe*, *Cayubi*, *Cotegipe*, *Guará*, *Guarabira*, *Guaraná*, *Imbassaí*, *Ipanema*, *Ipiranga*, *Jaguaribe*, *Jaguariúna*, *Juruna*, *Jucá* (Cândido Jucá Filho, importante crítico literário brasileiro) *Maranhão*, *Oiticica*, *Paiacã*, *Parahyba*, *Paranaguá*, *Pari*, *Peroba*, *Piragibe*, *Pirajá*, *Pirassununga*, *Piratininga*, *Pitanguí*, *Suaçuna* (houve uma conspiração assim denominada “Conspiração dos Suaçunas”

70 Significado dos nomes. Disponível em: <http://www.significado.origem.nom.br/nomes/?q=Juary> Acesso em: 18 março 2012. Este site foi usado como fonte de pesquisa para indentificar a origem e significados da maioria dos nomes indígenas apresentados neste capítulo.

71 Wikipédia, Lista de nomes brasileiros de origem indígena. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_nomes_brasileiros_de_origem_ind%C3%ADgena Acesso em: 20 fevereiro 2012.

em 1801, este movimento faz parte dos Movimentos Emancipacionistas ocorridos entre fim do século XVIII e início do século XIX no Brasil) *Sucupira, Tabalipa, Taperebá*. Estes sobrenomes são nomes de árvores e frutos, fauna, caciques, topônimos, tribos indígenas, etc. Alguns sobrenomes indígenas também se conservaram até os dias atuais em outros países como o Uruguai, alguns exemplos são: *Tapari, Samandú, Arapí, Tacuaratí, Bacarí, Barité, Cumbay, Viraqué, Carapé e Manduré* (Venturini, 2009, p.75).

Desta forma observa-se que os nomes indígenas continuam presentes na cultura brasileira dos tempos modernos seja nos nomes próprios, sobrenomes ou apelidos, apesar de passados muitos séculos da colonização do país.

4.3 Topônimos de origem Tupi e Guarani e outras línguas indígenas

Atualmente existe no Brasil uma quantidade muito grande de nomes de cidades, estados, rios, regiões provenientes de línguas indígenas, principalmente da família das línguas Tupi-Guarani. A tendência de dar nomes indígenas aos lugares parece nunca ter diminuído, os topônimos indígenas emprestados no século XIX ao XXI demonstram este fato.

Após a independência do Brasil em 1822 houve um grande desejo de diferenciar-se de Portugal e por isso, o Tupi teve uma forte presença na toponímia do século XIX. No século XX quando se começou a modernizar e colonizar algumas regiões, como o oeste de São Paulo, Paraná e Mato-Grosso, surgiram outros empréstimos indígenas, dessa vez motivados por um “modismo”. Os responsáveis por esses nomes indígenas eram engenheiros, fazendeiros e topógrafos, cujo objetivo principal era construir estradas de ferro, fazer loteamentos e expandir áreas para o cultivo e pastagens. Algumas cidades dessa época foram: Ibirá, Nhandeara, Potirendaba, Tangará do Serra, Toriba, etc.⁷²

Ricardo Tupiniquim Ramos em sua Dissertação de Mestrado com título *Nomes próprios de origem Tupi no Brasil do século XIX* conclui que 80% das lexias de origem Tupi estudadas no seu trabalho, ou seja, 400 lexias - que incluem textos literários e jornalísticos brasileiros do século XIX- são topônimos, desta forma, é

⁷² Navarro, Eduardo de Almeida. *Os estudos de Tupi Antigo e a crítica estruturalista*. Disponível em: stoa.usp.br/vanianv/files/-1/4775/disciplina+tupi+I.doc Acesso em: 30 junho 2012.

possível perceber a forte presença dos topônimos indígenas no país.⁷³

No que concerne aos municípios Ricardo Tupiniquim Ramos explica que dos 2021 municípios que aparecem listados no guia de roteiros turísticos do Brasil, editado em 1995 pela Folha de São Paulo, 830, isto é, 41,06% são de origem tupi, isso representa, portanto a segunda maior fonte da toponímia do Brasil, sendo a primeira a língua portuguesa.⁷⁴

Nos últimos séculos tem se recorrido a nomes indígenas para batizar as cidades, às vezes, por escolha dos próprios eruditos, um exemplo é a palavra *Umuarama*, cujo significado é segundo Silveira Bueno “lugar ensolarado para encontro de amigos”, esta palavra foi inventada pelo próprio Silveira Bueno, um escritor, jornalista e lexicista brasileiro, ele a inventou em 1927 para ser o nome de uma colônia de férias do Instituto Presbiteriano Mackenzie.⁷⁵ Mais tarde adotou-se este nome para uma cidade fundada no Paraná, seu lema é “Capital da Amizade”. E quanto à etimologia da palavra ela é do tupi formada pela aglutinação de *embu* (lugar), *ara* (dia, luz, clara) e *ama* (sufixo que indica coletividade). Um escritor pode influenciar de tal forma através de sua obra que topônimos surjam a partir daí, é o caso de José de Alencar e o nome *Iracema*, que é atualmente um topônimo para cidades, praias e outros lugares.

No século XIX quando a república foi proclamada as províncias pertencentes ao império tornaram-se estados. Algumas destas províncias surgiram no século XIX, como é o caso do Acre.

O *Acre* localiza-se na Região Norte do país. A ocupação do estado iniciou-se em 1852 por colonos nordestinos, estes colonos iam em busca de borracha na Floresta Amazônica, nesta época a região pertencia à Bolívia, após confrontos entre bolivianos e brasileiros, houve a assinatura de um tratado entre Bolívia e Brasil, em 1903 o território foi anexado ao Brasil. Considerando sua etimologia a palavra pode ter vindo do Tupi *a'kir ũ* que significa “rio verde” ou de *a'kir*, de *ker*, “dormir, sossegar”. Além disso, há a hipótese de Aquiri derivar de Yasi'ri, Ysi'ri, cujo

73 Tupiniquim Ramos, Ricardo, *Toponímia paranaense de origem Tupi*, UFBA/UNEB. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_10.htm Acesso em: 20 novembro de 2011.

74 Tupiniquim Ramos, Ricardo, *Toponímia paranaense de origem Tupi*, UFBA/UNEB. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_10.htm Acesso em: 20 novembro de 2011.

75 *Umuarama*, A Cidade. Disponível em: http://www.umuarama.pr.gov.br/institucional/a_cidade/1 Acesso em: 20 novembro de 2011.

significado é “água corrente, veloz”. Há ainda uma outra hipótese de que seja a deformação da palavra *Akiry* ou *Aquiri*, modo pelo qual os exploradores da região grafaram *Umákürü*, *Uakiry*, cujo significado etimológico é “rio verde”, essa palavra é do dialeto *Apurinã*, pertencente a família Aruaque, essa tribo indígena habitava o vale do rio Purus. O nome desse estado pode ter sido fruto de um engano, o conquistador João Gabriel de Carvalho Melo em 1878 fez um pedido de mercadorias por escrito para o visconde de Santo Elias, um comerciante do Pará, indicando o lugar de entrega como “boca do rio Aquiri”, o comerciante não entendendo a letra de Carvalho Melo, deduziu que estava escrito, *Acri* ou *Aqri*, ao invés de Aquiri, sendo assim, enviou as mercadorias para o “rio Acre”.⁷⁶

O estado do *Tocantins*, também possui um nome indígena, seu nome origina-se de uma tribo indígena que habitava a região da foz do rio Tocantins. Seu significado é “bico de tucano”. Tornou-se um estado brasileiro depois que foi aprovado pela Constituição de 1988, em que dividiu-se Goiás em duas partes, no entanto, já muito antes houve tentativas de formar uma unidade autônoma, João Teotônio Segurado, proclamou em 1821 um governo autônomo, mas foi reprimido. Outra tentativa foi em 1970, onde a proposta de um novo estado foi levada ao Congresso, mas rechaçada pelo então presidente da República, José Sarney. Traz no seu brasão o lema em língua tupi: *Co yvy ore retama*, que significa “esta terra é nossa”.⁷⁷

O nome *Roraima* também é um termo de origem indígena, da língua indígena lanomámi, a palavra é formada por *roro* (verde) e *imã* que significa serra, monte, sendo assim seu significado é “serra verde”, este termo refere-se ao tipo característico da paisagem da região. O artigo 14 da Constituição Brasileira de 1988 transformou o antigo território de Rio Branco no atual estado de Roraima, o período entre 5 de outubro de 1988 a 31 de dezembro de 1990 ocorreu a transição de Território para Estado. Atualmente o estado de Roraima possui uma das maiores reservas indígenas do Brasil, sua extensão é maior que o estado do Rio de Janeiro, esta reserva pertence aos índios Yanomâmis, esta região é rica em ouro, pedras preciosas e minério o que gera muitos conflitos entre garimpeiros e índios, uma

⁷⁶ Cidades, *Acre - História*. Disponível em: <http://www.cidades.in/acre-historia> Acesso em: 16 junho 2011. Com Texto Livre, *Os nomes dos Estados brasileiros*. Disponível em: http://contextolivre.blogspot.co.at/2011_05_09_archive.html Acesso: 20 junho 2011.

⁷⁷ Governo do Tocantins. *História*. Disponível em: <http://to.gov.br/tocantins/historia/10> Acesso em: 20 junho 2012.

segunda reserva Yanomámi está localizada no estado do Amazonas.⁷⁸

As capitais dos estados brasileiros que possuem nomes indígenas são sete: *Manaus, Aracaju, Macapá, Maceió, Cuiabá, Curitiba e Goiânia.*

4.4 Nomes de instituições, artistas brasileiros, personagens humorísticos e entretenimento no Brasil

Nos últimos séculos é comum batizar com nomes indígenas marcas de produtos, nomes de instituições, bancos, supermercados, estabelecimentos comerciais, parques de diversões, até mesmo atores e apresentadores recorrem a nomes artísticos indígenas. Aqui cita-se apenas alguns exemplos conhecidos, há porém, muitos outros que muitas vezes se restringem a regiões, municípios ou bairros.

O nome do Banco Itaú tem procedência do Tupi Antigo, seu significado é “pedra preta” sendo que *itá* significa “pedra” e *un* significa preto. Este banco é muito importante para a economia brasileira atual, ele é o segundo maior banco da América Latina e do hemisfério sul.⁷⁹

Tupã é o nome de um Parque de Diversão no Brasil, mas também é um topônimo em português, há uma cidade no Estado de São Paulo com este nome. O Parque de Diversão Tupã é um exemplo no setor de entretenimento, este parque começou como uma instituição familiar há 31 anos e atualmente é um dos maiores parques itinerantes do sul do Brasil⁸⁰. Quanto à origem do nome Tupã, há controvérsias, para o Padre Montoya, autor da primeira gramática guarani, a palavra Tupã é um nome indígena, onde *tu* significa “admiração” e *pan*-usa-se para fazer uma pergunta. No dicionário *Guarani-Português* a palavra *Tupá* significa “raio”, “trovão”, “senhor do trovão” (Tibiriçá, 1989, 170). Acredita-se que os homens “primitivos” divinizavam as forças da natureza, para Montoya os tupis viam-se como descendentes ou protegidos de Tupá. No livro *Iracema* de José de Alencar o deus Tupã aparece com este significado: “- *O hóspede é amigo de Tupã: quem ofender o estrangeiro, ouvirá rugir o trovão.*” e também ao referir-se ao poder de Tupã: “- *Ouve seu trovão e treme*

78 Fonte: Kitzinger Dannemann Fernando, *Estados brasileiros – Região Norte: origem dos nomes* 10/06/2007. Disponível em: <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=521436> Acesso em: 07 junho 2011.

79 O Banco Itaú foi fundado por Alfredo Egydio de Sousa Aranha Setúbal em São Paulo em 1943, chamava-se na época Banco Central de Crédito e começou a operar no início do ano de 1944, em 1945 abriu definitivamente as suas portas. Atualmente está presente em muitos países como Argentina, Chile, Uruguai, Portugal, Inglaterra, Estados Unidos, Japão e China. Fonte: Banco Itaú. Disponível em: <http://www.itaubr.com.br> Acesso em: 15 maio 2011.

em teu seio, guerreiro, como a terra em sua profundidade.” Neste livro Tupã aparece como o senhor do trovão “O senhor do trovão é por ti; [...]”⁸¹ O nome Tupã era usado na teogonia dos povos indígenas catequizados para designar Deus, os catequistas utilizaram-no para traduzir a língua vernácula o nome cristão do Deus supremo e único. Alguns estudiosos, entre eles o conhecido linguista Mattoso Câmara Jr. afirmam que Tupã Nandejára é um nome criado pelos jesuítas para implantar a ideia de uma divindade máxima e para adaptar toda a semântica da língua à visão cômica ocidental e cujo significado é Deus nosso criador.⁸² Como se pode observar na seguinte citação:

“[...] toda a semântica da língua se adaptou à visão cósmica ocidental, dando-se uma transformação geral no quadro das significações da língua TUPI (um exemplo muito expressivo é o emprego de tupã para a idéia cristã de “Deus”).” (Mattoso Câmara, 1977, p.104-105)

Couto Magalhães e Cardim, estudiosos da mitologia tupi e guarani afirmam que os índios não tinham a concepção de um Deus único, mas sim, possuíam muitos seres da floresta a quem respeitavam e temiam.

Em uma troca de correspondência eletrônica com Jerusa Mayer a proprietária do Parque Tupã sobre o porquê do nome Tupã para a instituição ela responde que já comprou a instituição com este nome, mas por ser descendente de indígenas ela optou por não trocá-lo:

“Quando compramos o Parque a 36 anos atrás ele já tinha este nome Parque Tupã! E existia até pouco tempo Parque Tupy que nós acabamos comprando e hoje passou a ser Tupã também só que é uma outra Unidade...Mas em nossa família temos muitos nomes indígenas talvez porque meu avô materno era descendente de Bugres, o nome da minha Mãe por exemplo é Índia Guaraci Mayer e meu Tiú Índio Aimoré Araujo...Não temos nenhum tipo de crença ligada ao nome do Parque ou seja não é nada místico apenas mantivemos o nome e por consequência nosso mascote é um indiozinho! Mas confesso que eu admiro muito a cultura indígena e na minha juventude usava brincos de penas e outros acessórios influenciada pela beleza e mistério que eles transmitem mas isso não tem nada haver com a empresa em si”⁸³

No final de 1997 a divisão brasileira da Coca-Cola lançou no Brasil uma marca de refrigerante a base de guaraná chamada *Kuat*, da qual já existem outras duas versões *Kuat Eko* (com chá-verde) e *Kuat Zero*. De acordo com o site oficial da Cola-Cola no Brasil *Kuat* é uma palavra de origem indígena, cujo significa é “irmão

80 Parque Tupã. Disponível em: <http://www.parktupa.com.br> Acesso em: 15 maio 2011.

81 Em outras partes do livro também aparece Tupã como deus do trovão: “Nesse instante, como se o deus do trovão ouvisse as palavras de sua virgem, o antro mudo em princípio, retroou surdamente”. Alencar, 2002, p.34, 35, 41.

82 Isabelino Galiano confirma esta afirmação no livro *O Índio nas Missões: Antes, Durante e Depois dos Jesuítas*: “Fundamentalmente, o Guarani se guiava por seu Deus “Tupã” que, por sua vez, por uma liderança extraordinária dos jesuítas, aproveitaram e o converteram em Tupã Nandejára, quer dizer Deus nosso criador “dueno”. Esta forma de Deus Tupã era considerada muito curiosamente o criador de tudo e estava em tudo quanto existia.” (Galiano in Venturini 2009, p.20-21; Elia, 1992, p. 24).

83 Mayer, Jerusa, *Pergunta sobre o nome da instituição*. Mensagem recebida por e-mail em 18 abril 2012.

gêmeo da lua”. O site também informa que a marca promove a cultura folclórica do Brasil ao patrocinar o Festival de Parintins.

“Kuat é uma palavra tupi-guarani que significa “irmão gêmeo da lua”, um nome bem apropriado para um refrigerante que contém guaraná produzido na região amazônica.”⁸⁴

A *Cooperativa Piá* fundada em 1967 em Nova Petrópolis no Rio Grande do Sul, uma das líderes em produtos lácteos da região sul do Brasil, também possui um nome de origem guarani *Piá*, esta é uma palavra comumente usada para menino, garoto, filho, etc. O nome da marca aparece a imagem de um menino o que reafirma a origem do seu nome. Esta palavra tem outros significados em guarani órgão interno, coração, entranhas, piá significa também desviar-se do caminho (Tupi: id.) (Tibiricá, 1989, p.142).⁸⁵

Há uma empresa pernambucana chamada desde 1948 de *Engarrafamento Pitú*, foi fundada originalmente em 1938 em Vitória do Santo Antão, ao princípio fabricava vinagres e bebidas, atualmente é conhecida internacionalmente pela produção de aguardente. A palavra *Pitú* é de origem tupi, o *Dicionário Aurélio* descreve-a da seguinte maneira:

“pitu. [Do tupi pi'tu, casca escura]” S. m. Bras. Designação comum às espécies de camarões da família dos palemonídeos, especialmente *Macrobrachium carcinus* (Linnaeus), de água doce, de coloração esbranquiçada (exceto o cefalotórax e os quatro pares de patas posteriores, que são pardo-escuros), rostro serrilhado, com 14 e 16 dentes, o abdome grosso e do mesmo comprimento do cefalotórax. [...] [Sin: camarão-d'água-doce.] 2. V. camarão-castanho. (Ferreira, 1986, p.1342)

Segundo o site da empresa há duas explicações para o nome, a primeira refere-se ao nome do Engenho Pitú, propriedade da família em Vitória do Santo Antão, lá havia muitos camarões de água-doce, os chamados pitús, estes animais eram usados como tiragosto no engenho durante as reuniões organizadas para beber aguardente. Segundo a segunda versão o nome pode ter se originado da cana-pitú, esta é um tipo de cana-de-açúcar dos engenhos da mata norte.⁸⁶ Quando perguntado sobre:

“[...] Informamos ainda que, a palavra PITÚ lida em nossos rótulos, propagandas, etc., é acentuada por tratar-se de uma marca registrada e, assim sendo, é considerada nome próprio. Sabemos que vocábulos oxítonos, isto é, as palavras cuja sílaba tônica é a última, só são acentuadas quando terminam em -a, -e, -o, seguidos ou não de -s. No entanto, para salvaguardar direitos individuais, quando do registro de uma marca, a empresa pode grafar o nome de sua marca/ firma como quer que esta se afigure e seja lembrada, tendo a licença da

84 Site Coca-Cola. Disponível em: <http://www.cocacolabrazil.com.br/conteudos.asp?item=3&secao=36&conteudo=98>
Acesso em: 03 maio 2011.

85 Cooperativa Piá. Disponível em: <http://www.pia.com.br/> Acesso em: 04 maio 2011.

86 Engarrafamentos Pitú. Disponível em: <http://www.pitu.com.br/sobre-a-pitu> Acesso em: 04 maio 2011.

Os *Supermercados Guanabara* foram fundados por portugueses no Rio de Janeiro em 1950, no início o estabelecimento era apenas uma pequena mercearia hoje em dia é uma grande rede de supermercados espalhada por todo o Brasil, a palavra *Guanabara* é de origem tupi, provavelmente a rede de supermercados tenha sido assim batizada assim devido a Baía de Guanabara localizada no Rio de Janeiro, os povos indígenas chamavam-na de *Iguaá-Mbara* (*iguaá* que significa enseada do rio e *mbará* que significa em Tupi “mar”) ou então *guana* (“seio”) *bara* (“mar”), “mar do seio”, fazendo referência a sua forma arredondada e à abundância de pesca que proporcionava. Desta forma o próprio nome Baía de Guanabara é um topônimo emprestado ao português brasileiro.⁸⁸

O *Grupo Ipiranga* é uma das maiores e mais importantes distribuidoras de combustível do Brasil.⁸⁹ O significado deste vocábulo de origem tupi é “rio vermelho”, é um termo composto de duas palavras *y*, cujo significado é “água”, “rio”, “riacho” e *piranga* que significa “vermelho”, “pardo”, “barrento”. Aryon Rodrigues escreve ao exemplificar os nomes compostos de palavras emprestadas ao português: “*y-piranga-a*: rio vermelho (cf. Ipiranga, ES, SP).” (Rodrigues, 1994, p.22).

Este nome tem uma importância histórica para o país, no dia 7 de setembro de 1822, D. Pedro II proclamou nas margens do riacho Ipiranga a Independência do Brasil (atualmente cidade de São Paulo), este acontecimento chamou-se o “Grito do Ipiranga”, a palavra Ipiranga aparece na letra do Hino Nacional Brasileiro escrita por Joaquim Osório Duque Estrada (1870 - 1927) com música de Francisco Manuel da Silva (1795 - 1865):

“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas /De um povo heróico o brado retumbante,/E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,/Brilhou no céu da Pátria nesse instante.” (Alencar, 2002, p.89)

Além disso, Ipiranga é um nome de localidade nos seguintes estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, onde também é um nome de bairro e um rio, no Rio Grande do Sul há uma praia no município de Imbé (nome de origem tupi e guarani) que se chama Ipiranga, no Espírito Santo há uma praia, cujo nome é Pontal

87 Sousa, Edna, Pergunta sobre o nome da instituição. Mensagem recebida por e-mail em 18 abril 2012.

88 Supermercados Guanabara Disponível em: <http://www.supermercadosguanabara.com.br/historia.php?area=tradicao>
Acesso em: 04 maio 2011; Wikipédia, Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ba%C3%ADa_de_Guanabara Acesso em:
04 maio 2011.

do Ipiranga. Também há muitos clubes esportivos que incluem o nome Ipiranga, por exemplo, Ipiranga de Aliança Esporte Clube em Tocantins, Ipiranga Futebol Clube em Minas Gerais, Ipiranga Futebol Clube em Pernambuco.

Outra marca brasileira conhecida e com um nome indígena é a *Paquetá*⁹⁰ que foi fundada em 1945, em Sapiranga, no Rio Grande do Sul. Paquetá é uma Ilha na Bahia da Guanabara. Este nome é composto por duas palavras de origem tupi *paca*, o animal, e *etá* que é um sufixo que indica plural.

A *Indústria de Calçados Grendene* lançou em 2001 a marca de sandálias Ipanema. Segundo o site da empresa seu nome remete a uma das praias mais famosas do Brasil, a praia de Ipanema no Rio de Janeiro.⁹¹ *Ipanema* também é um nome de origem tupi, cujo significado é “água ruim”, composta pelas palavras *y* (água, rio) e *panema* (ruim), provavelmente este era um lugar onde não havia peixes para pescar, por isso os indígenas assim a chamaram.

A *Usina Hidrelétrica binacional de Itaipu* está localizada no Rio Paraná entre o Brasil e o Uruguai, sua construção data de 1975 a 1982, é atualmente uma das maiores geradoras de energia hidrelétrica do mundo, inclui uma área de 1350 km² que vai do Brasil até o Paraguai, sua potência é de 14.000 MW.⁹² O nome *Itaipu* significa em tupi: “pedra que canta”, vem das palavras *ita* (pedra) e *ipu* (cantar, roncar...). Como afirma a Assessoria de Comunicação da empresa:

“A palavra Itaipu origina-se do tupi-guarani e significa "a pedra que canta".

Já, a escolha do nome Itaipu ocorreu em razão do local (ilha de Itaipu), onde foi construída a Usina.”⁹³

O *Palácio do Itamaraty* de Brasília foi inaugurado em 1970 recebeu primeiro o nome de Palácio dos Arcos e foi sozinho a sede do Ministério das Relações Exteriores (MRE) por alguns anos, mais tarde passaram a fazer parte deste Ministério o Anexo I e II. *Itamaraty* é um nome emprestado do tupi, cujo significado é “pedra rosa” de *ita* (pedra) e *maraty* (rosa), fazendo referência à fachada cor de rosa do prédio no Rio de Janeiro.

89 Postos Ipiranga. Disponível em: <http://www.ipiranga.com.br> Acesso em: 04 maio 2011.

90 Lojas Paquetá. Disponível em: <http://www.paqueta.com.br/2010/Institucional.asp> Acesso em: 06 maio 2011.

91 Gisele Bündchen, renomada modelo brasileira, faz campanha publicitária para estes chinelos. Grendene. Disponível em: <http://www.grendene.com.br/www/company/brands.aspx?language=0> Acesso em: 15 maio 2011.

92 Itaipu Binacional. Disponível em: <http://www.itaipu.gov.br/energia/geracao> Acesso em: 15 maio 2011.

93 Divisão de Imagem Institucional – CSII- GB Assessoria de Comunicação Social ME – (Brasil) ITAIPU Binacional, *Pergunta sobre o nome da instituição*. Mensagem recebida por e-mail em 19 abril 2012.

Há palavras indígenas que são conhecidas mundialmente, um exemplo, é a palavra *açaí*, esta é a designação para uma fruta de cor roxa, que cresce em cacho numa determinada palmeira chamada de açazeiro, seu nome científico é *euterpe oleracea*, mas também é conhecida pelo nome de juçara, o *açaí* é típico da região amazônica. (Buggenhagen, 1951, p.78) Nilson Chaves um cantor e compositor paraense fala na sua música *Sabor do Açaí* sobre esta fruta adorada pelos paraenses, ele descreve-a como uma benção entre aqueles que não têm nada para comer, sabe-se que o Pará é um estado brasileiro onde há muita pobreza: *“E tua fruta vai rolando/ Para os nossos alguidares/ Tu te entregas ao sacrifício/ Fruta santa, fruta mártir/ Tens o dom de seres muito/ Onde muitos não têm nada/ Uns te chamam açazeiro/ Outros te chamam juçara...”*⁹⁴

Esta fruta já era consumida pelos povos indígenas antes da colonização europeia e atualmente ainda integra a culinária brasileira, da fruta são feitos: sucos, pirões, doces, geleias, sorvetes, entre outros. Chaves fala ainda o seguinte sobre as utilidades do *açaí*: *“Põe tapioca/ Põe farinha d’água/ Põe açúcar/ Não põe nada/ Ou me bebe como um suco/ Que eu sou muito mais que um fruto/ Sou sabor marajoara/ Sou sabor marajoara/ Sou sabor...”*⁹⁵

Segundo o autor de *Worteigentümlichkeiten der brasilianischen Sprache* o *açaí* ocupa o primeiro lugar na culinária amazonense, lá prefere-se tomar o *açaí* gelado com farinha de mandioca ou tapioca. O autor cita no seu livro um conhecido ditado popular paraense sobre o *açaí*: *“Quem ao Pará, parou, tomou *açaí*, ficou”* (Buggenhagen, 1951, p.58). O termo *açaí* tem origem do tupi e significa “o fruto que chora”, este significado é devido a grande quantidade de água que se extrai desta fruta. Há uma lenda indígena para explicar a origem da fruta, segundo ela quando numa tribo com muitos habitantes, havia escassez de alimentos, o cacique Itaki ordenou que todas as crianças que nascessem a partir de então fossem sacrificadas para que a população não continuasse a crescer. Uma das filhas do cacique, cujo nome era laçá, teve uma filha, a qual não escapou ao sacrifício. laçá desesperou-se após a morte da menina, ficando vários dias sem sair de sua oca, somente pedindo ao seu deus que mostrasse ao seu pai uma outra maneira de obter alimentos sem que precisasse sacrificar os inocentes da tribo. A lenda conta que laçá ouviu em uma

94 Chaves, Nilson, *Sabor Açaí*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/nilson-chaves/217034/> Acesso em: 03 novembro 2011.

95 Ibid.

noite um choro de criança e percebeu que era sua filha que estava ao pé de uma grande palmeira, ao tentar abraçá-la a menina desapareceu, láçá chorou desesperadamente abraçada a grande palmeira até morrer, quando o cacique Itaki viu sua filha abraçada a esta palmeira ordenou que colhessem os frutos dela, foi assim que cessaram os sacrifícios de crianças.⁹⁶ Nilson Chaves também escreve sobre a benção de uma deusa na formação do açai: *“Teu destino foi traçado/ Pelas mãos da mãe do mato/ Mãos prendadas de uma deusa/ Mãos de toque abençoado...”*⁹⁷ O estado do Pará é o seu principal exportador mundial. Esta fruta é utilizada em muitas campanhas publicitárias internacionais como símbolo de longevidade e beleza, além disso, possui propriedades estimulantes mais saudáveis que as encontradas no café ou em bebidas energéticas.

O *guaraná*, uma fruta brasileira que também faz bastante sucesso no mercado internacional, o fruto também é comercializado, mas no Brasil é sobretudo utilizado na produção de refrigerante. A história do guaraná está ligada a uma lenda indígena, nela um casal não podendo ter filhos, pediu ao deus Tupã que os concedesse um, Tupã se compadeceu deles e os abençoou com um filho saudável, bonito e inteligente, o menino era querido por todos na sua tribo. Jurupari, o espírito do mau, ao ouvir sobre este menino prodígio, decidiu fazer algo contra ele, foi assim que um dia quando o menino foi colher um fruto de uma árvore, Jurupari transformado em cobra o mordeu, sua mãe o encontrou sem vida, o pranto dela e de todos da tribo, fizeram com que Tupã enviasse um raio dos céus, a mãe pronunciou as seguintes palavras: *“É Tupã que se compadece de nós. Plantem os olhos de meu filho, que nascerá uma fruteira, que será a nossa felicidade. Dos olhos do menino nasceu o guaraná”*⁹⁸.

Em *Macunaíma* de Mario de Andrade também aparece a lenda do guaraná, segundo ela nasce no lugar onde o corpo de um menino, abençoado por Tupã e morto por Jurupari, está enterrado uma plantinha chamada guaraná: *“No outro dia quando Macunaíma foi visitar o túmulo do filho viu que nascera do corpo uma plantinha. Trataram dela com muito cuidado e foi o guaraná.”* (Andrade, 1993, p.22).

96 Isto é Amazônia – O Portal da Floresta, *Lenda e Mitos I*. Disponível em:

http://www.istoeamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42 Acesso em: 20 março 2012.

97 Chaves, Nilson, *Sabor Açai*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/nilson-chaves/217034/> Acesso em: 10 novembro 2011.

98 Isto é Amazônia – O Portal da Floresta, *Lenda e Mitos I*. Disponível em:

http://www.istoeamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42 Acesso em: 25 março 2012.

Nomes indígenas também aparecem na política e no humorismo, um exemplo claro é Francisco Everardo Oliveira Silva (1965), seu nome artístico é *Tiririca*, um nome indígena. Tiririca começou fazendo shows humorísticos em barracas, ganhou muita popularidade e muitos fãs, também em programas televisivos bateu recordes de audiência. Compôs músicas em estilo regional nordestino como *Florentina* e *Eu sou Chifrudo*. Sua popularidade e sua história de vida de homem pobre do Ceará contribuíram para que se elegeesse deputado federal com maior número de votos nas últimas eleições de outubro de 2010 e o segundo deputado federal com mais votos em toda a história do Brasil. Quanto à alcunha *Tiririca* já tinha desde pequeno, esta alcunha é devido a sua personalidade que segundo a mãe era muito forte, a alcunha provavelmente vem da expressão “ficar tiririca da vida”.

Um programa humorístico apresentado pela Rede Globo de televisão chamado *Casseta e Planeta* sempre vende produtos Tabajara, o mesmo nome de uma tribo indígena.

Há também o partido político brasileiro chamado PSDB de São Paulo, pelo qual o ex-governador José Serra concorreu à presidência do Brasil. Esse partido é chamado na linguagem popular tucano e possui um tucano como símbolo. *Tucano* é um pássaro de nome indígena.

É possível perceber que os nomes indígenas são escolhidos porque correspondem a um topônimo ou simbolizam a imagem de um Brasil tropical e miscigendo, onde as palavras indígenas soam exóticas, assim como seus habitantes. A cultura indígena só é vista de forma positiva por muitos brasileiros, se incorporada a valores civilizadores. Sendo assim, aqueles índios que permanecem nas aldeias e vivem da mesma maneira que seus ancestrais o faziam, recebem muitas vezes nomes pejorativos como “preguiçosos” ou “bêbados”, além de “gananciosos”.

4.5 A Paleontologia e os nomes e mitos indígenas

Há uma preferência dos paleontólogos modernos por nomes indígenas no momento de dar nomes aos fósseis encontrados, Dr. Cesar Schultz, professor, paleontólogo e um dos principais responsáveis pela Paleorrota⁹⁹, considera este fenômeno como um tipo de modismo, segundo ele, alguém começou possivelmente os estudiosos

99 O geoparque da Paleorrota, também chamada de Rota Paleontológica localizada no estado do Rio Grande do Sul, possui

dos Pterossauros e os outros seguiram seu exemplo. No entanto, há também um componente pragmático nesta prática:

“[...] quando se “batiza” uma nova espécie, a gente tem que ter certeza que o nome escolhido já não foi usado, anteriormente, para nomear alguma outra espécie. É bastante comum o pesquisador criar um nome para um vertebrado, salientando alguma CARACTERÍSTICA do fóssil e utilizando termos latinos e/ou gregos, para depois pesquisar e descobrir que esse nome já havia sido dado a um inseto ou mesmo a uma planta.”¹⁰⁰

Pela citação acima, percebe-se que ao escolher o nome das espécies, os estudiosos também deparam-se com a problemática de encontrar um nome que ainda não tenha sido dado a nenhum ser vivo. Neste ponto as línguas e mitos indígenas podem contribuir bastante porque englobam um grande léxico com termos desconhecidos por outros cientistas mundialmente. Para o Dr. Schultz os nomes indígenas abriram um “filão” que ainda não havia sido explorado e isso facilita a vida dos pesquisadores na hora de escolher os nomes. Além disso, comenta que esses nomes acrescentam uma “identidade” brasileira aos fósseis que é prontamente reconhecida por qualquer pesquisador estrangeiro.

No que refere-se aos nomes até agora escolhidos, há os que possuam uma relação com a cultura brasileira, como o *Saturnalia tupiniquim* (Langer et al., 1999), o primeiro vertebrado a entrar nessa moda “indígena” no Rio Grande do Sul. *Tupiniquim* é um nome indígena da família das línguas tupi-guarani e significa segundo o *Novo Dicionário Aurélio*: “1. *Indivíduo dos tupiniquins, tribo indígena tupi-guarani do litoral de Porto Seguro (BA)*. 2. *Pertencente ou relativo a essa tribo*. 3. *Deprec. Próprio do Brasil; nacional, brasileiro*” (Ferreira, 1986, p.1727). Este nome como se pode observar é usado como metonímia de brasileiro ou no que é relacionado com o Brasil, talvez seja devido a esse fator que tenha sido escolhido como designação. Esse nome foi dado por Max Langer, a primeira parte refere-se ao Carnaval, cujas origens provavelmente sejam da festa do solstício do inverno, esta festa era em homenagem ao deus romano Saturno, foi na época do Carnaval que este dinossauro foi encontrado.

De fato, é considerável o número de personagens de lendas ou da cultura indígena que aparecem na taxonomia dos vertebrados. Um exemplo é o *Sacisaurus agudoensis* (Ferigolo & Langet, 2006) que já não é mais considerado um dinossauro, mas permanece com o nome indígena, o nome científico deste animal refere-se à

aproximadamente 60 espécies de vertebrados, além de alguns outros seres vivos encontrados nesta região.

cidade onde foi encontrado, Agudo, e também homenageia a figura lendária brasileira do Saci-pererê, uma figura que se originou a partir de uma lenda indígena. O nome foi dado pelo mesmo autor que batizou o *Saturnalia tupiniquim*.

Outro exemplo é o dinossauro *Angaturama limai* (Kellner & Campos, 1996) o termo *Angaturama*, provém do Tupi e significa “nobre”. Na mitologia tupi e guarani *Angaturama* é um espírito protetor, este espírito é a personificação do bem.

Muitos pterossauros receberam nomes indígenas, como *Tupuxuara* (Kellner & Campos, 1988), *Anhanguera* (Kellner & Campos, 1985) e *Tapejara* (Kellner, 1989). *Anhanguera* é um gênero de pterossauros, na mitologia indígena *Anhanguera* significa espírito antigo, formado pelas palavras *anhang* ou *añã* que significa “alma”; e *uera*, cujo significado é velho, antigo. Este termo também pode significar “diabo velho” de *a’ñãga*, “maligno”, “diabo” e *uera*, “velho”. Anhangá é um ente fantástico, que na mitologia tupi-guarani é o espírito do mal, no Amazonas é uma espécie de veado branco com olhos de fogo, cuja função é proteger os animais da floresta (Ferreira, 1986, p.123). No livro *Macunaíma* o herói mata sua própria mãe pensando que é um veado, na verdade, esta é uma armadilha de Anhangá para enganar Macunaíma (Andrade, 1993, p.17). O bandeirante Bartholomeu Bueno da Silva era chamado de Anhanguera, por assustar aos indígenas para que lhe mostrassem onde havia reservas de ouro.¹⁰¹

Tupuxuara é um gênero de pterossauros que habitou a região de Santana do Cariri no sul do Ceará. O nome foi dado por Alexander Kellner e é uma homenagem à língua indígena, este nome significa “espírito familiar”. Há muitas espécies deste gênero como *Tupuxuara longicristatus*, *Tupuxuara leonardi*, *Tupuxuara deliradamus*.

Alguns nomes de gêneros são da toponímia indígena, como por exemplo: *Guaibasaurus candelariensis* (Bonaparte, 1999), *Riograndia guaibensis* (Bonaparte, Ferigolo & Ribeiro, 2001), em homenagem ao Rio Guaíba, *Bageherpeton longinathus* (Dias-da-Silva & Barberena, 2001) o gênero recebeu este nome porque foi encontrado na cidade de Bagé, que é um topônimo indígena. O *Unaysaurus* (Leal, 2004) tem um nome da língua Tupi *unay* significa água negra de *una* “preto” e *y* “água”, este nome refere-se à região onde o fóssil foi encontrado, Água Negra.

100 Schultz, Cesar L., Pergunta sobre taxonomia. Mensagem recebida por e-mail em 22 março 2012.

101 Aldeia Numaboa, *Nomes e Expressões indígenas*. Disponível em:

<http://www.numaboa.com.br/component/glossario/?view=category&id=264:indigena> Acesso em: 15 fevereiro 2012.

Outro dinossauro encontrado na Formação Itapecuru do Maranhão chama-se *Amazonsaurus maranhensis* (Carvalho et al., 2003), recebeu um dos seus nomes devido ao nome do estado. Os paleontólogos Kellner, Campos, Trotta e outros paleontólogos nominaram o dinossauro *Baurutitan britoi* (Kellner et al., 2005) baseando-se nas suas características, porque este dinossauro possui semelhanças com os do Grupo Bauru da Formação Adamantina no estado de São Paulo. *Bauru* é um nome derivado do Tupi, há diferentes hipóteses sobre sua origem, pode ter vindo das palavras *mabai-yuru*, cujo significado é “forte declive”, pode fazer referência às cachoeiras e vales os quais atravessam a região central da cidade. Pode ainda ter se originado de *upaú-ru*, “rio das lagoas”, e de *ybá-urú*, “cesto de frutas.”¹⁰²

O dinossauro *Pampadromaeus barberenai* (Cabreira et al., 2011) também contém um nome indígena, *Pampa* é um termo do quíchua e designa a paisagem do sul da América do Sul. Os paleontólogos utilizaram este nome porque o dinossauro foi descoberto no Rio Grande do Sul. Algumas espécies encontradas na Chapada Araripe possuem topônimos indígenas como o *Araripedactylus dehmi* (Wellnhofer, 1977) e o *Araripesaurus. Castilhoi* (Price, 1971). Estas espécies são assim chamadas porque foram encontradas na Chapada de mesmo nome. *Araripe* é uma palavra indígena e significa “lugar das araras“, palavra deriva do Tupi.¹⁰³

O *Cearadactylus atrox* (Leonardi & Borgomanero, 1985) contém o topônimo indígena Ceará, cujo significado já foi abordado neste trabalho (Cap.2.7). Esta espécie foi encontrada assim como inúmeras outras na Formação Santana. Os nomes dos fósseis *Chiniquodon* (Huene, 1936) e *Prestosuchus chiniquensis* (Huene, 1942) foram encontrados no sítio Paleontológico Chiniquá no Rio Grande do Sul, estes gêneros são denominados de acordo com o topônimo onde foram encontrados na comunidade de Chiniquá, o nome parece derivar de uma língua indígena.

Há outros nomes de espécies que homenageiam antropônimos como: *Irajatherium hernadezi* (Martinelli 2005), este gênero homenageia o paleontólogo e geólogo portoalegrense Irajá Damiani Pinto, em sua homenagem há também o Museu de

102 Origem dos nomes de municípios paulistas. Disponível em:

http://www.py2gea.com.br/diversos/curiosidadegea/municipios_paulistas.htm Acesso em: 18 fevereiro 2012.

103 Limaverde, Rosiane, *Os registros rupestres da Chapada do Araripe*, Ceará, Brasil. Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio-UFPE/ Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri. I Congresso Internacional SAB “Arqueologia Transatlântica”/XIV Congresso da SAB “Arqueologia, etnicidade e território” III Encontro do Iphan e arqueólogos. Disponível em: <http://www.fundacaocasagrande.org.br/pdf/artigo.pdf> Acesso em: 20 novembro 2011.

Paleontologia Irajá Damiani Pinto. O vocábulo *Irajá* formado pelas palavras indígenas *ira*, *ia* e *já* significa segundo Teodoro Sampaio o “lugar que faz mel”, esta palavra originou-se dos índios que foram empregados no trabalho escravo nos engenhos de açúcar no Rio de Janeiro, como não conheciam o produto fabricado, o açúcar, eles o chamaram de o que se produzia de “mel” e o bairro no Rio de Janeiro de “lugar onde se produz mel”.¹⁰⁴

Karamuru vorax (Kischlat, 2000) representa mais um exemplo de antropônimo indígena, como já visto em um capítulo anterior, o personagem histórico Diogo Álvares Correia contribuiu de maneira significativa para a história do Brasil no século XVI, em torno desta figura surgiram muitas lendas e como se pode observar seu nome também é utilizado na Paleontologia.

O nome do gênero *Tiarajudens eccentricus* (Cisneros et al., 2011) provém de uma palavra indígena *Tiaraju* e do termo latino *dens* de dentes (porque a espécie possui os seus dois grandes dentes caninos bem salientes), significa portanto “dentes de Tiaraju” provavelmente este nome foi dado em homenagem ao índio Sepé Tiaraju, um índio guerreiro guarani nascido em um aldeamento jesuíta dos Sete Povos das Missões, que recebeu o nome cristão de “José” e desempenhou importante papel durante a Guerra Guaranítica, tornou-se líder dos exércitos indígenas que combateram as tropas luso-brasileiras e espanholas (Savaris, 2008, p.203). Tiaraju tornou-se tão conhecido que é considerado um santo popular no Rio Grande do Sul, foi decretado em uma Lei de 2009 como “*herói guarani missioneiro rio-grandense*” Para o autor deste projeto de Lei o deputado Frei Sérgio Görden do PT (Partido dos Trabalhadores): “*Trata-se de um reconhecimento da Assembléia Legislativa ao povo guarani, à figura de Sepé e à epopéia histórica da República Guarani*”¹⁰⁵

Outro personagem histórico que aparece na Paleontologia é Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*, um fóssil coletado na Paleorrota recebeu o nome de *Rauisuchus tiradentes* (Huene, 1942), no entanto, este nome não é indígena.

Existem alguns nomes que fazem homenagem a tribos indígenas, abaixo seguem alguns exemplos: *Charruodon tetracuspoidatus* (Abdala & Ribeiro, 2000) em homenagem aos nativos charruas.

104 Encontra RJ. *Sobre Irajá*. Disponível em: <http://www.encontrairaja.com.br/iraja/> Acesso em: 30 junho 2012.

105 CUT/RS, *Assembléia declara Sepé Tiaraju herói oficial do Estado*. Últimas Notícias, N° 789, 3 de novembro de 2005 -

“In honor to the Charruas, a native South American tribe that lived in southern Brazil, and from the Greek *odon* which means tooth.”¹⁰⁶

Maxakalisaurus topai (Kellner et al., 2006) em homenagem à tribo indígena Maxakalis, esta tribo indígena vive no estado de Minas Gerais, porém distante de onde se descobriu o dinossauro. O nome *Tapejara wellnhoferi* (Kellner, 1989) faz homenagem à tribo Tapejara. O Tapejara wellnhoferi é um pterossauro encontrado na Formação Santana localizada na Chapada do Araripe. *Tapuiasaurus macedoi* (Zaher et al., 2011), o termo *Tapuia* é de origem Tupi e significa bárbaro, inimigo, forasteiro. Segundo José de Alencar no romance Iracema de *taba* “aldeia”, e *puir* “fugir”: os fugidos da aldeia. Este termo era empregado para uma determinada classe de povos indígenas. Nos primeiros séculos dividiu-se os nativos brasileiros em dois grupos, os tupinambás e os tapuias, estes últimos habitavam mais o interior do Brasil.

Como exemplos da fauna nos nomes da Paleontologia, é possível mencionar os seguintes: *Teyumbaita sulcognathus* (Azevedo & Schultz, 1987), cujo significado é “lagarto papagaio” das palavras indígenas *teyu* “lagarto” e *mbaita* “papagaio”, também o nome *Teyuwasu* (Kischlat, 1999) este termo também provém do Tupi e significa “lagarto grande” de *Teyu* “lagarto” e *wasu* “guaçu”, grande.¹⁰⁷

Os paleontólogos também recorrem a nomes africanos como o *Oxalaia quilombensis* (Kellner et al., 2011), considerado o maior dinossauro carnívoro brasileiro encontrado até o momento.

4.6 Palavras indígenas usadas como pejorativos no Português do Brasil

Em geral há muitos nomes pejorativos no português do Brasil, sobretudo mais nomes pejorativos para mulheres que para homens, alguns exemplos transportados ao Português são os seguintes:

Em Tupi *pereba* significa “ferida”. Na linguagem popular significa “feridas”, às vezes feridas transmitidas pelo ato sexual. Há uma música de Chico Buarque chamada Ciranda da Bailarina, na música também aparece a palavra pereba: “*Procurando*

16 h. Disponível em: http://www.sintrajufe.org.br/ultimas_noticias/UN_789-e.htm Acesso em: 25 novembro 2011.

106 Abdala, Fernando e Ribeiro, Ana Maria, *A new therioherpetid cynodont from the Santa Maria Formation (middle Late Triassic), southern Brazil*. Disponível em: <http://www.mnhn.fr/publication/geodiv/g00n4a7.pdf> Acesso em: 27 novembro 2011.

107 Mortimer, Mickey. Disponível em: <http://dml.cmnh.org/2000Sep/msg00572.html> Acesso em: 15 dezembro 2011.

*bem/ Todo mundo tem pereba/(...) Só a bailarina que não tem.”*¹⁰⁸

O *Novo Dicionário Aurélio* apresenta esta palavra com os seguintes significados: lesão cutânea imprecisa, também significa sarna, no Rio Grande do Sul perebas são feridas de crosta duríssima (Ferreira, 1986, p.915). Quando associado ao futebol *pereba* significa um jogador ruim, de baixo nível técnico, indivíduo medíocre. Deste termo também se formam as palavras: *perebento*, *perebagem*.

Caipira é uma palavra de origem tupi *kai' pira*. Em seu livro sobre a riqueza do léxico brasileiro Buggenhagen cita Waldomiro Silveira, segundo o autor o caipira é: “o homem e a mulher, que não moram na povoação; que não têm instrução ou trato social; que não sabem vestir-se ou apresentar-se em público”, Buggenhagen afirma ainda que a palavra caipira é uma palavra bastante usada pelos habitantes das cidades para demonstrar sua aparente superioridade em relação às pessoas que vivem no campo: “[...] in Brasilien heißt das eben, dass ein solcher caipira ist; in Schimpfreden hat das Wort sogar Beleidigungswert; es bedeutet soviel wie: Du ungeschliffener Kerl, Tölpel.” (Buggenhagen, 1951, p.58) O *Dicionário Aurélio* confirma este significado: “1. Bras., S. Habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros. [...], 4. Bras. Pertencente ou relativo a, ou próprio de caipira (1); biriba ou biriva, jeca, matuto, roceiro, sertanejo. [...]” (Ferreira, 1986, p.314) Segundo Buggenhagen os habitantes mais pobres das grandes cidades são mais tolerantes com os chamado “caipiras”, acham por vezes a cultura caipira um pouco estranha, mas respeitam a sua individualidade, porque apreciam as suas músicas, roupas e o falar caipira. Há uma música sertaneja chamada Romaria de João Mineiro e Marciano, onde uma das suas frases diz o seguinte: “Sou caipira, Pirapora Nossa Senhora de Aparecida”, geralmente as músicas chamadas “sertanejas ou caipiras”¹⁰⁹. As músicas sertanejas retratam a figura do caipira e são muito apreciadas pelas classes mais baixas da população brasileira. Da palavra “caipira” surgiram outros nomes como: caipirice, caipirada, caipiragem, caipirice, caipirinha, caipifruta, caipirosca, caipivodca, acaipirar, caipirismo, caipora, caiporice. O significado etimológico desta palavra é

108 Buarque, Francisco. Disponível em: <http://www.letas.com.br/chico-buarque/ciranda-da-bailarina> Acesso em: 03 novembro 2011. Os vocábulos sublinhados são do tupi, tucumã é uma palmeira amazônica, também uma espécie de cágado do Tocantins e uma designação para a mandioca do tronco vermelho, taperebá é a variação de tapiriba sinônimo de cajá, curió é uma ave passeriforme espalhada por todo o país. (cf. Ferreira, 1986, p.1648,1649, 1724, 512).

109 Mineiro, João e Marciano. Disponível em: <http://letras.mus.br/joao-mineiro-e-marciano/473180/> Acesso em: 14 fevereiro 2012.

caá, cujo significado é mato e *pira*, que significa cortar.

A palavra *pamonha* origina-se do tupi da palavra *pamu'ñã*, com desnalização e hiperbibasmo, assim como define o *Dicionário Aurélio*, na gíria popular uma pessoa pamonha é mole, inerte, desajeitada, preguiçosa, outros sinônimos são: boba, tola, entre outros. *Pamonã* é uma comida sertaneja preparada com farinha de milho ou mandioca, e feijão, carne ou peixe. *Pamonha* é um bolo feito de milho verde, cozido em tubos de folhas de milho ou de bananeira, amarradas nas extremidades. Além disso, há um verbo “apamonhar-se” que quer dizer virar pamonha (Ferreira, 1986, p.1254).

Muquirana é uma espécie de piolho, ou seja, um parasita que se aloja entre os cabelos e pelos humanos. Chamar uma pessoa de muquirana significa que ela é sovina, chato ou ainda uma pessoa que aborrece, há outros sinônimos populares para esta expressão, como por exemplo, mão de vaca ou pão duro. É também um adjetivo pejorativo no sul do Brasil utilizado para alguém que cheira mal ou anda sujo (ibid., p.156; Mello, 2009, p.71).

Arataca também vem do tupi *ara'taka*, “o que cai estalando”, este é um termo utilizado para nortista ou nordestino, outro nome utilizado para designar os nortistas é cabeça-chata, arataca conhecida também como *arapuca* tem outro significado é uma armadilha para apanhar animais silvestres (Tibiriçá, 1989, p.79).

O nome na linguagem popular para uma habitação pobre, modesta, pequena e afastada é *biboca*, essa palavra origina-se do tupi de *ibi* “terra” e *boka* “fender-se”, é também a escavação ou fenda de um terreno geralmente produzida por uma enxurrada, um vale profundo, cujo acesso é difícil.

O termo *biri* provavelmente se originou do tupi e é a designação comum para diversas espécies silvestres do gênero *Canna*. Deste termo originou-se o nome *birinaite*, uma mistura de *biri* e da palavra inglesa “night” que significa “noite” em português, *birinaite* significa qualquer bebida alcoólica. *Birita* tem o mesmo sentido que *birinaite*. A própria palavra “cachaça” vem do Tupi, quando usada se referindo a uma pessoa significa uma paixão, inclinação, gosto muito forte por uma pessoa ou coisa. *Biriteiro* é chamado a pessoa que gosta muito de bebidas alcoólicas (Mello, 2009, p.71). A *bituca* é o nome usado para o resto do cigarro que fica depois de fumado. Um olhar de inveja ou cobiça chama-se *botuca*. O nome *caraminguás*

designa quem tem pouco dinheiro.

A palavra *catiripapo* significa uma pancada ou empurrão leve, também um tapa ou tabefe.

É possível concluir que a presença de termos indígenas é marcante na linguagem popular brasileira, estas palavras são usadas no cotidiano e estão totalmente integradas à língua portuguesa.

4.7 Lendas brasileiras: o mundo infantil e as palavras indígenas

Os mitos e lendas brasileiras fazem parte do folclore do Brasil, o termo folclore foi criado pelo arqueólogo inglês, Willian John Thoms, em 1846, o termo é formado pelas palavras Folk – lore, folk significa “povo” e lore “saber”. Esse vocábulo designa “os estudos dos usos e costumes, cerimônias, crenças, romances, refrões, superstições, etc.” Sendo assim, o folclore inclui as tradições, costumes, crenças, canções, manifestações populares (Savaris, 2008, p.24).

No Brasil, as lendas, possuem em sua maioria uma origem indígena, alguns exemplos de lendas e mitos brasileiros são: o Curupira, o Saci Pererê, o Boitatá, a lara, o Boiúna, o Boto, entre outros. Assim como as lendas e mitos em geral, não se conhece a autoria das lendas e mitos indígenas, muitas vezes possuem uma longa tradição oral, cada um deles possui características particulares, com determinadas funções e apresentam diferentes histórias. Surgem para explicar a existência do homem e também os mistérios da natureza, por isso, há nelas muitos elementos fantásticos. Ao princípio nas aldeias indígenas eram usadas com o objetivo de ensinar e instruir os integrantes mais jovens da tribo, mostrando-lhes os princípios mais importantes das tribos. As histórias têm como tema aventuras, amor, paixão, caridade, ódio, medo, entre outros. Muitas das lendas estão relacionadas à fauna e flora brasileira, nelas fala-se sobre a preservação, o cuidado e proteção da floresta. Os indígenas possuem uma relação muito amistosa com a natureza, para eles ela é um ente a quem se deve temer e respeitar. Durante muitos anos de contato com as florestas e cerrados, os nativos aprenderam a conviver com a natureza e a domesticarem plantas e animais (Caldeira/Carvalho, Marcondes et al., 1997, p.10).

Helena Brandão em *Gêneros no discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica* no que se refere à veracidade do mito comenta que o

mito pode ser considerado como narrativa simbólica autêntica dentro de um determinado grupo.

“Apesar dos aspectos fantasiosos, dos elementos fantásticos e aparentemente ilógicos que o povoam, o mito é verdade para o povo que o cultiva, está profundamente enraizado no seu tecido social, distinguindo-se portanto, da lenda sobretudo da superstição” (Brandão, 2000, p.54)

A letra da música *Amazônia* de Carlos Nilson Batista Chaves, um dos mais repercutidos cantores e compositores paraenses, mostra bem a presença indígena nas lendas, no léxico e na vida diária da população brasileira. Na música aparecem termos portugueses e indígenas, os últimos estão sublinhados: “*Sim eu tenho a cara do saci, o sabor do tucumã/ Tenho as asas do curió, e namoro cunhatã/ Tenho o cheiro do patchouli e o gosto do taperebá/ Eu sou açaí e cobra grande.*”¹¹⁰

Nesta primeira estrofe Nilson Chaves menciona uma das mais conhecidas figuras folclóricas do Brasil, o *Saci Pererê*, assim chamado no Sul do Brasil, às vezes chamado de *Kaipora* no Centro-oeste, de *Matimpeperê*, *Matim-peperê*, *Matintapereira*, *Matintaperera*, *Matinpereira*, *Matitaperê*, *Saci-Cererê*, *Saci-trique*, *Saci-Taterê* ou apenas *Saci* no Norte e Nordeste. Como visto a depender da região do Brasil o mesmo mito pode ter diferentes nomes, isto acontece em muitas lendas brasileiras, não há um nome universal para um mito, como não há uma única versão da lenda contada e nem mesmo um sexo determinado, às vezes o mito pode aparecer em algumas versões como mulher e em outras como homem, é o caso da lenda do boto que também é chamado de uiara e do *Saci-Pererê* que recebe o nome de *Matinta Pereira*, através da tradição oral alguns elementos se perdem outros são acrescentados. O *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* apresenta a palavra *sa'si* como sendo de origem tupi. A figura do *Saci-Pererê* é uma mistura da cultura indígena, africana e européia. Segundo Luís da Câmara Cascudo em seu livro *Geografia dos Mitos Brasileiros* a origem do mito remonta ao fim do século XVIII à época colonial, ainda de acordo com ele o mito apareceu primeiro na cultura dos povos indígenas Tupi-Guarani da região Sul do Brasil, possivelmente nas terras entre Paraguai e Paraná. Inicialmente recebia outro nome, era chamado de *Jaci Jaterê*, *Jacy Jatere* (nome em Guarani) ou *Yasy Yateré* (nome em espanhol), era um menino ou um homem indígena de pequena estatura que morava na floresta e era

110 Chaves, Nilson. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/nilson-chaves/217034/> Acesso em: 10 novembro 2011. *Tucumã* é uma palmeira amazônica, também uma espécie de cágado do Tocantins e uma designação para a mandioca do tronco vermelho, *taperebá* é a variação de tapiriba sinônimo de cajá, *curió* é uma ave passeriforme espalhada por todo o país. (Ferreira, 1986, p.1648,1649, 1724, 512).

conhecido pelas suas travessuras (Cascudo, 2002, p.40).¹¹¹

Com o passar do tempo o Saci foi adaptado à cultura do norte do Brasil e transformou-se na figura que hoje se conhece, um menino negro (incorporando a cultura africana) que fuma cachimbo e usa sempre um gorro vermelho (incorporando a cultura portuguesa), de uma perna só, porque segundo a lenda perdeu uma perna em uma roda de capoeira. No entanto, a lenda se modifica a depender da região, às vezes ele aparece na lenda com duas pernas, outras vezes só com uma, algumas vezes sem roupa, outras vezes de calção. O *Dicionário Aurélio* apresenta o seguinte significado para o vocábulo saci: “negrinho de uma só perna, de cachimbo e com barrete vermelho (fonte, este último, de seus poderes mágicos) e que, consoante a crença popular, persegue os viajantes ou lhes arma ciladas pelo caminho.” (Ferreira, 1986, p.1533).

A lenda do Saci Pererê expandiu-se pelo Brasil afora graças ao escritor Monteiro Lobato, em 1918 compilou um livro intitulado *O Sacy-Pererê - Resultado de um inquérito*, este foi o fruto de um debate sobre este personagem mitológico publicado no jornal *O Estado de São Paulo*. Outro livro seu *O Saci* marcou a imagem do Saci como uma figura travessa, nesse livro Lobato narra que Saci nasceu na floresta em um lugar chamado de “sacizeiros” que possuía muitos bambus. O *Sítio do Pica-pau Amarelo* uma obra de Lobato que passou para a televisão tornou a figura do Saci Pererê ainda mais popular no Brasil devido as suas travessuras.

Alguns afirmam que uma das formas do Saci-Pererê é Matintaperera, uma mulher vestida de preto que assombra e solta assobios perto das casas à noite, se alguém lhe promete dar ao dia seguinte fumo ou algum tipo de alimento ela deixa de assustar a respectiva casa e aparece para buscar o prometido no outro dia. Os Tupinambás acreditavam que Matintaperera era uma ave porta-voz do mundo dos mortos, umas vezes Matintaperera possuía asas e podia voar e outras vezes levava um pássaro no ombro.¹¹²

A segunda estrofe da música diz: O curupira sim saiu de mim, saiu de mim, saiu de

111 Isto é Amazônia – O Portal da Floresta, *Lenda e Mitos I*. Disponível em: http://www.istoeamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42 Acesso em: 25 março 2012.

112 Ibid.

*mim. / Sei cantar o “tár” do carimbó, do siriá e do lundú/ O caboclo lá de Cameté e o índio do Xingu/ Tenho a força do muiquitã/ Sou pipira das manhãs/ Sou o boto, igarapé/ Sou rio Negro e Tocantins”*¹¹³

Esta segunda estrofe traz alguns termos indígenas: *siriá*, *caboclo*, os Topônimos *Cameté*, *Tocantins*, *Xingu*, o vocábulo *muiquitã*, artefato talhado em nefrita com formas diversas, mas a forma original é a de sapo, também *igarapé*, cujo significado é “caminho da água” é o canal estreito entre duas ilhas ou entre terra firme e uma ilha.

Um segundo ente mitológico que merece atenção neste trabalho é o *Curupira*. O termo *Curupira* significa “o coberto de pústulas”, sua função principal é proteger e defender as florestas dos “impiedosos caçadores” que não respeitam as leis da natureza, a saber: “O *Curupira* é um indiozinho de cabelos vermelhos e pés virados para trás. (...) *Curupira* expulsa os lenhadores gananciosos que querem destruir a floresta por dinheiro. Também é o protetor da floresta e de seus amigos animais.” (Equipe Ciranda cultural, p.3) A lenda do *Curupira* é conhecida em diferentes regiões e devido a isso, possui diferentes versões, em algumas delas o *Curupira* é um demônio que devora pessoas, o *Dicionário Guarani-Português* apresenta a seguinte definição: “*Curupi* – mit. nome de certo duende protetor dos namorados, entre os *Guaranis*, (*Tupi: Curupira, duende que devora seres humanos*).” (Tibiriçá, 1989, p.53) No Acre o *Curupira* transforma as mulheres e filhos dos caçadores malvados em animais para que sejam mortos pelos próprios caçadores. Para afastar e assustar os caçadores ele solta assobios agudos e cria alusões, sendo assim eles se perdem ou enlouquecem, no meio da mata. Segundo o site *Brasilien Portal* a lenda do *Curupira* vem sendo cultivada desde os tempos dos povos Tupinambás, originou-se no sudeste brasileiro na época da colonização européia, onde era cultivada pelos caboclos habitantes da Floresta Amazônica. Ainda segundo o site já o Padre Anchieta em 1560 escreveu sobre esta figura folclórica, que segundo ele era um demônio que atacava os índios no mato e os feria e açoitava.¹¹⁴

O *Curupira* também aparece no livro *Macunaíma*, lá ele recebe o nome de *Curupira* é uma espécie de demônio que come pessoas, concordando com a versão da lenda

113 Chaves, Nilson. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/nilson-chaves/217034/> Acesso em: 03 novembro 2011.

114 Brasilien Portal. Disponível em: <http://www.brasilienportal.ch/kultur/ureinwohner-in-brasilien/indio-legenden-und-sagen/der-waldgeist-curupira.html> Acesso em 26 setembro 2011.

no Amazonas. Na citação que segue Macunaíma pede um pedaço de carne ao Curupira e recebe sem saber um pedaço da perna deste pequeno “demônio”. “Vagamundou de déu em déu semana, até que topou com o Currupira moqueando carne, acompanhando do cachorro dele Parpamel. E o Currupira vive no grelo do tucunzeiro e pede fumo pra gente.” Macunaíma falou:

“- Meu avô, dá caça pra mim comer?

- Sim, Currupira fez.

Cortou carne de perna moqueou e deu pro menino, perguntando:

- O que você está fazendo na capoeira, rapaiz!

- Passeando.” (Andrade, 1993, p.15)

A história prossegue e o autor escreve a intenção do Curupira que era a de comer Macunaíma: “*O Currupira estava querendo mas era comer o herói (...)*”, Mario de Andrade narra mais algumas características desta figura fantástica: “*(...) Pois então o monstro amontou no viado, que é o cavalo dele, fincou o pé redondo na virilha do corredor e lá se foi gritando: -Carne de minha perna! carne de minha perna!*” (ibid.).

A lenda do Curupira pode aparecer de diferentes formas como na de Caipora (morador do mato) ou Caapora (o que há no mato), esta figura originou-se do Tupi e é representado de diferentes maneiras a depender da região, às vezes em forma de mulher unípede que anda aos saltos, outras vezes é uma criança de cabeça muito grande, pode ser um cabloclinho encantado, ou ainda um homem agigantado sentado em um porco-do-mato, às vezes com um único pé, seguido de um cachorro papa-mel (Ferreira, 1986, p.314).¹¹⁵

A lenda *Mapinguari* ou *Mapinguary* é muito popular no Norte do Brasil, possui algumas características e elementos da lenda do Curupira. Para aqueles que vivem na floresta apenas ouvir este nome já os assombra. Mapinguari é um gigante peludo semelhante ao homem, mas exala um cheiro forte e muito desagradável, sua estatura é de aproximadamente dois metros se estiver sobre as duas pernas, em algumas lendas aparece com dois olhos em outras apenas com um. Seu corpo é todo coberto de pelos. O nome *Mapinguary* provém das línguas indígenas de *mbaé-pi-guari* e significa “a coisa com pé torto, ao avesso, para trás, etc.”, o Curupira possui esta mesma característica. Segundo o ornitólogo estadunidense David Oren, ex-diretor de pesquisa no Museu Emílio Goeldi no Pará, a lenda conta que o

115 Isto é Amazônia – O Portal da Floresta, *Lenda e Mitos I*. Disponível em:

Mapinguari é um pajé que descobriu o segredo da imortalidade, mas teve que pagar um alto preço, transformar-se em uma criatura horrível e fedorenta.¹¹⁶

Em Macunaíma o Mapinguari é um macaco-homem que ataca moças nas matas.

“(...) topou com o Monstro Mapinguari macaco-homem que anda no mato fazendo mal pràs moças. O monstro agarrou Macunaíma, porém o herói tirou o toaquiçu pra fora e mostrou pro Mapinguari.” (Andrade, 1993, p.14)

No livro de Câmara Cascudo, ele conta uma lenda onde um Mapinguari, um macacão enorme, peludo, com pés de burro virados para trás, trazia debaixo do braço um homem morto gotejando sangue, o monstro com unhas de onça arrancava pedaços do homem e os colocava na boca, sua boca ia até a altura do estômago (Cascudo, 2002, p.67).

Não se sabe exatamente a origem da lenda, mas provavelmente tenha surgido nos tempos modernos, porque não foi registrada pelos cronistas do período colonial, talvez tenha surgido na época em que muitos nordestinos migraram para o Amazonas para trabalhar como seringueiros, adentrando as matas, estas pessoas sofreram muitos desafios e muitas morreram. A afirmação popular da existência deste mito atualmente faz com que cientistas e paleontólogos façam expedições na floresta para tentarem coletar o que poderiam ser provas da sua possível existência, porém, até o momento não foi possível saber se realmente este animal existe. Para David Oren a lenda surgiu do contato dos humanos com as últimas espécies das preguiças gigantes terrestres que não viviam em árvores. As preguiças gigantes habitaram também outros territórios como a Patagônia, como mostram os pedaços de pele encontrados de preguiças pré-históricas pelo paleontólogo Florentino Ameghino, também na Patagônia há histórias semelhantes as do Mapinguari.¹¹⁷

A última estrofe da música “*Amazônia*” de Carlos Nilson Batista Chaves mostra a presença indígena na Amazonas: “Samaúma da floresta, peixe-boi e jabuti/ Mururé filho da selva/A boiúna está em mim/ Sou curumim, sou Guajará ou Valdemar, o Marajó, cunhã.../Assim nasceu em mim, nasceu em mim, nasceu em mim.../ Se eu tenho a cara do Pará, o calor do tarubá/ Um uirapuru que sonha/ Sou muito mais.../

http://www.istoeamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42 Acesso em: 25 março 2012.

116 Terra. *Cientistas tentam encontrar “monstro” na Amazônia*. Disponível em:

<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,O11742556-EI306,00.html> Acesso em: 20 março 2012.

117 Fantastipedia. *Mapinguari*. Disponível em: <http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Mapinguari>

*Eu sou, Amazônia!*¹¹⁸

A lenda da Cobra Grande ou Boiúna é a lenda que conta a história de uma cobra que cresce de forma gigantesca e assustadora, por isso deixa a floresta e vai habitar o mais profundo dos rios, tem um poder de transformar-se em outros seres e também em embarcações, além de passar pela terra fazer surgir igarapés, esta lenda é de origem indígena assim como o nome Boiúna.¹¹⁹ No livro *Macunaíma* aparece um capítulo dedicado a um conto em que este animal está presente, o capítulo chama-se *Boiúna Luna*, nele o narrador conta que Macunaíma encontrou uma moça chamada *Naipi* que estava transformada em Cascata porque sua tribo era escravizada pelo *boiúna Capei* que escolhia sempre uma cunhatã virgem para dormir com ela na sua cova onde havia outros esqueletos, um dia chegou a vez de Naipi, esta porém apaixonou-se por *Titçatê* um guerreiro da sua tribo e teve relações sexuais com ele um dia antes da Boiúna vir buscá-la. A Boiúna vendo que ela não era mais virgem ficou com muita raiva e a transformou em uma pedra e a seu amado em uma planta conhecida pelo nome popular de murerê. Macunaíma consegue vencer o Boiúna, mas a cabeça do animal persegue-o, o narrador explica que ela queria ser sua escrava, porém o herói não compreende sua intenção e foge da criatura até que o Boiúna decide virar lua. Ele foi subindo até o céu por um fio feito por uma aranha caranguejeira, de tanto comer fio ele ficou cheio e muito pálido e é a lua cheia que hoje se conhece, desde então as aranhas caranguejeiras preferem tecer fios à noite (Andrade, 1993, p.18-22).

A lenda do *Boitatá* também é muito popular no Brasil, o nome *boitatá* vem do tupi e significa “cobra de fogo” formado pelas palavras indígenas *mba'ê*, “coisa” ou *mbói*, “cobra” e *ta'ta* “fogo”. A lenda conta que uma noite se prolongou e tornou-se “uma noite sem fim”, não havia estrelas no céu, nem vento, nem barulho nenhum na floresta, um grande silêncio pairava no ar. Tudo parecia mostrar que nunca mais haveria luz, os habitantes da terra ficavam nas suas casas e tinham fome e frio, porque não podiam caçar nem cortar lenha para aquecer a casa, muita animais

118 Chaves, Nilson,. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/nilson-chaves/217034/> Acesso em: 15 novembro 2011.

119 Portal São Francisco. *A Lenda da Cobra Grande*. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/literatura-infantil-lendas-e-mitos-do-folclore/a-lenda-da-cobra-grande.php>. Acesso em: 20 novembro.

Isto é Amazônia – O Portal da Floresta, *Lenda e Mitos I*. Disponível em:

http://www.istoemamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42 Acesso em: 30 março 2012.

morreram. Para aumentar a gravidade da situação começou a chover sem parar, como a chuva alagou o tronco onde estava uma grande cobra, esta despertou-se com fome e começou a comer os olhos dos animais que morreram, estes olhos brilhavam, a lenda conta que provavelmente devido ao último dia em que viram a luz do sol. A cobra comeu muitos animais e tornou-se transparente e brilhante como o fogo. A lenda diz que o Boitatá assusta pessoas e animais quando eles entram na floresta à noite. Também protege as matas contra os incêndios, em uma outra versão o Boitatá vai pelos campos à noite espalhando clarões, ao morrer espalha uma luz, que é proveniente dos animais de que se alimentou.¹²⁰ Recebe outros nomes a depender da região, no sul é chamado de Bitatá, Baitatá, Batatá; no nordeste Batatão e Biatatá. O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* apresenta outro significado para esta palavra: “*Touro furioso que lança fogo pelas ventas e queima tudo*” (Ferreira, 1986, p.269) Em *Macunaíma* aparece como uma cobra que come os olhos dos mortos: “*Botaram o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jaboti e pros boitatás não comerem os olhos do morto o enterraram mesmo no centro da taba com muitos cantos e dança e muito pajuari.*” (Andrade, 1993, p.22).

Na segunda estrofe da música de Nelson: “*Tenho a força do muiiraquitã*”, há uma lenda do Muiiraquitã, um sapinho feito de pedra ou argila que serve de amuleto da sorte, que apresenta muitos paralelos com uma história contada no livro *Macunaíma* de Mario de Andrade, segundo a lenda quem os confeccionava eram índias que habitavam as margens do rio Amazonas, em noites de luar estas índias mergulhavam no lago mais próximo e buscavam pedras que depois de modeladas eram oferecidas aos seus amados, elas serviam como amuletos para darem-lhes sorte no momento da caça, o muiiraquitã tinha que ser carregado no pescoço como um colar, de forma semelhante acontece no livro quem entrega a Macunaíma, seu amado, o muiiraquitã antes de subir aos céus é Ci, a mãe do mato, assim como a lenda ela era uma das belas índias: “*Era Ci, Mãe do Mato Logo viu pelo peito destro seco dela, que a moça fazia parte dessa tribo de mulheres sozinhas parando lá nas praias da lagoa Espelho da Lua, coada pela Nhamundá*” (ibid., p.13).

Os povos guaranis, assim como os outros povos ameríndios, possuem uma relação especial com os seres do cosmos, desta forma, a natureza e a sociedade são vistos

120 Portal São Francisco. *Boitatá*. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/literatura-lendas-e-mitos-do-folclore/boitata.php.php>. Acesso em: 20 novembro. Isto é Amazônia – O Portal da Floresta, *Lenda e Mitos I*. Disponível em: p://www.istoeamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42 Acesso em: 30 abril 2012.

de forma diferente da tradição ocidental. Esses povos acreditam, por exemplo, que os animais possuem “alma” como os humanos. Os nativos acreditam que o sol e a lua eram pessoas, eles também têm explicações para o surgimento da noite e do dia.

“Rudá” o Deus do Amor é um exemplo deles, sua função é despertar o amor nos corações dos homens para fazer com que sintam saudades e voltem para suas tribos depois de peregrinarem pelas florestas. Rudá também aparece na obra de Mario de Andrade, obra que retrata bem o folclore brasileiro, na citação abaixo Macunaíma pede em oração a Rudá que Ci não se esqueça dele:

“Rudá! Rudá!
Tu que estás no céu
E mandas nas chuvas.
Rudá! Faz que minha amada
Por mais companheiros que arranje
Ache que todos são frouxos!” (ibid., p.114)

4.8 Cantigas de roda e ninar: a Galinha Pintadinha e outras

A produtora brasileira Bromélia Filminhos lançou dois DVDs com músicas do cancionero popular brasileiro. Esses DVDs receberam respectivamente o nome de *Galinha Pintadinha 1* e *Galinha Pintadinha 2*.¹²¹ Segundo o site oficial da Galinha Pintadinha de onde foram extraídos os textos das músicas deste tópico, o objetivo principal deste produto é fortalecer a cultura e identidade ao ensinar as crianças as músicas e brincadeiras do Brasil. As canções dos DVDs são conhecidas de muitas gerações, em algumas delas aparecem palavras ou algo da cultura indígena, porém a maioria das canções de roda brasileiras são de origem européia, a primeira música do DVD diz: “*A Galinha Pintadinha e o Galo Carijó / a galinha usa saia e o galo paletó*”. *Carijó* é a denominação de uma tribo indígena, os povos indígenas pertencentes a esta tribo habitavam no litoral de Santa Catarina até o Rio Grande do Sul e pertenciam ao ramo dos guaranis. Os povos “carijós” desapareceram quase que totalmente, devido às doenças e escravidão pelos “bandeirantes”, nos séculos XVI e XVII. Por não apresentarem resistência à evangelização, estes povos foram facilmente catequizados.

Uma segunda significação remonta a um fato histórico, um grupo de navegantes,

entre eles Henrique Montes, Melchor Ramirez e o negro Francisco Pacheco, chegaram a Ilha de Santa Catarina, lá passaram a viver com as índias locais e adotaram seu modo de vida. Do relacionamento entre eles nasceram mestiços, mamelucos e cafuzos, alterando a aparência física destes povos, a cultura foi denominada carijó, esta palavra significa “arrancado do branco”, isto é, o mestiço. Desta forma, passou a chamar-se as galinhas malhadas de coloração preta e branca. Além de ser o nome de clubes, rádios, ruas e reservas ambientais espalhados pelo Brasil.¹²²

A canção Tororó diz: “*Fui no Tororó/ beber água não achei/ Achei bela menina/ que no tororó deixei/ Aproveite minha gente/ que uma noite não é nada.*” Em algumas regiões esta música também é chamada de Itororó. A palavra *Tororó* é o nome de um município brasileiro no Estado da Bahia, essa palavra significa barulho do riacho, da fonte ou da água nascendo na pedra, de *itá* (pedra) e *roró*, sendo assim, é usada com o significado de “pequena fonte de água”

O Sapo Cururu é outro exemplo, a música diz: “*O Sapo Cururu,/ Na beira do rio,/ Quando o sapo canta, ô maninha,/ É porque tem frio.*” A palavra *Cururu* quer dizer “sapo” em língua guarani, como afirma Luíz Caldas Tibiriça “cururu- zool. sapo.” Além disso, a palavra cururu possui vários significados, além de ser uma espécie de planta medicinal é uma dança caipira primitiva de caráter religioso (Tibiriça, 1989, p.73).

Em muitas canções de ninar aparecem vocábulos da fauna, da flora e topônimos brasileiros, alguns exemplos são: *Quando o jacaré se aproximou/ E o indiozinho olhou pra baixo/ E o bote quase virou.* Da música Indiozinho, *jacaré* é um termo da fauna brasileira. Da flora pode-se citar como exemplo: *A barata diz que tem / Uma saia de marfim/ É mentira da barata/ Ela tem é de capim (...).* Esta canção chama-se *A Barata*, *capim* é um termo do Tupi. Na música *Meu limão* meu limoeiro aparece o termo de origem Tupi *jacarandá*, uma árvore da família das leguminosas. Na letra da canção *Escravos de Jó* há um vocábulo de origem tupi: “*Escravos de jó/ Jogavam caxangá/ Tira, põe,/ Deixa ficar (...).*” Apesar de não se saber a origem certa de *Caxangá* é provável que seja uma palavra do Tupi. De acordo com o *Dicionário*

121 Galinha Pintadinha. Disponível em: www.galinhapintadinha.com.br Acesso em: 15 outubro 2011.

122 Inforum insite. *História de Santa Catarina: Período Colonial (1500-1822)*, Parte I, *O descobrimento e o Reconhecimento da Costa*. Disponível em: inforum.insite.com.br/arquivos/11312/colonia.doc Acesso em: 12 maio 2012.

Aurélio a palavra significa o mesmo que *siripuaã*, uma espécie de crustáceo decápode distribuído dos Estados Unidos até o Uruguai. Já *caxinga* sem acento o *Dicionário Aurélio* define como *catínga* (Ferreira, 1986, p.375-76). Exemplos da toponímia aparecem em canções de roda tais como: “*O Meu Boi Morreu: O meu boi morreu/ O que será de mim/ Mande buscar outro, oh Morena/ Lá no Piauí ou em O Meu Galinho: Já rodei em Mato Grosso, ola lá!/ Amazonas e Pará, ola lá!/ Encontrei, ola lá!/ Meu galinho, ola lá! No sertão do Ceará!*”¹²³

Outras músicas infantis onde aparecem palavras indígenas são as do *Cocoricó* é uma série infantil brasileira produzida e exibida pela TV Cultura em parceria com a TV Rá-Tim-Bum, o criador desta série é Fernando Gomes, desde 2001 gerente de conteúdo infantil da TV Cultura. Segundo o blog do seu criador, suas primeiras exibições ocorreram há dez anos, mas não foram tão bem sucedidas como na temporada atual do *Cocoricó*. Os dois DVDs com as músicas e episódios do *Cocoricó*, produziram um grande sucesso comercial. O *Cocoricó* é a história das aventuras do menino Júlio de 8 anos na fazenda Cocoricolândia onde vai passar férias na casa dos seus avós. Ele e os animais da fazenda cantam muitas canções, aparecem nos textos muitas palavras indígenas de modo semelhante às canções de roda observadas no capítulo acima, a maioria das músicas com termos indígenas se referem à fauna, flora e toponímia brasileira, mas há a canção *lara* que conta a lenda indígena de mesmo nome.¹²⁴

Os textos das músicas do *Cocoricó* foram retirados de um site da internet. Entre as músicas são encontrados também verbos. Na canção, cujo título é *A história do cocô* aparece a palavra *xingamento*, o verbo *xingar* tem origem indígena. Também o verbo *cutucar*, que aparece na música *A vó a bordar* e cujo significado já foi tratado no capítulo sobre as expressões coloquiais. Outra canção chamada *Canção do Dicionário* aborda em seu texto a existência de vocábulos de outras línguas como a indígena, africana, árabe, francesa, inglesa, japonesa e a chinesa no português do Brasil, a respeito dos termos indígenas a canção diz: “*Quando Cabral chegou de Portugal descarregou no Brasil um monte de palavras portuguesas,/ Milho, trigo, pão, facão, companheiro, panela./ E as palavras portuguesas se formaram com as*

123 As letras das Cantigas de roda “Catapramim”. O Meu Boi Morreu. Disponível em: <http://www.alzirazulmira.com/cantigas.htm> Acesso em: 15 junho 2012.

124 TV Cultura. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/cocorico/> e <http://letras.terra.com.br/cocorico/1635030/> Acesso em: 10 outubro 2011.

*palavras dos índios que viviam por aqui,/ Mingau, jaboticaba, abacaxi, jacaré, jequitiba, piauí, igarapé.*¹²⁵

Da flora aparece na música *Canção Para o tio Franz* a palavra *capim*, o tema da canção é a queima da Floresta Amazônica para a criação de gado. A canção *Goiabinha da Vovó* refere-se ao fruto goiaba, cujo nome vem do aruaque. Nesta música aparece também a palavra *mocotó*, uma comida tradicional brasileira que recebeu um nome indígena.

De todas as músicas do Cocoricó a que mais fala da cultura e dos vocábulos indígenas emprestados ao Português do Brasil é *Tu Tu Tu Tupi*, quem a canta é a personagem da fazenda chamada Oriba, uma indiazinha da tribo Tupi que habita a mata perto da fazenda onde moram os avós do personagem principal. Sempre que visita a fazenda Oriba conta histórias sobre os hábitos e a cultura indígena. A música *Tu Tu Tu Tupi* começa assim: *“Todo mundo tem/ um pouco de índio/ dentro de si/ dentro de si” a seguir fala sobre a língua e sobre sua presença: Todo mundo fala/ língua de índio/ Tupi Guarani/ Tupi Guarani*”,¹²⁶ a seguir o autor desta canção salienta que todos falam uma língua indígena às vezes sem mesmo saber: *“E o velho cacique já dizia/ tem coisas que a gente sabe/ e não sabe que sabia.”* Na estrofe que segue Oriba fala de como os índios deram nomes ao lugar: *“O índio andou pelo Brasil/ deu nome pra tudo que ele viu/ Se o índio deu nome, tá dado!/ Se o índio falou, tá falado!/ Se o índio chacoalhou/ tá chacoalhado!”*¹²⁷ Depois se mostra muitos exemplos em todas as áreas onde emprestou-se vocábulos ao Português do Brasil a saber:

Flora e frutos: *“Jaboticaba Caju Maracujá/ Pipoca Mandioca Abacaxi/ é tudo tupi/ tupi guarani”*

Fauna: *“Tamanduá Urubu Jaburu/ Jararaca Jibóia / Tatu/ Tu Tu Tu/é tudo tupi/tupi guarani Arara Tucano Araponga Piranha/ Perereca Sagüi Jabuti Jacaré/ Jacaré Jacaré/ quem sabe o que é que é?/ - ...aquele que olha de lado [...].”*

Topônimos: *“Maranhão Maceió/ Macapá Marajó/ Paraná Paraíba/ Pernambuco Piauí/ Jundiaí Morumbi Curitiba Parati/ É tudo tupi/ Butantã Tremembé Tatuapé/*

125 Cocorico. Disponível em: <http://cocorico.musicas.mus.br/letras/1635059/> Acesso em: 11 outubro 2011.

126 Ibid.

127 Ibid.

*Tatuapé Tatuapé/ quem sabe o que é que é?- ...caminho do Tatu.../ Tu Tu Tu Tu/
Todo mundo tem [...]*¹²⁸

A presença indígena no mundo infantil persiste até os dias atuais, através das lendas e músicas as palavras indígenas são passadas de geração a geração. No Brasil as cantigas de ninar tiveram influência de diferentes culturas, a saber: européia, africana e indígena, muitas vezes, a mesma cantiga apresenta diferentes letras, ao entrar em contato com outras culturas ela acaba transformando-se e sendo transformada de acordo com as necessidades e crenças. *Brazilian Lullaby*¹²⁹ é um CD que apresenta algumas das mais conhecidas cantigas populares brasileiras para ninar, algumas destas canções possuem em seus textos termos indígenas ou por vezes o próprio título já é uma destas palavras, pode-se citar alguns exemplos, a saber: *Tutu Marambá*, *marambá* é uma palavra de origem indígena, segundo o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda é o nome popular para um tipo de árvore do Pará. Porém na canção o significado de Tutu Marambá é outro, é um sinônimo de bicho-papão, boitatá, papa gente, papa-figo, como se pode observar na continuidade da música: “*não venha mais cá/ Que o pai do menino te manda matar/ Bicho papão sai de cima do telhado [...]*”¹³⁰ Tutu Marambá é uma versão de uma cantiga de ninar portuguesa: “*Vai-te, coca, vai-te, coca, Prá cima do telhado/Deixa dormir o menino Um soninho sossegado.*”

O título de outra canção deste CD é: “*Boi da cara preta / tutu marambá / nana neném* esta é uma compilação de três canções de ninar muito conhecidas no Brasil, há uma estrofe sobre o Tutu Marambá: *Tutu marambá/ Sai de cima do telhado/ Deixa esse menino dormir sossegado [...]*”¹³¹ Segundo crenças populares o Tutu Marambá atrapalha a criança que está dormindo ou vem chupar seu umbigo, esta figura também aparece no livro *Macunaíma* de Mario de Andrade:

“Mandaram buscar na Bolívia uma tesoura e enfiaram ela aberta debaixo do cabeceiro porque sinão Tutu Marambá vinha, chupava o umbigo do piá e o dedão do pé de Ci. Tutu Marambá veio, topou com a tesoura e se enganou: chupou o olho dela e foi-se embora satisfeito” (Andrade, 1993, 21)

Há neste CD a canção *curió*, *curió* é um nome indígena para um pássaro que tem seu habitat principalmente na Amazônia, nesta canção aparece muitas vezes a palavra *curió*, a saber: “*Curió, curió/ Curió vem aqui/ Cantar bem perto de mim/ Curió*

128 Ibid.

129 Muszkat, Eduardo, *Brazilian Lullaby*, CD, ellipsis arts..., Cologne, Germany.

130 Ibid, canção número 10.

vem/ Curió vem, vem, vem/ Curió cantador/ Vem cantar bem perto de mim/ Quero ouvir seu canto/ Eu preciso de alguém / Vem, vem/ Curió vem, vem, vem.”¹³²

Murucututu do Murundu é uma canção para ninar típica da região Norte do Brasil, principalmente do Amazonas e Pará, nessa região murucututu é uma coruja, segundo uma lenda quando a coruja canta algo ruim acontecerá, no entanto, ornitologistas explicam que provavelmente a lenda se originou devido ao som produzido, que parece o som de um ventríloco, o que dificulta a sua localização, sendo assim tem-se a impressão de que o som do seu canto está em todos os lugares e que vem do além. O texto da lenda diz o seguinte: “*Murucututu, detrás do Murundu / Murucututu detrás do Murundu / Lá vem a sinhá velha lá da banda do angu / Lá vem a sinhá velha lá da banda do angu / Jacaré tutu / Jacaré mandu/ Tutu vai embora! / Não leva meu filhinho/ Murucututu.*”¹³³ O Murucututu também aparece em Macunaíma, o herói estava muito triste, porque sua companheira subiu aos céus e o deixou, seu irmão Maanape invoca Murucututu para que empreste o sono a Macunaíma: “*Maanape engolia as lágrimas, invocando o Acutipuru o Murucututu o Ducucu, todos esses donos do sono e acalantos assim: Acutipuru, / Empresta vosso sono / Pra Macunaíma / Que é muito manhoso!...*” (Andrade, 1993, 23)

4.9 O gaúcho e seu léxico indigenista

Há muitas palavras do linguajar dos gaúchos,¹³⁴ que foram emprestadas das línguas indígenas, estes vocábulos não são necessariamente todos de origem da família Tupi-Guarani, há termos da língua dos povos charruas, minuanos e mesmo do quíchua. Para buscar termos e expressões gauchescas para este capítulo utilizou-se principalmente o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Aurélio Buarque de Holanda que descreve as palavras usadas no sul do Brasil, o livro *500 Anos de História da Erva-mate*, um dicionário gaúcho disponível no *Portal Amigos da Tradição* na internet e o livro *Rio Grande do Sul: História e Identidade*.

O termo gentílico “gaúcho” caracteriza os habitantes do Rio Grande do Sul, não há

131 Ibid, canção número 11.

132 Ibid, canção número 16.

133 Ibid, canção número 17.

134 “In erweiterter Anwendung des Wortes wurde erst der Fazendeiro selbst zum Gaucho, und da er vor hundert und mehr Jahren als – expressão máxima- des riograndenser Volkstyps angesprochen werden durfte, fand das Wort nach und nach allgemeine Anwendung auf die Söhne des großen Staates im Süden der brasilianischen Union überhaupt.” (Buggenhagen, 1951, p. 75).

um consenso geral em quanto a sua origem, alguns dizem que o nome é de origem indígena, outros espanhola ou francesa. Este termo surgiu no fim do século XVIII e até meados do século XIX esta palavra tinha um sentido pejorativo, designava homens que não viviam conforme as leis, eles eram considerados ladrões, perturbadores da paz, vagabundos que roubavam as fazendas e as missões jesuíticas, e só trabalhavam sazonalmente nas fazendas. Pouco a pouco o termo “gaúcho” foi adquirindo um sentido positivo. Esses homens passaram a fazer parte das tropas militares locais contra as tentativas de invasão portuguesa ou espanhola. A partir daí o termo significou valente, destemido, amantes da liberdade, entre outros. Só após a Revolução Farroupilha (1835-45) e principalmente depois da Guerra do Paraguai (1860-65) passou a designar os nascidos no Rio Grande do Sul (Saravis, 2008, p.25-27).

Os primeiros habitantes do hoje território rio-grandense eram grupos indígenas, acredita-se que eram três os principais grupos: o Jê, o Pampeano e o Guarani. Os indígenas antes da chegada dos europeus eram predominantemente nômades e caçadores, poucas vezes se dedicavam à agricultura (Saravis, 2008, p.38-40).

Os vocábulos indigenistas emprestados estão ligados principalmente ao modo de vida e as tradições gauchescas. O gaúcho é muito ligado ao campo e a vida simples que ele proporciona, no seu vocabulário aparecem palavras indígenas para a fauna e flora e toponímia, há também termos relacionados aos costumes como o hábito de tomar chimarrão ou ainda vocábulos pejorativos. Os empréstimos ao léxico gauchesco originam-se principalmente da língua portuguesa, espanhola e algumas línguas indígenas.

Das línguas indígenas emprestou-se vocábulos e costumes assim como aconteceu em outras partes do Brasil, porque os indígenas conviveram com os europeus, seja por meio da colonização, escravização, do trabalho como empregados nas suas fazendas ou pelos casamentos por concubinato. As tribos indígenas que habitavam as regiões do Pampa, ou seja, os charruas e minuanos muito contribuíram para a formação do povo gaúcho. A miscigenação com o europeu juntou as duas culturas: a europeia e a ameríndia.

Manoelito Savaris, Presidente da Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, cita em seu livro *Rio Grande do Sul: História e Identidade*, as contribuições

indigenistas deixadas no sul do Brasil:

“A eles são atribuídas algumas características do gaúcho, tais como o apego à terra, o gosto pela liberdade e hábitos como o do chimarrão, o uso do laço e das boladeiras, mas uma das contribuições relevantes dos indígenas está na adoção da língua especialmente para identificação de acidentes geográficos. Segundo A. A. Fagundes há aproximadamente 2.500 toponímicos de origem indígena, quase todos da língua guarani” (Savaris, 2009, p.63)

Faziam parte do vestuário gaúcho o chiripá, poncho e bota de garrão de potro.¹³⁵ O termo *chiripá* é indígena, era usado até o início do século XIX, no sul do Brasil, Argentina e Uruguai, esta vestimenta surgiu no século XVIII e era uma vestimenta própria das tribos charruas, minuanos, etc. Os povos indígenas vestiam-se de acordo com as prescrições dos Tapes e mais tarde segundo as crenças religiosas dos jesuítas. Esta indumentária era usada principalmente pelos empregados das estâncias, porém, os estancieiros usavam roupas vindas da Europa, o chiripá foi substituído pela bombacha no século XIX.¹³⁶ O *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* define este termo da seguinte forma: “*chiripá. [Do quíchua pac, ‘para o frio’, atr. do esp. plat. Chiripá.] S.m. Bras., Vestimenta sem costura, usada pelos gaúchos habitantes do campo, e que consistia num metro e meio de fazenda que, passando por entre as pernas, era presa à cintura por uma cinta de couro ou pelo tirador.*” (Ferreira, 1986, p.370).

O termo *pampa* é uma palavra indígena, cujo significado é planície, pampas é o nome da vegetação rasteira típica da região meridional da América do Sul. Há outros significados, é o nome dos animais de cara branco, também dos cavalos malhados em todo o corpo, o gaúcho percorre os pampas com seu cavalo (Ferreira, 1986, p.1254). A expressão popular “às pampas” o mesmo que “à pampa” ou “às pamparras” significa em grande quantidade ou intensamente, à beça, esta palavra vem do quíchua (Ferreira, 1986, p.1254; Mello, 2009, p.52).

O livro *500 Anos de História da Erva-mate* fala sobre o hábito do gaúcho de tomar chimarrão,¹³⁷ esta é uma bebida muito apreciada no sul do Brasil e é um dos fortes símbolos gauchescos. Apesar da palavra chimarrão não ser de origem indígena seu hábito é um legado dos povos indígenas, dos quíchuas, aimarás e guaranis. Nos

135 Portal da tradição. Disponível em: <http://www.amigosdatradicao.com.br/?pg=1&act=19> Acesso em: 15 abril 2012.

136 Ibid.

137 O chimarrão é uma bebida típica da América do Sul, esta tradição tem suas raízes na cultura Guarani, esta era a bebida diária do Guarani, ao princípio os jesuítas tentaram impedir o consumo da erva-mate, porque acreditavam que era alucinógena, já que era consumida nos rituais religiosos dos pajés e estes entravam em transe durante as cerimônias. Mais tarde os jesuítas liberaram seu consumo e inclusive começaram a produção e comercialização, este produto tornou-se importante para a economia nas Missões. (cf. Venturini, 2009, p. 42).

termos relacionados à preparação e os diferentes tipos de mate, nome pelo qual também se conhece o chimarrão, encontram-se muitas palavras de origem indígena como: *sapeco*, *caiguá*, *tacuapi*, *carijó*, *barbacuá*, *jujo* (Berkai, 2000, p.22, 28, 39, 43, 78). Erva-caúna é como é chamada a erva de má qualidade, o termo *caúna* deriva do Tupi e significa “amarga”. *Cuia* é o nome do utensílio onde se bebe o chimarrão e tererê, esta palavra também vem do Tupi.

As palavras *guri*, *piá*, *guria* também são heranças deixadas pelos indígenas, *guri* e *piá* são sinônimos de menino, adolescentes e jovens, *guria* é o correspondente feminino. *Guri* deriva do termo Tupi *gwi'ri*, cujo significado é filhote de bagre. A mulher do índio recebe o nome de china, desta palavra originam-se outras como *chinoca* e *chinaredo*. É possível que este termo venha do quíchua de *xina*, cujo significado é “aia”. Também é usado como sinônimo para prostituta ou mulher de vida fácil.

Muitas palavras da culinária gaúcha também são de origem indígena o *aipim* é uma expressão usada para mandioca no sul do Brasil, no nordeste se chama *macaxera*, o hábito de comer mandioca também é um legado indígena, seu significado etimológico é “raíz enxuta” das palavras *a-ypi* (Ferreira, 1986, p 397).

Da fauna, flora, frutos e toponímia alguns exemplos são: *boiguaçu* (cobra grande), *capivara* ou *capincho*, *guaieca*, *guapeca*, *guaipê*, *jaguara* palavras usadas para designar cães vira-latas no sul do Brasil Frutos: *guabiju* (fruta semelhante à jaboticaba). Topônimos: *Aceguá*, *Sarandi*, *Erechim*, *Jaguarão*, *Ajuricaba*, *Bagé*, *Butiá*, *Caiçara*, *Canguçu*, entre outros.

A palavra *pitá* é sinônimo de fumar no sul do Brasil, no Dicionário Português Guarani, Tibiriçá confirma esta afirmação, “pitá – v. fumar” (Tibiriçá, 1989, p.146), sendo assim pode-se observar que esta palavra também tem as suas origens nas línguas indígenas. Há muitas palavras e expressões indígenas utilizadas pelo gaúcho em seu cotidiano a expressão *tche*, por exemplo, muito utilizada no sul, significa eu em guarani. Alguns nomes pejorativos de origem indígena próprios do sul do Brasil são: *bruaca* (mulher feia), *anta* (sinônimo de abobalhado), *muquirana*, *gambá*, entre outros.

Pode-se concluir este capítulo afirmando que a presença indígena no sul do Brasil é significativa, o convívio com os índios no passado contribuiu para os empréstimos

não só de vocábulos, mas também para intercâmbios culturais. Como é possível observar pelas tradições dos gaúchos atualmente. Essa herança indígena está muito ligada ao desenvolvimento histórico e étnico dos habitantes dos pampas, ao seu estilo de vida e cultura. Lyle Campbell afirma em *Historical linguistics: an introduction* que o conteúdo dos vocábulos emprestados dizem muito a respeito do tipo de relação social que tiveram as pessoas que falavam as diferentes línguas que entraram em contato: “The semantics content of loanwords often reveals a great deal about the kinds of contacts that took place and thus about the social relationships among different peoples.” (cf. Campbell, 1998, p.59).

4.10 Situação atual dos povos indígenas

A Constituição da República Federativa do Brasil homologada em 5 de outubro de 1988 estabelece no Capítulo III Art. 13º que a língua portuguesa é a língua oficial da República Federativa do Brasil. Todas as línguas indígenas existentes no Brasil são aceitas, mas não são consideradas como línguas oficiais, há uma grande dificuldade em preservá-las já que são línguas minoritárias e muitas delas estão ameaçadas de extinção.

Os direitos indígenas só passaram a ser reconhecidos a partir desta mesma Constituição. No Capítulo VIII Art. 2º 31 e Art. 232º da Constituição é reconhecido aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e também os direitos sobre as terras as quais ocuparam tradicionalmente. Perante a lei podem permanecer com suas origens, línguas e identidades culturais.¹³⁸

Porém, a história nem sempre foi assim, o Estado Novo ficou conhecido pela repressão às línguas estrangeiras, nesta época além das línguas indígenas, as línguas dos imigrantes alemães, italianos, japoneses, poloneses, ucranianos e outros povos foram proibidas, acabando assim com a variedade lingüística existente. O Estado Novo fazia propagandas com filmes, cartazes, programas de rádio e livros para evocar um sentimento um nacionalismo, uma brasilidade.

Durante a ditadura militar, período de 1964 a 1980 houve novamente a repressão às línguas indígenas por parte do governo brasileiro, os militares proibiram aos índios de falar qualquer outra língua que não fosse o Português.

Para além, houve uma grande dizimação indígena, na década de 70 com a abertura da Transamazônica e outras estradas, todas as tribos que habitavam esta região sofreram um impacto enorme. Em Rondônia, a construção das estradas e contato com os brancos teve um impacto enorme sobre os povos indígenas Siruís, a população que contava inicialmente entre 800 e 1000 pessoas foi reduzida a 250 pessoas em dez anos.

No que se refere aos direitos dos povos indígenas, a situação atual está melhor, no entanto, os brasileiros ainda sabem muito pouco sobre eles ou associam a imagem dos índios ao passado à época dos descobrimentos, como afirma o ex-presidente da Funai (Fundação Nacional do Índio) Marcos Augusto Freitas de Meira, segundo ele nas escolas ainda se fala que os índios “viviam” no Brasil ou “moravam” em ocas, sempre no passado, o que contribui para o pensamento de que o índio não existe atualmente, para Freitas de Meira desde pequenos as crianças aprendem a ver o índio como parte do passado e sem um lugar no presente e no futuro.

Um artigo de 2009 escrito por Hugo Bachega e publicado na revista *Brasil Atual* mostra que os direitos indígenas ainda não estão sendo respeitados como deveriam ser, entre os problemas apontados pelo autor encontram-se: a invasão de muitas das terras indígenas, as condições de saúde e educação precárias e a falta de justiça no julgamento de assassinatos e violações contra os indígenas. Neste artigo Bachega apresenta um relatório da ONU, no qual esta condena a política de governo brasileiro em relação aos índios. Segundo James Anaya, representante da ONU para os Direitos Humanos e Liberdades Fundamentais dos Povos Indígenas os índios não são consultados a respeito de atividades, como a extração de recursos naturais, que afetam diretamente a vida da comunidade. Além disso, um “grave” problema é a invasão e ocupação das terras indígenas de forma ilegal, estas invasões ocorrem mesmo nas terras demarcadas e registradas pelo governo. Anaya elogia, no entanto, o trabalho da Funai (Fundação Nacional do Índio) e da Funasa (Fundação Nacional de Saúde).¹³⁹

A ocupação das terras indígenas é uma prática corrente nos últimos anos.

138 Constituição da República Federativa do Brasil Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm Acesso em: 25 abril 2012.

139 Bachega, Hugo, *ONU critica governo e diz que índio precisa ser melhor assistido*, publicado em 28.08.2009, Rede Brasil Atual. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2009/08/onu-critica-governo-e-diz-que-indio-precisa-ser-melhor-assistido> Acesso em: 15 maio 2012.

Recentemente no Paraguai foram divulgadas pela mídia, imagens registradas por satélite que mostram o desmatamento de 4.000 hectares de floresta. Os principais responsáveis são pecuaristas que utilizam a terra para a criação de gado, este desflorestamento está provocando o recuamento do povo *ayoreo totobiegosode*, o último povo indígena isolado -com exceção dos povos indígenas da Amazônia- da América do Sul.¹⁴⁰

Nos últimos anos muitos indígenas estão sendo assassinados. Em dezembro de 2011 houve no Brasil, o assassinato de um líder guarani Nisio Gomes. Pistoleiros mascarados entraram na aldeia indígena guarani e o mataram com muitos disparos. Isto provavelmente ocorreu, porque em novembro do mesmo ano, um grupo de aproximadamente 60 pessoas voltou às terras que pertenciam aos seus ancestrais. Estes indígenas já tinham sido expulsos de outras fazendas por criadores de gado, as ameaças aos povos indígenas são constantes. Outro caso semelhante foi o assassinato em 2003 de Marcos Veron, um líder indígena guarani, assassinado pelos empregados de um rico fazendeiro brasileiro. Os acusados não foram julgados por crime de homicídio, cuja pena é maior, apenas foram julgados por tortura, formação de quadrilha armada e sequestro.¹⁴¹

De acordo com dados do Cimi (Conselho Indigenista Missionário) em 2011 no Brasil, 47 índios foram assassinados de maneira violenta, a maior parte destes homicídios aconteceu no Mato Grosso do Sul, devido aos conflitos entre fazendeiros e índios que reivindicam a posse da terra. A maioria das vítimas pertence aos povos Guarani Kaiowá. Estas constantes disputas pelas terras demonstram que o problema do extermínio indígena continua sendo bem atual.¹⁴²

No que concerne aos direitos indígenas atuais, Dilma Rousseff, atual presidente do Brasil, homologou em 12 de junho de 2012 sete terras indígenas, encontrando-se elas no estado norte do Brasil, além disso, assinou o decreto da Política Nacional de Gestão Ambiental em Terras Indígenas e anunciou a criação de um comitê com o objetivo de executar medidas envolvendo a política de saúde indígena.

140 Survival: por los pueblos indígenas, *Bosque de indígenas aislados arrasado para pastos*. Disponível em <http://www.survival.es/noticias/4979> Acesso em: 26 maio 2011©GAT/ Survival.

141 Survival: por los pueblos indígenas, *Los guaraníes* Disponível em: <http://www.survival.es/indigenas/guarani/marcosveron#main> Acesso em: 20 janeiro 2012.

142 Carvalho, Cleide, *Quarenta e sete índios foram assassinados no Brasil em 2011*, Agência O Globo. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/quarenta-sete-%c3%adndios-foram-assassinados-brasil-2011-225642296.html> Acesso em: 31 janeiro 2012.

Durante seu governo tem havido muitos protestos principalmente devido à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte na bacia do rio Xingu, prevista para entrar em funcionamento em 2015. O planejamento e construção da hidrelétrica de Belo Monte já dura muitos anos, mas apenas em 2009 quando foi apresentado o novo Estudo de Impacto Ambiental (AIE) os protestos e debates começaram. Esta construção pode interferir na vida e hábitos de muitas tribos indígenas e espécies animais e vegetais que dependem deste rio para sobreviver.

A história brasileira é inseparável da indígena, negar uma é negar a outra, a herança deixada pelos nativos como se pode observar é inconfundível e permanece até os dias atuais. Talvez o maior obstáculo a ser superado atualmente no que concerne a questão indígena seja conscientizar a população brasileira sobre a importância do papel indígena na sociedade e a importância de preservar suas línguas e culturas, pois estes são um patrimônio da humanidade.

CONCLUSÃO

Neste trabalho o objetivo central foi analisar as influências das línguas indígenas no Português do Brasil, situando os empréstimos no contexto histórico e sempre que possível tentando entender o porquê destes empréstimos que começaram em tempos passados na época dos primeiros descobrimentos e estendem-se até os dias atuais. Buscou-se classificá-los seguindo os dois princípios que para Lyle Campbell em *Historical Linguistics: An Introduction* são os grandes motivadores dos empréstimos em geral, são eles: a necessidade e o prestígio. Para além, foram abordados os empréstimos atuais, ou seja, os principais empréstimos indígenas que ocorreram nos séculos XX e XXI.

De fato, pode-se concluir que o contato histórico entre portugueses e nativos e suas respectivas línguas foi determinante para emprestar a maioria dos vocábulos indígenas ao português brasileiro. A colonização do Brasil teve um papel determinante nestes primeiros empréstimos, já que como o europeu não conhecia muitos elementos locais e estes muito se diferenciavam da Europa, por “necessidade” acrescentou vocábulos ao seu léxico, desta forma, junto a cada vocábulo emprestado a uma língua empresta-se também um novo conceito adquirido como afirma Campbell na obra já citada. No Brasil pode-se observar este fenômeno principalmente na fauna e flora, onde 70% dos nomes em Português destas duas áreas derivam de línguas indígenas. A maioria dos animais e plantas exóticas que os portugueses não conheciam preservaram seus nomes originais.

Na época do descobrimento do Brasil e nos séculos que transcorreram a sua colonização desenvolveu-se uma situação de bilinguismo, onde colonizadores, exploradores e missionários que chegavam ao Brasil aprendiam a língua dos nativos. A língua dos Tupinambás que habitavam a costa brasileira foi escolhida como língua padrão, esta língua foi pouco a pouco adquirindo um estatus de língua de prestígio até tornar-se a chamada Língua Geral e ser falada em muitas partes do Brasil até o século XVIII. Por esta época os bandeirantes entravam nas matas fechadas, expandiam os limites do território português e fundavam cidades com nomes em Tupi, muitas cidades com topônimos Tupis nunca foram habitadas por índios Tupinambás. De fato nesta época percebe-se a segunda razão mencionada por Campbell o “prestígio”. A língua dos nativos adquiriu tamanho prestígio que

superou o Português, o Marquês de Pombal percebendo que a Língua Geral representava um possível perigo para a língua portuguesa decidiu proibi-la em 1758 em todo território nacional.

No século XX renasce o índio, principalmente na literatura, os escritores indianistas vão buscar no passado suas origens, começa desta maneira a busca pela identidade nacional, a união de duas nações diferentes formaria assim um povo miscigenado, uma outra nação. Esta tendência parece ainda estar presente atualmente, nos dois últimos séculos há uma forte presença indígena por meio de antropônimos, lendas, canções, traços culturais, entre outros. Estas tendências atuais na busca de nomes indígenas parecem não serem nem por necessidade e nem por prestígio, sobretudo é a busca de uma brasilidade, uma imagem que reafirma a de um país exótico com nomes exóticos e distintos.

Talvez seja por isso que a imagem que se tem das populações indígenas esteja se tornando mais positiva, está sendo menos associada a clichês como o de que os índios são populações passivas, atrasadas e selvagens. Muitos destes clichês estiveram presentes na história do Brasil durante vários séculos, surgiram motivados por razões políticas, econômicas ou sociais. Estas imagens começaram a mudar quando através da Constituição de 1988 os povos indígenas ganharam direitos que até então não possuíam. A Constituição os reconhecia como índios e possibilitava-lhes perante a lei de permanecerem com suas origens e identidades culturais.

A história brasileira é inseparável da indígena, negar uma é negar a outra, a herança deixada pelos nativos como se pode observar é inconfundível e permanece até os dias atuais. Talvez o maior obstáculo a ser superado atualmente no que concerne a questão indígena seja conscientizar a população brasileira sobre a importância do papel indígena na formação da sociedade e a importância de valorizar e preservar suas línguas e culturas, pois estes são um patrimônio da humanidade.

Conclui-se também por este trabalho que a influência indígena apesar de aparecer principalmente em alguns campos como o léxico é bastante ampla e estende-se até os dias atuais, ela contribuiu e contribui para enriquecer o português do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Telê Porto Ancona Lopez, 29 ed., 1993.

ANDRADE, Mário Raul Moraes, SACHS, Sonia. *Vida literária*. São Paulo: Hucitec, 1993.

ALENCAR, José. *Iracema*. São Paulo: Novo Século Editora, 2002.

ALENCAR, José. *O guarani*. Rio de Janeiro: Min. da educação e cultura, Inst. nac. do livro, 1958.

ALENCAR, José. *Ubirajara*. São Paulo: E. Ática, 1995.

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Comissão de Cidadania e Direitos Humanos, Coletivos guarani no Rio Grande do Sul: territorialidade, interetnicidade, sobreposições e direitos específicos*. Porto Alegre: CCDH, 2010.

BANDEIRA, Manuel. *Gonçalves Dias: Poesias*. Rio de Janeiro: livraria Agir Editôra, 1958.

BERKAI, Dorival, BRAGA, Clóvis Airton. *500 Anos de História da Erva-mate, Canoas*: Editora Cone Sul, 2000.

BUGGENHAGEN, Erich Arnold von. *Worteigentümlichkeiten der brasilianischen Sprache*. São Paulo: Inst. Hans Staden, 1951.

BUNSE, Heinrich A., *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul: (problemas, métodos, resultados)*, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969.

CALDEIRA Jorge et al. *Viagem pela História do Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2.ed., 1997.

CAMINHA, Pero Vaz de. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1943.

- CAMPBELL, Lyle. *Historical linguistics: an introduction*. United States of America: Edinburgh University Press, 1999.
- CAMPBELL, Lyle. *American Indian languages: the historical linguistics of native America*. New York: Oxford Univ. Press, 1997.
- CAMPBELL, Lyle, POSER, William J. *Language classification: history and method*. New York: Cambridge University Press, 2008.
- CÂNDIDO, Jucá. *Uma obra clássica brasileira: "Iracema", de José de Alencar. vocabulário, morfologia, taxaeonomia, sintaxe, fraseologia*. 1949.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global Editora, 2ª ed, 2002.
- CAVALLI-SFORZA, L.L. et al. *The history and geography of human genes*. New Jersey: Princeton, 1994.
- CHAMORRO, Graciela. *Terra Madura Yvy Araguayje: Fundamento da Palavra Guarani*. Dourados: Editora UFGD, 2008.
- CLASTRES, Pierre. *La palabra luminosa: mitos y cantos sagrados de los guaraníes*. Buenos Aires: Ediciones Del Sol, 1993.
- COLAÇO, Luzia Thaís. *"Incapacidade" indígena tutela religiosa e violação do direito guarani nas missões Jesuíticas*, Curitiba: Juruá Editora, 2009.
- COUTO, Hildo Honório do. *Das Konsonantensystem des Guarani*. Regensburg, 1978.
- COUTO, Jorge. *A Construção do Brasil*. Lisboa: Edições Cosmos, 1995.
- CUNHA, Celso Ferreira da, CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa, 1984.
- DIAS, Antônio Gonçalves. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- DONATO, Hernâni. *Brasil 5 Séculos*. São Paulo: Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, 2000.

- DOOLEY, Robert A. *Vocabulário do Guarani: Vocabulário Básico do Guarani Contemporâneo (Dialeto Mbüa do Brasil)*, Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1982.
- ELIA, Sílvio. *El portugués en Brasil: historia cultural*. Madrid: Ed. Mapfre, 1992.
- FAGUNDES, Antônio Augusto. *Indutária gaúcha*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- FASOLI-WÖRMANN, *Sprachkontakt und Sprachkonflikt in Paraguay: Mythos und Realität der Bilinguissituation*. Wien: Frankfurt am Main, 2002.
- FEEST, Christian F., KANN, Peter. *Das Altertum der Neuen Welt: Voreuropäische Kulturen Amerikas*. Berlin: Reimer, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1986.
- FISHMAN, J.A., JOSHUA, A. et al. *The Fergusonian impact: in honor of Charles A. Ferguson on the occasion of his 65th birthday*, Mouton de Gruyter. Berlin, 1986.
- GARCIA, Rodolfo. *Nome de parentesco em língua tupi*, Biblioteca Rio de Janeiro, 1944. Disponível em: Biblioteca Digital Curt Nimuendaju
http://biblio.etnolinguistica.org/garcia_1944_nomes
- GRUZINSKI, Serge et al. *A outra margem do Ocidente*. Rio de Janeiro: Minc - Funarte Companhia das Letras, 1998.
- HAARMANN, Harald. *Weltgeschichte de Sprachen*. München: C.H. Beck oHG, 2006.
- HAARMANN, Harald. *Kleines Lexikon der Sprachen: von Albanisch bis Zulu*. München: C.H. Beck oHG, 2001.
- HAARMANN, Harald. *Lexikon der untergegangenen Sprachen*, München: C.H. Beck oHG, 2002.
- KRIVOSHEIN de CANESE, Natalia, CORVALAN, Graziella. *El español del Paraguay*

en contacto con el guaraní. Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos. Asunción; 1983.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, VII, 1950.

LIEBGOTT, Roberto Antonio. *Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul: Territorialidade, Interetnicidade, Sobreposições e Direitos Específicos- capítulo Os Guarani e a luta pela terra*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul/Comissão de Cidadania e Direitos Humanos, 2010.

LINDENBAUER, Petrea; METZELTIN, Michael; THIR, Margit. *Die romanischen Sprachen: eine einführende Übersicht*. Wilhelmsfeld: Gottfried Egert Verlag, 1995.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A – Indústria e Comércio, 1977.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Livr. Acad., 2.ed., 1954.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2. ed., 1970.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim, NARO, J. e REIGHARD, John. *The Portuguese language: with an analytical bibliography of the writings of Joaquim Mattoso Câmara Jr.* Chicago: Univ. of Chicago Press, Ill. (u.a.), 1972.

MELIÁ, Bartomeu. *Una nación dos culturas*. Asunción: Ediciones CEPAG, 1988.

MELLO, Néson Cunha. *Conversando é que a gente se entende: Dicionário de expressões coloquiais brasileiras*. São Paulo: Leya, 2009.

METRAUX, A. *La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani*. Paris: Libraire Paul Geuthner, 1928, in BAREIRO SAGUIER R.: op.cit.

MONTOYA, Ruiz de. *Arte de la Lengua Guaraní*. Asunción: CEPAG, Fol. 2., 1993.

- MOTA, Carlos Guilherme. *Brasil: O livro dos 500 anos*. Barcelona-Buenos Aires: Cases i Associats, SA; 1996.
- MUSKAT, Eduardo, *Brazilian Lullaby*, CD, ellipsis arts..., Cologne, Germany.
- NAVARRO, E. A. *Método Moderno de Tupi Antigo*. São Paulo: Global, 3. ed., 2005.
- NOVAES, Adauto. *A outra margem do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ORTIZ S.I., Diego. *Hablemos el guaraní: curso completo en cuatro niveles para extranjeros*. Asunción: Litocolor S.R.L., 1990.
- PREFEITURA CUIABÁ. *Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Urbano. Perfil socioeconômico de Cuiabá*. Cuiabá: IPDU, AS&M, Central do Texto, Vol. 2. 2004.
- REPÚBLICA DEL PARAGUAY. *CONSTITUCION NACIONAL-versión guaraní*. Asunción: Convención Nacional Constituyente, 1992.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas Brasileiras*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *A língua dos índios xetá como dialeto guarani*. São Paulo: Cadernos de Estudos Lingüísticos 1, 1978.
- RODRIGUES BARBOSA, Dr. J. *Vocabulário indígena comparado para mostrar a adulteração da língua (complemento do poranduba amazonense)*. Rio de Janeiro: Publicação da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1892. Disponível em: Biblioteca Digital Curt Nimuendaju <http://biblio.etnolinguistica.org>
- SAVARIS, Manoelito Carlos. *Rio Grande do Sul: História e Identidade*. Porto Alegre: Metrópole, 2008.
- SAMPAIO, Theodoro. *O Tupi na geografia nacional*. 4. ed., Salvador: Câmara Municipal de Salvador, 1957.
- SILVA NETO; Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed., Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SOARES PEREIRA, Moacyr. *Índios Tupi-Guarani na pré-história: Suas invasões do Brasil e do Paraguai, Seu destino após o descobrimento*. Maceió: EDUFAL, 2000.

STADEN, Hans. *Zwei Reisen nach Brasilien*. Marburg (Lahn): Trautvetter und Fischer, 1995.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: arrojadas aventuras no século XVI entre os antropófagos do Novo Mundo*. São Paulo: Typograf Gutenberg, 1942.

STADEN, Hans. *In der Gewalt der nackten Menschenfresser*. Kelkheim /Taunus, Schmitz, 2004.

SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS (Instituto Linguístico de Verão), *Estudos sobre línguas e culturas indígenas*. Brasília, 1971.

THÉRY, H.; MELLO, Neli Aparecida de. *Atlas do Brasil, Disparidades e dinâmicas do território*. 1.ed. São Paulo: EDUSP, 2005. v.1.

TIBIRIÇÁ, Luíz Caldas. *Dicionário Guarani-Português*. São Paulo: Traço Editora Ltda, 1989.

TURNER, Christy G., TURNER. Jacqueline A. *Man corn: cannibalism and violence in the prehistoric American Southwest*. Salt Lake City: Univ. of Utah Press, 1999.

VARELA IGLESIAS, M. Fernando. *Panorama de Civilización Española: España y España en América*. Wien: Facultas Verlags- und Buchandels AG, 2005.

VENTURINI, Sergio. *O Índio nas Missões: Antes, Durante e Depois dos Jesuítas*. Porto Alegre: Edições Renascença, 2009.

VILLAGRA-BATOUX, Sara Delicia. *El guaraní paraguayo: de la oralidad a la lengua literaria*. Asunción: Expolibro, 2002.

WÖHLCKE, Manfred. *500 Jahre Brasilien: Die Entstehung einer Nation*. Freistadt: 4/4 Verlag, 2000.

ARTIGOS DA INTERNET

ABDALA, Fernando e RIBEIRO, Ana Maria, *A new therioherpetid cynodont from the Santa Maria Formation (middle Late Triassic), southern Brazil*. Disponível em: <http://www.mnhn.fr/publication/geodiv/g00n4a7.pdf>

AGOSTINI-COSTA, Tânia da S., VIEIRA F., Roberto, NAVES, Ronaldo V. *Caju identidade tropical que exala saúde*. Pesquisadores da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, Brasília, DF. 29.12.2005. Disponível em: <http://www.embrapa.br/embrapa/imprensa/artigos/2005/artigo.2005-12-29.6574944222>

ANTUNES, Cristina. *Arte de Gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil (1595)*. Brasiliense USP. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/node/326>

BACHEGA, Hugo. *ONU critica governo e diz que índio precisa ser melhor assistido*. publicado em 28.08.2009, Rede Brasil Atual. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2009/08/onu-critica-governo-e-diz-que-indio-precisa-ser-melhor-assistido>

BIBLIOTECA VIRTUAL GILBERTO FREYRE, *Casa-Grande e Senzala*, Disponível em: http://bvfg.fgf.org.br/portugues/critica/artigos_imprensa/preconceito_forte.htm

BIBLIOTECA IBGE, Cuiabá – Mato Grosso MT. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrosso/cuiaba.pdf>

BRAGA, Robério. *O Nome de Manaus*. Biblioteca virtual do Amazonas. Disponível em: http://www.bv.am.gov.br/portal/conteudo/serie_memoria/26_nome.php

BRASILIEN PORTAL. Disponível em: <http://www.brasilienportal.ch/>

CARVALHO, Cleide. *Quarenta e sete índios foram assassinados no Brasil em 2011*. Agência O Globo. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/quarenta-sete-%c3%adndios-foram-assassinados-brasil-2011-225642296.html>

CHAVES, Nilson. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/nilson-chaves/>

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm

CUNHA, Alécio. *Homo Brasilis – Genética comprova tese de Gilberto Freyre*. Disponível em: <http://www.laboratoriogene.com.br/genImprensa/homoBrasilis.htm>

CUT/RS. *Assembléia declara Sepé Tiaraju herói oficial do Estado*. Últimas Notícias, Nº 789, 3 de novembro de 2005 - 16 h. Disponível em:

http://www.sintrajufe.org.br/ultimas_noticias/UN_789-e.htm

DANIEL. *A Jiripoca Vai Piar*. Vagalume. Disponível em:
www.vagalume.com.br/daniel/a-jiripoca-vai-piar.html

DA SILVA, Josefa Maria Francieli et al. *O uso do maracujá-do-mato para o desenvolvimento da agricultura familiar no semiárido nordestino, Estudantes e professor assistente de graduação no curso de Agronomia da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri*. Disponível em:
submissoes.cariri.ufc.br/agro2010/.../p160.doc

FACHEL; Flávio. *Conheça região da Amazônia que está fora do mapa: o Exército está redescobrendo um Brasil desconhecido, com rios e morros e onde mora muita gente que conhece os segredos da floresta*. globo.com, São Joaquim, AM, 24/07/09.

Disponível em: <http://g1.globo.com/globoreporter/0,,MUL1242492-16619,00-CONHECA+REGIAO+DA+AMAZONIA+QUE+ESTA+FORA+DO+MAPA.html>

FAGUNDES NJ, KANITZ R, BONATTO SL. *A reevaluation of the Native American MtDNA genome diversity and its bearing on the models of early colonization of Beringia*. Unbound Medline, PLoS One 2008;3(9):e3157. Disponível em:
<http://www.unboundmedicine.com/medline/ebm>

FRANÇA, Angela. *Tupinismos e africanismos na visão de Mattoso Câmara*. In: III Encontro da Associação de Estudos Crioulos e Similares. USPoficina, de 13 a 15 de outubro de 2004. Disponível em:
<http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/29/328>

FANTASTIPEDIA. Disponível em: <http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Mapinguari>

ISTO É AMAZONIA – O Portal da Floresta. *Lenda e Mitos I*. Disponível em:
http://www.istoeamazonia.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=42

KITZINGER DANNEMANN, Fernando. *Estados brasileiros – Região Norte: origem dos nomes 10/06/2007*. Disponível em:
<http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=521436>

LIMAVERDE, Rosiane. *Os registros rupestres da Chapada do Araripe*. Ceará, Brasil. Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Preservação do Patrimônio-UFPE/

Fundação Casa Grande-Memorial do Homem Kariri. I Congresso Internacional SAB “Arqueologia Transatlântica” /XIV Congresso da SAB “Arqueologia, etnicidade e território” III Encontro do Iphan e arqueólogos. Disponível em:

<http://www.fundacaocasagrande.org.br/pdf/artigo.pdf>

MINEIRO, João e Marciano. Disponível em: <http://letras.mus.br/joao-mineiro-e-marciano/473180/>

MACHADO, Regina Coeli Vieira. *Lendas Indígenas*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em:

<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>

MIRANDA, Abrão. *Municípios – Amapá - Roteiros e Dicas*. Disponível em:

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/amapa/amapa.php> apud

<http://hjobrasil.com/ordem.asp?secao=37>

MORTIMER, Mickey. Disponível em: <http://dml.cmnh.org/2000Sep/msg00572.html>

MÜLLER, André, VELUPILLAI, Viveka, WICHMANN, Søren, BROWN, Cecil H (...). *ASJP World Language Tree of Lexical Similarity: Version 2* (2009). Disponível em:

<http://email.eva.mpg.de/~wichmann/WorldLanguageTree-002.pdf>

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Os estudos de Tupi Antigo e a crítica estruturalista*.

Disponível em: stoa.usp.br/vanianv/files/-1/4775/disciplina+tupi+l.doc

PEREGO U.A., ACHILLI A., ANGERHOFER N., ACCETTURO M., PALA M., OLIVIERI A., KASHANI B.H., (...), TORRONI A. *Distinctive Paleo-Indian Migration Routes from Beringia Marked by Two Rare MtDNA Haplogroups* (2009). *Current Biology*, 19 (1), p.1-8. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com>

SILVEIRA, Evanildo da. *Antes de Colombo: Chegada do homem ao território americano é alvo de pesquisas e polêmica*. Arqueologia. Disponível em:

<http://www.icb.ufmg.br/lbem/reportagens/AntesdeColombo2009rpb.pdf>

TADDONI PETTER, Margarida Maria. *Línguas Africanas no Brasil*. Disponível em:

<http://www.fflch.usp.br/dl/gela/textos/L%2B%A1nguas%20Africanas-%20500-2.pdf>

TUNES, Suzel. *Abá Nhe'enga oîebyr - tradução: A língua dos índios está de volta*.

Curso de Tupi Antigo. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlcv/tupi/artigo_1.htm

TUPINIQUIM RAMOS, Ricardo. *Toponímia paranaense de origem Tupi*. UFBA/UNEB. Disponível em: http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ8_10.htm

TV Brasil. *Caramuru (4/5) - De Lá pra Cá - 30/09/2009*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qao3JpzYPSE&feature=related>

VAINSECHER, Semira Adler. *Uirapuru*. Pesquisa Escolar Online. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisa-escolar/>.

WATERS, Michael R., FORMAN, Stevens L., JENNINGS, Thomas A. *The Buttermilk Creek Complex and the Origins of Clovis at the Debra L. Friedkin Site*. Texas. Science, Vol. 331 no. 6024 pp.1599-1603, DOI: 10.1126/science. 1201855

SITES DA INTERNET

ALDEIA NUMABOA. *Nomes e Expressões indígenas*. Disponível em: <http://www.numaboa.com/glossarios/indigenas>

AS LETRAS DAS CANTIGAS DE RODA. Disponível em: <http://www.alzirazulmira.com/cantigas.htm>

BANCO ITAÚ. Disponível em: <http://www.itaubr.com.br>

BRASILIEN PORTAL by sabiá brasilinfo. Disponível em: <http://www.brasilienportal.ch>

CIDADES. Disponível em: <http://www.cidades.in>

COCA-COLA. Disponível em: <http://www.cocacolabrazil.com.br/conteudos.asp?item=3&secao=36&conteudo=98>

COCORICÓ. Disponível em: <http://cocorico.musicas.mus.br/letras/>

COOPERATIVA PIÁ. Disponível em: <http://www.pia.com.br/>

COM TEXTO LIVRE, Disponível em: http://contextolivres.blogspot.co.at/2011_05_09_archive.html

ENGARRAFAMENTOS PITÚ Disponível em: <http://www.pitu.com.br/sobre-a-pitu>

ENCONTRA RJ. Disponível em: <http://www.encontrairaja.com.br/iraja/>

GALINHA PINTADINHA. Disponível em: www.galinhapintadinha.com.br

GRENDENE. Disponível em:

<http://www.grendene.com.br/www/company/brands.aspx?language=0>

GOVERNO DO AMAPÁ. Disponível em: <http://www.ap.gov.br/amapa/site/index.jsp>

GOVERNO DE GOIÁS. Disponível em: <http://www.goias.gov.br>

GOVERNO PARANÁ. Disponível em: <http://www.cidadao.pr.gov.br>

GOVERNO TOCANTINS. Disponível em: <http://to.gov.br/tocantins/historia/10>

INSTITUTO SOCIO AMBIENTAL (ISA). Disponível em:

<http://pib.socioambiental.org/pt>

INFORUM INSITE. *História de Santa Catarina: Período Colonial (1500-1822), Parte I, O descobrimento e o Reconhecimento da Costa*. Disponível em:

inforum.insite.com.br/arquivos/11312/colonia.doc

ITAIPU BINACIONAL. Disponível em: <http://www.itaipu.gov.br/energia/geracao>

LOJAS PAQUETÁ. Disponível em: <http://www.paqueta.com.br/2010/Institucional.asp>

ORIGEM DOS NOMES DE MUNICÍPIOS PAULISTAS. Disponível em:

http://www.py2gea.com.br/diversos/curiosidadegea/municipios_paulistas.htm

PORTAL AMAZÔNIA.COM. *Lenda Amazônica do Piracuru*. Disponível em:

www.portalamazonia.com.br/secao/amazoniadeaz/interna.php?=&pg=277 Acesso em: 10 janeiro 2012

PORTAL IPIRANGA. Disponível em: <http://www.ipiranga.com.br>

PORTAL SÃO FRANCISCO. Disponível em:

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/literatura-infantil-lendas-e-mitos-do-folclore/a-lenda-da-cobra-grande.php>

PORTAL DA TRADIÇÃO. Disponível em:

<http://www.amigosdatradicao.com.br/?pg=1&act=19>

PARQUE TUPÃ. Disponível em: <http://www.parktupa.com.br>

SIGNIFICADO DOS NOMES. Disponível em:
<http://www.significado.origem.nom.br/nomes>

SUPERMERCADOS GUANABARA. Disponível em:
<http://www.supermercadosguanabara.com.br/historia.php?area=tradicao>

SURVIVAL. Disponível em: <http://www.survival.es>

SUA PESQUISA. COM. *Nomes Indígenas*. Disponível em:
www.suapesquisa.com/indios/nomes_indigenas.

TERRA. *Cientistas tentam encontrar “monstro” na Amazônia*. Disponível em:
<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1742556-EI306,00.html>

TERRA. *Ciranda da Bailarina*. Disponível em: letras.mus.br/os-saltimbancos/1364593/

TV CULTURA. Disponível em: <http://tvcultura.com.br/cocorico/> e
<http://letras.terra.com.br>

UMUARAMA. *A Cidade*. Disponível em:
http://www.umuarama.pr.gov.br/institucional/a_cidade/1

WIKIPEDIA EM PORTUGUÊS: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki>

DEUTSCHE ZUSAMMENFASSUNG

Der Einfluss der indigenen Sprachen auf das Portugiesisch Brasiliens

Um die Lehnwörter der indigenen Sprachen im Portugiesisch Brasiliens besser zu verstehen, ist es wichtig, die Entwicklung und die Geschichte der ersten Einwohner des amerikanischen Doppelkontinents und ihre jeweiligen Sprachen zu kennen. In der Entwicklungsgeschichte des Menschen ist die Spezies *Homo sapiens* vor zirka 200.000 Jahren erstmals aufgetreten. Ausgehend von Afrika breitete sich der *Homo sapiens* über die ganze Erde aus. In Bezug auf die Besiedlung Amerikas gibt es keinen allgemeinen Konsens, was den genauen Zeitpunkt und die Anzahl der möglichen Migrationsflüsse auf den Kontinent betrifft, man weiß jedoch, dass seine Besiedlung viel später stattfand als die Besiedlung Afrikas, Asiens und Europas. Der Philologe Christy Turner stellte 1983 die Theorie dreier Einwanderungswellen auf, seine Theorie wurde 1986 durch den Linguisten und Genetiker Joseph H. Greenberg unterstützt. Diesem Modell zufolge geht die amerikanische Urbevölkerung auf drei aufeinanderfolgende aus dem Nordosten Sibiriens über die Beringstraße kommende Einwanderungsschübe von Jägern und Sammlern zurück, was bedeutet, dass die gesamte Urbevölkerung Amerikas von asiatischen Völkern abstammt. Von diesen drei Migrationen sind lediglich die Völker des ersten Migrationsstromes nicht in den bei ihrem Eintreten nächstgelegenen Gegenden in Kanada und im Norden der Vereinigten Staaten geblieben, sondern bis Feuerland am südlichsten Punkt Südamerikas weitergewandert. Diese Gebiete gehören heute zum Territorium von Argentinien und Chile. Diese Migration der Völker bis in den Süden passierte fast 2000 Jahre, nachdem die Eisbarriere östlich von Alaska, welche dieses vom heutigen Kanada trennte, geschmolzen war; diese Schmelze geschah vor circa 12.000 Jahren. Gemäß der Theorie von Turner und Greenberg über die drei Migrationsströme würden folglich die Ureinwohner Brasiliens von den Völkern der ersten Migration abstammen.

Man schätzt, dass die indigene Bevölkerung zum Zeitpunkt der Ankunft der Europäer auf dem Kontinent zwischen zwei bis vier Millionen Personen umfasste, jedoch ist es schwierig, eine exakte Zahl anzugeben, zumal es nicht möglich ist, diese Daten zu

beweisen. Antônio Houaiss, ein brasilianischer Philologe und Schriftsteller, präsentiert eine viel höhere Zahl, seinen Berechnungen zufolge waren es acht oder neun Millionen Ureinwohner, die das Land mit Ausnahme der nördlichen Andenzone bewohnten. Aktuelle Daten des Instituto Socioambiental ISA (des Instituts für Gesellschaft und Umwelt) zeigen, dass Brasilien derzeit mehr als 230 indigene Völker beherbergt, welche gemäß der Volkszählung 2010 des Instituto Brasileiro de Geografia e Estadística in Summe eine Bevölkerung von 817.963 Personen umfassen, was ungefähr 0,2% der Gesamtbevölkerung des Landes entspricht.

Zu Beginn der portugiesischen Landnahme existierten schätzungsweise 1000 Sprachen indigener Völker auf dem Gebiet Brasiliens. Die Sprachen der Ureinwohnerbevölkerung Amerikas, welche die Europäer im 15. und 16. Jahrhundert vorfanden, sind das Resultat eines langen Entwicklungsprozesses, der bereits seit der Migration dieser Völker nach Amerika im Laufen war. Man vermutet, dass gegenwärtig in Brasilien mehr als 180 von indigenen Völkern gesprochene Sprachen und Dialekte existieren. Eine ziemlich reduzierte Zahl, wenn man sie mit der bereits erwähnten Schätzung von 1000 Sprachen im 15. Jahrhundert vergleicht. Die Sprachen wurden gemeinsam mit ihren Sprechern infolge der von den Europäern mitgebrachten Krankheiten, gegen welche die Ureinwohner nicht immun waren, dezimiert, ebenso aufgrund der Versklavung der Ureinwohner, da viele Indigene lieber Selbstmord begingen, als als Sklaven auf den Zuckerrohrplantagen zu arbeiten. Außerdem gab es in den ersten Jahren nach den Entdeckungen viele Kriege um den Besitz von Grund und Boden, einige Stämme kämpften gemeinsam mit den Portugiesen, andere gemeinsam mit den Franzosen gegen die Portugiesen. Die indigene Dezimierung ist noch immer ein ziemlich aktuelles Thema, in den 70er Jahren zum Beispiel erlitten mit der Öffnung der Transamazônica und anderer Straßen alle jene Stämme, die diese Region bewohnten, einen enormen Schaden. In den letzten Jahren bewirkte der Kampf um den Besitz der Ländereien und die Verzögerung der indigenen Gebietsabgrenzung, dass viele Indigene auf Geheiß der Großgrundbesitzer ermordet wurden, darüber hinaus kann die Konstruktion von Wasserkraftwerken wie jenes in Belo Monte im Fluß Xingu (Usina Hidrelétrica de Belo Monte), welches voraussichtlich 2015 in Betrieb genommen werden soll, in das Leben und die Gewohnheiten vieler indigener Stämme und Tier- und Pflanzenarten, deren Überleben von diesem Fluss abhängt, eingreifen.

Die indigenen Sprachen Brasiliens und ihr Einfluss auf das brasilianische Portugiesisch sind das zentrale Thema dieser Arbeit. Die indigenen Sprachen, welche die Kolonisierung überlebten, teilen sich in vier große Gruppen: das Tupi, welches von vielen Stämmen, die über einen breiten Streifen zwischen Amazonas und Rio Grande do Sul verteilt leben, gesprochen wird; das Jê, dessen Sprecher sich hauptsächlich im Araguaia-Tocantins-Becken konzentrieren; das Caribe, dessen Stämme sich in Mato Grosso und im Norden des Amazonas befinden; und das Aruaque, welches in der Region von Pantanal und im Westen des Amazonas vorherrscht.

Was deren Klassifizierung betrifft, sind fast alle indigenen brasilianischen Sprachen in zwei große Stämme geteilt, das Tupi und das Macro-Jê. Es gibt jedoch linguistische Familien, die in keinen dieser Stämme eingeordnet werden können, weil sie nicht genügend Ähnlichkeiten aufweisen, um in diese Gruppen aufgenommen zu werden.

Die linguistische Familie Tupi-Guarani gehört zum Stamm Tupi. Diese Familie verdient eine Hervorhebung in dieser Arbeit, weil aus dem Tupi und Guarani Antigo (zwei Sprachen, die zu dieser Familie gehören) der Großteil der indigenen Vokabel des brasilianischen Portugiesisch entlehnt wurde. Die Familie Tupi-Guarani besitzt eine große territoriale Ausbreitung, wobei sie eine der weitestverbreiteten linguistischen Familien in Südamerika ist, deren Sprachen in vielen Bundesstaaten Brasiliens gesprochen werden.

In der vorliegenden Arbeit wurde versucht, eine Parallele zwischen dem historischen Kontext und den Lehnwörtern zu ziehen, das bedeutet, es wurde der historische Kontakt zwischen Portugiesen und Einheimischen analysiert und die Auswirkung, welche dieser auf die Lehnwörter hatte. Einem von Pero Vaz de Caminha, einem portugiesischen Schriftsteller, welcher die Flotte von Pedro Álvares Cabral begleitete, verfassten Brief zufolge, ergab sich der erste Kontakt zwischen Europäern und Ureinwohnern durch Kommunikation mit Gesten.

Die Entlehnung von indigenen Ausdrücken ins Portugiesische erfolgte überwiegend in den Jahren unmittelbar nach der Entdeckung Brasiliens, als dessen Besiedlung gerade begonnen hatte; das bedeutet einen Zeitrahmen vom Beginn der Kolonisierung bis zur Ankunft von Martim Afonso de Sousa im Jahr 1531 und der Gründung von Kapitanaten (Hafenbehörden) im Land. In diesen ersten Jahren, als

der Europäer noch nicht die Namen für diverse Objekte und für die lokale Fauna und Flora kannte und diese sich auch deutlich von den in Europa zu findenden unterschieden, entlehnte er deshalb verschiedene Bezeichnungen den indigenen Sprachen. Die Behauptung von Lyle Campbell, einem US-amerikanischen Philologen, über das Motiv für die Entlehnung der Wörter, trifft auf Brasilien zu. Ihm zufolge ist eines der Motive die "Notwendigkeit" und genau aus diesem Grund wurden indigene Vokabel in den ersten Jahren ins Portugiesische übernommen, zumal sich diese Vokabel in erster Linie in der Nomenklatur für Fauna und Flora finden. Es wird angenommen, dass 70% der Namen für Fauna und Flora im Portugiesischen auf indigene Sprachen zurückgehen. Der Großteil der exotischen Tiere und Pflanzen, welche die Portugiesen nicht kannten, bewahrte ihre originalen Namen. Es finden sich auch zahlreiche indigene Wörter für Utensilien, Nahrungsmittel, Geländeformationen, Glauben und sogar Krankheiten.

In den Jahrhunderten nach der Kolonisierung, entwickelte sich eine Situation des Bilinguismus in Brasilien. Die indigenen und afrikanischen Komponenten, welche im Portugiesisch der neuen Länder aufscheinen, können als ein Beispiel für ein Adstrat klassifiziert werden.

Die Jesuiten spielten eine wichtige Rolle bei der Dokumentation und Verschriftung der Sprache Tupi, einer indigenen Sprache, welche in der Epoche der Entdeckungen an der Küste Brasiliens gesprochen wurde. Die ersten Jesuiten kamen gemeinsam mit dem ersten Generalgouverneur Tomé de Sousa im Jahr 1549 nach Brasilien. Später wurden Werke in Tupi Antigo publiziert wie zum Beispiel *A Arte de Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil* (Die Kunst der Grammatik der am meisten verwendeten Sprache an Brasiliens Küste), dies ist die erste Grammatik in der Sprache Tupi, welche im Jahr 1595 von Pater José de Anchieta em Coimbra veröffentlicht wurde. Anchieta publizierte auch Verse in Tupinambá, unter seinen Werken finden sich 30 lyrische und dramatische Dichtungen, welche insgesamt mehr als 4000 Verse umfassen. Im Jahr 1618 publizierte er auch den *Catecismo na Língua Brasileira* (Katechismus in Brasilischer Sprache), dieses Werk umfasst ungefähr 300 Seiten und ist in Tupi geschrieben. Es gab auch eine zweite Edition des *Catecismo*, welche im 17. Jahrhundert von Pater Bartolomeu de Leão publiziert wurde. Ein anderes wichtiges Werk dieser Periode ist die *Arte da Língua Brasileira* (Kunst der Brasilischen Sprache) des Jesuitenpaters Luis Figueira, das Werk wurde im Jahr

1621 gedruckt. Weiters gibt es ein Jesuitenwörterbuch mit dem Titel *Vocabulário na Língua Brasileira* (Vokabular in Brasilischer Sprache). Alle diese Werke dienten dem Zweck, den Jesuiten das Erlernen der Sprache zu erleichtern, um ihr Ziel der Evangelisierung der Ureinwohner zu erreichen. An Hand dieser Vereinfachung und Unterrichtung des Tupi Antigo, welches späterhin Língua Geral (Allgemeine Sprache) genannt wurde, lernten die Kolonisatoren, Forscher und Missionare, welche nach Brasilien kamen, die Allgemeine Sprache. Die Língua Geral wurde sowohl von den Weißen gesprochen als auch von den sogenannten Mameluken, den Kindern einer Indigenen mit einem Weißen, und war für viele von ihnen ihre Muttersprache.

Die sogenannten Entradas und Bandeiras, Expeditionsbewegungen zur Erschließung des Urwaldes, um das neue Land zu erforschen, Sklaven und Edelsteine zu finden, trugen zur Expandierung der Grenzen des portugiesischen Territoriums bei und auf eine bedeutungsvolle Weise auch zur Entlehnung von indigenen Toponymen für die Ortschaften, welche sie gründeten; viele dieser Städte mit Tupi-Toponymen waren niemals von den Indios Tupinambá bewohnt worden. 13 von 26 brasilianischen Bundesstaaten besitzen indigene Namen: Acre, Roraima, Amapá, Tocantins, Pará, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Piauí, Sergipe, Goiás und Paraná. Einige ihrer Hauptstädte besitzen auch indigene Namen: Manaus, Macapá, Aracaju, Maceió, Curitiba, Cuiabá, Goiânia. Auch die Namen vieler brasilianischer Städte leiten sich von indigenen Sprachen ab.

Im Laufe der Zeit erlangte die Sprache der Einheimischen eine Prestigegröße, weil sie bereits von einer größeren Anzahl von Menschen gesprochen wurde als Portugiesisch. Für Lyle Campbell gibt es für die Entlehnung der Wörter zwei wesentliche Gründe, der erste die bereits oben zitierte "Notwendigkeit" und der zweite das Prestige; dieser letzte Grund würde besser die Situation der Língua Geral im 17. Jahrhundert und Anfang des 18. Jahrhunderts treffen. Deshalb entschied Sebastião José de Carvalho e Melo, bekannt unter dem Titel Markgraf von Pombal, im Jahr 1758, den Gebrauch der Língua Geral im ganzen nationalen Territorium zu verbieten, als er sah, dass diese eine mögliche Gefahr für die portugiesische Sprache darstellte.

Am Ende des 19. Jahrhunderts erlebte der Indio eine Renaissance in der Literatur. Nicht-indigene Schriftsteller suchten ihre Wurzeln in der Vergangenheit. Auf diese Weise begann die Suche nach einer nationalen Identität und diese Identität war

verbunden mit der Figur des Indios. In dieser Epoche wurde der Indigene glorifiziert und verwandelte sich in das Symbol des Nationalhelden, den Rittern Europas im Mittelalter vergleichbar. In dieser Arbeit werden drei wichtige Werke aus dieser Periode analysiert, in welchen sich viele Vokabel indigenen Ursprungs und viele kulturelle Spuren finden, alle drei Werke wurden von José de Alencar geschrieben. Mario de Andrade verfasste im 20. Jahrhundert mit modernistischen Ideen den Roman *Macunaíma*, wo die Heldenfigur gänzlich von den idealisierten Helden des 19. Jahrhunderts abweicht.

In der vorliegenden Arbeit wird der Schluss gezogen, dass es in den letzten Jahrhunderten noch immer eine starke Präsenz der indigenen Lehnwörter im Portugiesisch Brasiliens gibt, unter anderem in den Anthroponymen, Legenden, Liedern, Namen von Institutionen, Produkten und wissenschaftlichen Fachgebieten, jedoch sind die Lehnwörter vor allem indigene Begriffe, welche bereits früher ins brasilianische Portugiesisch entlehnt wurden. Die aktuellen Bestrebungen der Suche nach indigenen Ausdrücken scheinen weder aus Not noch aus Prestige zu erfolgen. Aus den Antworten von Personen, welche über den Grund befragt wurden, warum sie einen indigenen Namen aussuchen, lässt sich erkennen, dass die Hauptkomponente für diese Auswahl die Suche nach einem "Brasilianischsein" oder nach einer "nationalen Identität" ist, Namen welche Brasilien von anderen Ländern abheben. Beispiele für den Gebrauch von indigenen Lehnwörtern finden sich in verschiedenen Fachgebieten der Wissenschaft wie der Paläontologie, um nur eines zu zitieren. Zahlreiche Genera und Spezies erhielten von ihren Erstbeschreibern Namen indigener Herkunft wie zum Beispiel die Dinosaurier *Saturnalia tupiniquim*, *Angaturama*, der Sauriervorfahr *Sacisaurus agudoensis*, und die Pterosaurier *Tupuxuara*, *Anhanguera* und *Tapejara*. Nach Dr. Cesar Schultz, Professor, Paläontologe und einer der Verantwortlichen für die "Paleorrota", ein fossilienreiches Gebiet im Süden Brasiliens, verleihen jene Namen den Tieren eine brasilianische "Identität", welche sofort von jedem ausländischen Forscher erkannt wird und außerdem ermöglicht, neuentdeckten Arten einen Namen zu geben, der bislang noch nicht vergeben wurde.

Vielleicht trägt diese brasilianische "Identität", welche ihre Wurzeln in den indigenen Kulturen und Namen sucht, dazu bei, das Bild der indigenen Bevölkerungen gegenüber der übrigen brasilianischen Bevölkerung zu verbessern. Noch immer gibt

es viele Klischees rund um diese Völker wie zum Beispiel die, dass die Indios passive Völker seien, rückständig und wild. Diese Klischees wurden während mehrerer Jahrhunderte und unter den verschiedensten Regierungsformen gepflegt. Die Rechte der Ureinwohner wurden erst mit der Verfassung von 1988 anerkannt. Die Verfassung erkannte sie als Indios an, ermöglichte ihnen, vor dem Gesetz ihren Ursprung, ihre Sprachen und kulturellen Identitäten zu bewahren und begann den Kampf um die Abgrenzung ihrer Gebiete. Bis dahin waren ihre Sprachen nicht immer anerkannt, wie zum Beispiel während der Periode der Militärdiktatur von 1964-1980, als den Indigenen verboten wurde, irgendeine andere Sprache außer Portugiesisch zu sprechen. Außerdem war es in dieser Epoche verboten, dass sie ihre Dörfer verließen, um ihr Kunsthandwerk zu verkaufen, weil es als "gefährlich" betrachtet wurde. Dieses falsche Bild über die Ureinwohner wird oftmals von den Massenmedien verbreitet. Die gegenwärtige Situation ist besser, allerdings zeigen Daten, dass die Brasilianer sehr wenig wissen oder das Bild der Indios mit deren Vergangenheit (mit der Epoche der Eroberungen) verbinden, wie der Ex-Präsident der Nationalen Indio-Stiftung Funai (Fundação Nacional do Índio) Marcos Augusto Freitas de Meira bestätigt; ihm zufolge spricht man in den Schulen immer noch davon, dass die Indios in Brasilien "lebten" oder in Ocas (in riesigen, rechteckigen Gemeinschaftshäusern) "wohnten", immer in der Vergangenheit, was zu der Annahme beiträgt, dass der Indio gegenwärtig nicht existiert. Für Freitas de Meira lernen die Kinder von klein auf, den Indio als Teil der Vergangenheit zu sehen und ohne Platz in der Gegenwart und in der Zukunft.

Die brasilianische Geschichte kann nicht von der indigenen Geschichte getrennt werden, die eine zu verleugnen bedeutet, die andere zu verleugnen; das Erbe, das die Einheimischen hinterlassen haben, ist, wie man beobachten kann, unverwechselbar und bleibt bis zum heutigen Tage. Was die indigene Frage betrifft, so ist das vielleicht größte Hindernis, das es gegenwärtig zu überwinden gilt, der brasilianischen Bevölkerung die Wichtigkeit der indigenen Rolle in der Gesellschaft bewusst zu machen und die Wichtigkeit, ihre Sprachen und Kulturen zu bewahren, denn diese stellen ein Welterbe der Menschheit dar. In dieser Arbeit wird der Schluss gezogen, dass der indigene Einfluss, obwohl er vorrangig in einigen Bereichen wie im Vokabular aufscheint, ziemlich umfassend ist und sich bis zum heutigen Tag erstreckt, er trug und trägt ebenso wie der afrikanische Einfluss dazu bei, das Portugiesisch Brasiliens zu bereichern.

CURRICULUM VITAE

Aline Liliane Courtois Vosatka

Lorystraße 85/1/61, 1110 Wien

E-mail: alinecourtois2002@yahoo.com.br

PERSÖNLICHE DATEN

Geburtsdatum: 03.08.1982
Geburtsort: Vacaria, Rio Grande do Sul, Brasilien
Familienstand: verheiratet
Kinder: 1, geb. 2008
Staatsbürgerschaft: Brasilien

AUSBILDUNG

2005 – laufend Universität Wien, Studium Romanistik: Spanisch
2004 – laufend Universität Wien, Studium Romanistik: Portugiesisch
2004 – 2005 Universität Wien, Vorstudienlehrgang zur Studienberechtigung
2001 – 2003 Universidade Lageana de Educação, Lages (Santa Catarina),
Studium Internationale Wirtschaft
1997 – 2000 Oberstufe mit Matura in Vacaria
1989 – 1997 Grundschule in Vacaria

BERUFLICHE TÄTIGKEITEN

2011 – laufend SPIDI language Portugiesisch-Trainerin
Hauptaufgaben: Portugiesisch für Erwachsene
2007 – laufend Wiener Volkshochschulen, VHS Favoriten, Polycollege,
Meidling, Floridsdorf, Portugiesisch-Trainerin
Hauptaufgaben: Portugiesisch für Erwachsene
2006 – laufend Greentube Internet Entertainment Solutions GmbH
Übersetzerin Hauptaufgaben: Übersetzung der Homepage
vom Deutschen ins Portugiesische

BERUFLICHE QUALIFIKATIONEN

| | |
|-------------|--|
| 2008 – 2009 | Französisch-Kurse Universität Wien |
| 2003 – 2004 | Mehrere Deutschkurse an der Universität Wien, Institut WIHOK, bis zur Stufe Fortgeschrittene 3 |
| 2001 – 2002 | Englisch-Kurse, Sprachschulen Yázigi und Wizard |
| 2001 | Computer-Kurs, Instituto Paulista de Ensino e Cultura |

WEITERE TÄTIGKEITEN

Mitarbeit bei der Frauengruppe von Amnesty International

Beitrag für die “Bunte Zeitung – Medium für Würde, Gerechtigkeit und Demokratie”

Tutorium für erstsemestrige Ausländer am Vorstudienlehrgang der Universität Wien